

**Um Olhar Sobre as Experiências de Mulheres Imigrantes em  
Cursos EFA – Histórias de Vida**

**Luís Filipe da Câmara da Fonseca**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação**

**Agosto, 2014**

**Um Olhar Sobre as Experiências de Mulheres Imigrantes em  
Cursos EFA – Histórias de Vida**

**Luís Filipe da Câmara da Fonseca**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação**

**Agosto, 2014**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Texto elaborado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Nas citações de obras portuguesas editadas antes da entrada em vigor do Acordo Ortográfico mantém-se a grafia original, assim como em todas as citações feitas pelo autor pertencentes a obras que foram redigidas antes da entrada em vigor do referido Acordo.

*“Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.”*

Do Poema *Para Ser Grande*, Ricardo Reis

## Dedicatória

Ao meu pai e irmã

À minha mãe (*in memoriam*)

À minha avó materna (*in memoriam*)

## **Agradecimentos**

Ao concluir esta dissertação de mestrado, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, por ter aceitado a orientação deste estudo, pela disponibilidade, compreensão e pela confiança em mim depositada.

Ao Professor Doutor José Félix Costa, pelo apoio incondicional que me facultou ao longo deste trabalho. A nossa amizade, que já é de uma década, permitiu-me beneficiar do contributo da sua vasta cultura. O meu obrigado pelas suas recomendações e sugestões.

Dedico, igualmente, uma palavra de agradecimento aos professores universitários João Nogueira, Rui Santos e Vítor Tomé pelo ensinamento transmitido nas aulas do Mestrado em Ciências da Educação.

Finalmente, tenho de manifestar o meu reconhecido agradecimento a todas as mulheres participantes neste estudo, por terem «aberto as suas histórias de vida» à curiosidade do investigador.

A todos, o meu muito obrigado!

# **Um Olhar Sobre as Experiências de Mulheres Imigrantes em Cursos**

## **EFA – Histórias de Vida**

Luís Filipe da Câmara da Fonseca

### **Resumo**

A dissertação que apresentamos visa a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação, pela Universidade Nova de Lisboa, tendo como título “Um olhar sobre as experiências de mulheres imigrantes em cursos EFA- Histórias de Vida”.

Este trabalho de investigação, desenvolvido no domínio da Educação e Formação de Adultos, procurou saber porque é que mulheres imigrantes, após uma interrupção nos estudos no seu país de origem, decidiram voltar a estudar, concluindo estudos em cursos EFA, em Portugal.

Para o efeito, foi constituído um grupo de estudo de nove mulheres, três brasileiras, três cabo-verdianas e três de países do leste europeu, que se encontram em formação em cursos EFA num Instituto de Emprego e Formação Profissional do distrito de Setúbal.

A investigação seguiu uma metodologia qualitativa, utilizando a narrativa escrita, a observação participante e a entrevista individual semidiretiva em profundidade, tendo sido também efetuadas conversas informais. Trabalhámos a partir da análise dos dados contidos no documento “narrativa de vida”, contrastando-o posteriormente com o conteúdo das entrevistas.

O estudo procurou focar várias dimensões do percurso de vida e dos momentos migratórios: a biografia familiar; percurso escolar, percurso profissional; os acontecimentos que motivaram a emigração; os motivos que conduziram à formação em cursos EFA; expetativas após a conclusão dos referidos cursos.

Os dados obtidos foram objeto de uma análise crítica articulada com o enquadramento teórico, procurando evidenciar as motivações e expetativas existentes nestas formandas.

Os relatos das participantes permitiram conhecer os seus percursos escolares nos países de origem, os motivos que as levaram a inscrever-se em cursos EFA em Portugal, assim como as dificuldades enfrentadas e perceber o que a educação e a formação representam para estas mulheres e que expetativas têm após finalizarem os cursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres Imigrantes, Educação e Formação de Adultos, Cursos EFA de nível secundário, Aprendizagem ao longo da vida.

# **Um Olhar Sobre as Experiências de Mulheres Imigrantes em Cursos**

## **EFA – Histórias de Vida**

Luís Filipe da Câmara da Fonseca

### **Abstract**

This dissertation, entitled “A look at the experiences of immigrant women in courses EFA – Life Stories”, is submitted to the Universidade Nova de Lisboa as fulfillment of requirements to obtain the degree of Master in the Science of Education.

This research addresses Education and Training of Adults and demands to know why, after a break in studies in their countries, do immigrant women decide to go back to school and complete their studies in EFA courses in Portugal.

To this end a case study of nine women was constituted: three from Brasil, another three from Cape Verde and three from countries in East Europe; the nine women have been enrolled in several courses of EFA Institute of Employment and Vocational Training (in Setúbal county).

The research followed a qualitative methodology using narrative writing, observation and in-depth individual interview after informal preparatory conversations. We worked from the analysis of data contained in the document “life narrative”, contrasting it with later content of the interviews.

This study focused on various aspects of the life course and migratory moments of the subjects: a family biography; educational background, professional career; events leading to emigration; reasons leading to the enrolment in EFA courses; expectations after completion the courses.

Data were object of critical analysis in a theoretical framework, emphasising existing motivations and expectations in these trainees.

The narratives of the subjects allowed to follow their school careers in their home countries, the reasons that led them to enroll in courses EFA in Portugal, as well as the difficulties they pass through, and then to realize what does education and training represent to these subjects and what expectations do they have after completing their courses.

**KEYWORDS:** Immigrant Women; adult education; EFA courses secondary level; lifelong education.

# Índice

Dedicatória.....	III
Agradecimentos .....	IV
Resumo .....	V
Abstract .....	VI
Índice de Quadros .....	IX
Índice de Gráficos .....	X
Índice de Anexos.....	XI
Lista de abreviaturas .....	XII
Introdução .....	1
Justificação do tema .....	2
Questões de partida .....	3
Objetivos do estudo.....	3
Estrutura do estudo.....	4
1 Enquadramento Teórico – Migrações, Género, Educação .....	4
1.1 Conceitos .....	5
1.1.1. Os conceitos de imigrante e de estrangeiro .....	5
1.1.2 Conceito de imigração .....	7
1.1.3 Conceito de migrações.....	8
1.1.4 Conceito de emigração .....	8
1.2 Portugal, um país de acolhimento .....	9
1.2.1 A feminização das migrações .....	15
1.3 A Educação de Adultos em Portugal.....	17
1.3.1 A Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos .....	17
1.3.2 Direção-Geral de Formação Vocacional e a Agência Nacional de Qualificação .....	20
1.4 Os cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA).....	21
1.4.1 Educação e Formação de Adultos .....	23
1.4.2 Aprendizagem ao longo da Vida.....	25
1.5 Motivação .....	28
1.6 Expetativa .....	30
1.7 Síntese.....	31
2 Estudo Empírico: Metodologia e estratégia de investigação .....	31
2.1 Desenho do estudo.....	31
2.2 Investigação qualitativa .....	32
2.3 Instrumentos de recolha de dados .....	33
2.3.1 Blocos da entrevista.....	34
2.3.2 Narrativa escrita .....	34
2.3.3 Conversas informais .....	34

2.3.4	Participantes .....	34
2.3.5	Critérios de escolha das mulheres .....	35
2.3.6	Procedimentos .....	35
2.3.7	Limitações .....	36
2.3.8	Resultados .....	36
2.4	Participantes .....	36
2.4.1	Mulheres Brasileiras .....	36
2.4.2	Mulheres cabo-verdianas .....	40
2.4.3	Mulheres de países de Leste .....	43
2.5	Análise dos Casos.....	45
2.5.1	Mulheres Brasileiras .....	45
2.5.2	Mulheres Cabo-Verdianas .....	49
2.5.3	Mulheres de «Países de Leste» .....	54
2.6	Análise Global dos Resultados.....	57
2.6.1	Caracterização das mulheres .....	57
2.6.2	Decisão de emigrar .....	58
2.6.3	Vida Profissional .....	59
2.6.4	Formação escolar anterior ao processo migratório .....	59
2.6.5	Situação em Portugal .....	60
2.6.6	Motivação .....	61
2.6.7	Sobre satisfação com o curso .....	62
2.6.8	Relação com colegas e com professores / formadores .....	62
2.6.9	Expetativas .....	62
2.6.10	Informação complementar .....	63
2.7	Conclusões .....	63
	Referências.....	66
	Anexos .....	83

## **Índice de Quadros**

Quadro 1 – Organismos responsáveis pela política de Educação de Adultos em Portugal.... 21

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da População Imigrante Residente em Portugal. ....	13
Gráfico 2 – Principais comunidades de Imigrantes em Portugal em 2013. ....	14
Gráfico 3 – População imigrante por género.....	14

## Índice de Anexos

Anexo 1 – Distribuição geográfica da população imigrante em Portugal, 2013.....	83
Anexo 2 – Percurso migratório autónomo .....	84
Anexo 3 – Percurso migratório familiar.....	85
Anexo 4 – Tipologia de cursos EFA .....	86
Anexo 5 – Taxa de abandono precoce de educação e formação: total e por sexo .....	87
Anexo 6 – Perfil das Mulheres Entrevistadas.....	88
Anexo 7 – Habilitações académicas antes da vinda para Portugal.....	89
Anexo 8 – Situação legal.....	90
Anexo 9 – Guião da Entrevista.....	91
Anexo 10 – Declaração de Consentimento Informado .....	94
Anexo 11 – Formulário (Narrativa de Vida).....	95
Anexo 12 – Transcrição das Entrevistas .....	96

## Lista de abreviaturas

ALV	Aprendizagem ao Longo da Vida
ANEFA	Agência Nacional para a Educação e Formação de Adultos
ANQ	Agência Nacional para a Qualificação
CEE	Comunidade Económica Europeia
CONFINTEA	Conferência Internacional sobre Educação de Adultos
EFA	Educação e Formação de Adultos
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional
INE	Instituto Nacional de Estatística
INO	Iniciativa Novas Oportunidades
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
RVCC	Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
UE	União Europeia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Introdução<sup>1</sup>

*«Qualquer trabalho de investigação tem que ser entendido à luz de uma dupla contextualização: a partir de uma realidade de ordem subjectiva, do posicionamento do sujeito-autor-investigador (experiência adquirida, percurso desenvolvido, motivações, interesses, projectos, etc.) e a partir de um contexto histórico, social, cultural onde este se insere.»*

(Pires, 2002, p.3)

Atualmente, o conhecimento constitui um dos fatores decisivos para o desenvolvimento humano. Tal facto ajuda a explicar o papel crucial que a educação e a formação detêm nas sociedades atuais. Para que uma sociedade baseada no conhecimento alcance o crescimento económico sustentado, um aumento da competitividade e o reforço da coesão social deve proporcionar à sua população uma melhoria da qualidade e dos níveis de educação e de formação (Dias, 2005).

De acordo com Miguéns (2007) «o investimento na educação e formação de todos traz vantagens (...) ao nível da empregabilidade, da produtividade e da qualidade dos empregos (...) [assim como] benefícios que podem advir para a participação cívica dos cidadãos, para o bem-estar, auto-estima e realização das pessoas» (p.12). Deste modo, podemos dizer que o conceito de educação surge nos nossos dias «como uma variável económica, associado a uma rede conceptual onde as noções de empregabilidade, competitividade, produtividade são determinantes» (Gaspar, 2012, pp.46-47).

Hoje, verifica-se o surgimento de exigências de qualificação cada vez maiores. No nosso país reconhece-se a necessidade de criar sistemas de educação e formação de qualidade para todos, de modo a elevar os níveis de competência dos cidadãos. Portugal é um dos países da União Europeia em que as qualificações académicas e profissionais ainda não são as desejáveis (Ávila, 2007). Acrescente-se a esta situação o facto de ser um dos países que apresenta fracas taxas de participação de adultos em atividades de aprendizagem.

A educação e formação de adultos pode permitir uma plena integração dos indivíduos nos ambientes de trabalho e na sociedade, combatendo a pobreza, a exclusão social e a marginalização dos excluídos pelas baixas qualificações ou pelo desemprego. Monteiro (2011) foi um dos autores que se debruçou sobre a questão de como pode a educação de

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, a dissertação adota as normas gráficas da sexta edição do livro de estilo da American Psychological Association (APA, 2010).

adultos contribuir para a inclusão social de grupos mais desfavorecidos. O autor usou o exemplo de cursos de EFA dirigidos a mulheres desempregadas e residentes em meio rural, procurando analisar o modo como a educação se pode transformar num passo importante para que estes adultos vejam reforçada a sua condição de cidadania e a capacidade para participarem na determinação do seu destino.

Portugal não tem ignorado a importância da temática da educação associada às políticas de integração de imigrantes. O nosso país tem vindo, desde o início da década de 1990, a promover uma política educativa sensível aos desafios que se colocam com a imigração. Saliente-se, também a importância dos Planos para a Integração dos Imigrantes que procuraram assegurar o pleno respeito pelos direitos dos imigrantes, promover a coesão social, a igualdade de oportunidades e favorecer a sua integração na sociedade portuguesa. O primeiro Plano, que vigorou no período de 2007-2009, colocou Portugal no grupo de países da União Europeia que adoptaram um instrumento de orientação global das políticas públicas para a integração dos imigrantes e o segundo vigorou no período de 2009-2013.

Os cursos EFA podem contribuir para uma melhor integração de imigrantes na sociedade portuguesa, permitindo-lhes adquirir as competências e as qualificações necessárias para enfrentar as exigências crescentes do mercado de trabalho.

Neste estudo, pretendemos conhecer o que leva mulheres imigrantes a frequentar cursos EFA, quais são as suas motivações e expectativas. Este é o mote do nosso estudo, que adiante explicitaremos.

### **Justificação do tema**

O nosso estudo de investigação intitula-se «Um Olhar Sobre as Experiências de Mulheres Imigrantes em Cursos EFA – Histórias de Vida». Os motivos que nos conduziram à escolha deste tema encontram-se relacionados com a nossa experiência profissional. Com este trabalho pretendemos contribuir para uma melhor compreensão das mulheres imigrantes que se encontram a estudar em cursos EFA, conhecendo as suas histórias de vida. Somos professores de História dos ensinos básico e secundário encontrando-nos, no presente ano letivo, a exercer funções como formadores num IEF. No nosso dia a dia trabalhamos com formandos de diferentes faixas etárias num ambiente marcadamente multicultural. Tal facto, leva-nos a encarnar o papel do «professor-investigador»<sup>2</sup> e a desejar compreender de forma

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Alarcão, I. (2000).

mais aprofundada por que mulheres imigrantes frequentam cursos EFA, as experiências vividas, as motivações pessoais, as expectativas após terminarem o curso.

De salientar que decidimos realizar o estudo empírico no distrito de Setúbal, onde trabalhamos, por motivos de disponibilidade e de facilidade de deslocação, mas também como forma de contornar as limitações temporais, uma vez que acumulámos a investigação com a nossa atividade profissional.

Tal como outros investigadores, como por exemplo Mendes (2008) e Miranda (2009) decidimos que a população-alvo do nosso estudo deveria pertencer às nacionalidades imigrantes mais representativas no nosso país, brasileira e cabo-verdiana, mas também contemplar mulheres de países do leste da Europa.

No decorrer do trabalho de campo fomos selecionando os sujeitos tendo em atenção características como a idade, a situação familiar e o tempo de estadia em Portugal. Várias mulheres se voluntariaram para participar no estudo, mas decidimos selecionar três de cada uma das comunidades mencionadas, perfazendo um total de nove participantes.

### **Questões de partida<sup>3</sup>**

As questões de investigação que orientam este estudo são a seguir formuladas:

- Porque é que as mulheres imigrantes decidem estudar no país de acolhimento?
- Quais as suas motivações?
- Quais as expectativas que têm depois de terminarem o curso de Educação e Formação de Adultos?
- De que modo é que o conhecimento das motivações e expectativas dos adultos pode promover o ensino nos Cursos de Educação e Formação de Adultos?

### **Objetivos do estudo**

Indicam-se, de seguida, os objetivos que, alicerçados nas questões previamente colocadas, nortearam o desenvolvimento da presente investigação:

- Identificar as razões pelas quais mulheres imigrantes abandonaram os estudos no seu país de origem.

---

<sup>3</sup> As nossas questões de partida e objetivos de estudo tiveram como referência a Tese de Doutoramento de Dulce Silva, intitulada *Volta à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social*, defendida na Universidade Nova de Lisboa no ano de 2013.

- Descrever as principais motivações declaradas pelas formandas que procuraram novamente o ensino num país que não é o seu (estudo em Cursos de Educação e Formação de Adultos).
- Interpretar essas motivações.
- Refletir sobre a implicação do conhecimento das motivações e das expectativas dos adultos na promoção do ensino em Cursos de Educação e Formação de Adultos.

### **Estrutura do estudo**

O estudo encontra-se organizado em três capítulos, os quais se seguem a uma breve introdução. O capítulo 1 compreende o enquadramento teórico sobre as diversas temáticas que clarificam o objeto de estudo. Neste capítulo dedicamos a nossa atenção a alguns conceitos, tais como imigrante e migrações, a Portugal enquanto país de acolhimento e à feminização das migrações. Abordamos, igualmente, a Educação de Adultos em Portugal, os Cursos EFA e a ALV.

No segundo capítulo define-se o objeto de estudo, descreve-se a estratégia de pesquisa utilizada, justificando-se ainda os instrumentos utilizados e a escolha dos participantes.

No terceiro capítulo apresentamos a análise e a discussão dos resultados, a que se seguem as considerações finais.

## **1 Enquadramento Teórico – Migrações, Género, Educação**

*«Se olharmos para a história, desde sempre até à actualidade, é inevitável detectarmos (...) movimentos de populações, bruscos e repentinos ou lentos e graduais, que deram origem a nações ou estados, que alteram o desenvolvimento de países e de sociedades, ou que os marcam profundamente.»*

(Barreto, 2002, citado por Mendes & Vieira, 2007, p.30)

A população alvo do nosso estudo é a mulher imigrante. Por esta razão, decidimos abordar brevemente neste capítulo, numa primeira parte, o fenómeno da imigração em Portugal e da feminização da imigração, lançando um olhar sobre os conceitos básicos correlacionados.

Seguindo-se, uma segunda parte dedicada ao estudo da educação de adultos em Portugal, sobre os cursos EFA e sobre a Educação, Formação e ALV.

Assim, este capítulo terá como objetivo principal fornecer um enquadramento teórico à investigação desenvolvida, para que melhor se compreenda a utilização de alguns conceitos e algumas das opções e estratégias adotadas.

## **1.1 Conceitos**

### **1.1.1. Os conceitos de imigrante e de estrangeiro**

De acordo com Cabete (2010), Mortágua (2010) e Rosa, Seabra & Santos (2003), os conceitos de imigrante e de estrangeiro são frequentemente utilizados como sinónimos. Trata-se de uma situação visível nos meios de comunicação social, na literatura especializada e em relatórios das entidades que concebem dados estatísticos relativos a estrangeiros (Mortágua, 2010). Acerca deste assunto, Cabete (2010) refere que não existe em Portugal nenhum documento oficial no qual se encontrem bem definidas as fronteiras entre os dois conceitos.

A definição de imigrante apresentada por Ferreira, Rato & Mortágua (2004) e Mortágua (2010) é elucidativa deste facto: «O imigrante é, por definição, um estrangeiro. É uma pessoa que não tem a nacionalidade do país que o acolheu na qualidade de imigrante, ou seja, que não prove ter nacionalidade portuguesa. Contudo, nem todo o estrangeiro é imigrante» (p.26).

Em Rosa, Seabra & Santos (2003) encontramos a seguinte definição de estrangeiro: «O estrangeiro é alguém que tem uma nacionalidade diferente da do país onde reside. Desta forma, é habitual associar-se a noção de estrangeiro à de imigrante. (...) Enquanto o conceito de imigrante (internacional) se funda num critério geográfico, o conceito de estrangeiro assenta num critério jurídico. Assim, embora os estrangeiros possam algum dia ter imigrado, isso não significa que tal premissa seja sempre verdadeira. Há estrangeiros naturais de Portugal que, provavelmente, nunca imigraram» (pág.24).

Rosa *et al* (2000) e Rosa, Seabra & Santos (2003) consideram que os imigrantes não têm de ser pessoas estrangeiras ou nascidas noutra país, dando o exemplo dos emigrantes retornados e das pessoas de nacionalidade portuguesa que nasceram no estrangeiro. Estes autores mencionam também a situação do estrangeiro que adquire a nacionalidade do país de acolhimento (Cabete, 2010).

Rosa *et al* (2000) referem que há quem considere imigrante «a pessoa que fala uma língua diferente ou que tem sinais exteriores visivelmente diferentes (cor da pele, tipo de cabelo, língua falada, etc)» (p.18).

Cabete (2010, citando Alexandrino 2008) considera que, devido à introdução do conceito de cidadania da UE, as expressões imigrante, migrante e estrangeiro possuem atualmente um significado diferente do que tinham há vinte anos.

Segundo Ferreira, Rato & Mortágua (2004) a adesão de Portugal à CEE<sup>4</sup> foi responsável por uma alteração na interpretação do estatuto de estrangeiro, uma vez que o Tratado da CE instituiu a cidadania da União. Estes autores explicam que o artigo 17º deste tratado estipulou que todo o indivíduo que possua nacionalidade de um Estado-Membro é cidadão da União.

De acordo com o glossário de Migração e Asilo (2012), o estrangeiro é o indivíduo que não é nacional de um dos Estados-Membros, enquanto que o imigrante é a pessoa que empreende a ação de imigrar.

Portanto, na UE os imigrantes são os cidadãos de países terceiros. Atendendo a este facto, os cidadãos de Estados-Membros que se encontram instalados em Portugal não podem ser considerados imigrantes.

Fonseca & Silva (2010) e Malheiros & Fonseca (2011) explicam que na definição de imigrante deve ter-se em conta o parâmetro da nacionalidade. Estes dois últimos autores explicam que a importância deste parâmetro reside no facto de ser uma variável recolhida pelo INE e pelo SEF.<sup>5</sup>

Malheiros & Fonseca (2011) explicam que o critério da naturalidade poderia ser utilizado, uma vez que existe informação sobre o local de nascimento nos dados provenientes dos Recenseamentos e do Inquérito ao Emprego. Todavia, o facto deste critério não constar noutras fontes de informação como o SEF dificultaria a sua utilização. Por outro lado, estes autores consideram que o uso deste critério traria problemas no que diz respeito aos

---

<sup>4</sup> A designação atual é União Europeia (UE).

<sup>5</sup> O INE, através dos Recenseamentos da População e das Estatísticas Demográficas e o SEF são, de acordo com Fonseca & Silva (2010), as principais entidades que recolhem e tratam dados estatísticos sobre migrações. Estas autoras referem que existe informação estatística sobre este assunto proveniente de «outros organismos da Administração Pública, tutelados pelos Ministérios do Trabalho, da Educação, da Saúde, dos Negócios Estrangeiros, da Administração Interna e da Justiça. Contudo, os registos existentes nestas instituições são muito selectivos e específicos das esferas de intervenção de cada uma» (p.40).

indivíduos nascidos nas ex-colónias portuguesas, pois seria impossível estabelecer diferenças entre os migrantes portugueses retornados e os imigrantes africanos (Fonseca & Silva, 2010 e Malheiros & Fonseca, 2011).

Malheiros & Fonseca (2011) mencionam também que é impossível utilizar um critério baseado na etnicidade que englobasse os locais de nascimento e o de nascimento dos pais, o que se fica a dever às lacunas nos dados estatísticos relativamente a séries longitudinais.

Santos (2007) refere que o International Migration Report 2002, elaborado pela ONU, considera o tempo como fator determinante na definição de imigrante (adotada desde 1998): «um migrante de longo prazo é todo aquele que se desloca para um país diferente daquele que é a sua residência habitual por um período de tempo mínimo de um ano» (p. 13).

Rosa, Seabra & Santos (2003) apresentam uma definição de imigrante que tem em atenção o critério de espaço e o fator tempo. O imigrante é «alguém que, tendo migrado para um outro país, aí passa a residir durante um período continuado (...). Portanto, ser-se imigrante implica uma mudança de residência e de país» (p.18).

Segundo Cabete (2010) nas definições de imigrante da OIT, da OIM, da ONU e da OCDE o imigrante é sempre definido como aquele que se desloca para outro país. Mas a autora diz-nos que «ainda que seja unânime este critério de espaço, os critérios que levam a uma especificidade do conceito são muitas vezes divergentes» (p.6).

Cabete (2010) refere que é utilizado um critério económico na definição de imigrante apresentada pela Convenção n.º 143 da OIT: «a pessoa que se desloca de um país para outro a fim de ocupar um emprego, ainda que por sua conta e risco» (p.6).

### **1.1.2 Conceito de imigração**

O conceito de imigração pode ser definido de uma forma simples. Jackson (1991, citado por Pimentel, 2006), por exemplo, define a imigração como «o processo de entrada num país ou numa região administrativa diferente» (p.19).

Segundo Rosa *et al* (2000) a imigração envolve a saída de pessoas do seu país de origem e a entrada no país de acolhimento. Estes autores acrescentam que os conceitos de imigração e de imigrante não são sinónimos, uma vez que o primeiro se prende com movimentos e o segundo com pessoas.

Segundo Pimentel (2006), ao conceito de imigração está subjacente o conceito de migração, o qual integra o conceito de migração interna e migração internacional. Esta autora

refere que ao abordarmos a imigração ou emigração estamos a falar de migração internacional pois implica a travessia de uma fronteira entre estados nacionais.

### **1.1.3 Conceito de migrações**

Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013) explicam que Eisenstadt (1953) define migração como uma «transição, física, de um indivíduo ou grupo, de uma sociedade para a outra» (p. 85).

Rego, Mendes, Rebelo & Magalhães (2010) explicam que as migrações são deslocações de pessoas num determinado período de tempo, cujas permanências podem apresentar uma duração variada. Guzmán Castelo (2005) considera que estas deslocações têm como objetivo a procura de melhores oportunidades de vida. Contudo, as migrações podem ser um problema com implicações demográficas, económicas, políticas e sociológicas tanto no país de origem como no de acolhimento (Jansen, 1960, citado por Peixoto, 2004a).

No glossário de Migração e Asilo (REM, 2012), a Migração é descrita como um termo geral para imigração e emigração, assim como o de Migrante o é para imigrante e emigrante.

A mesma fonte refere que no contexto global a migração envolve a «deslocação de uma pessoa, ou grupo de pessoas, com passagem de uma fronteira internacional (migração internacional) ou dentro de um Estado (migração interna). Trata-se de um movimento populacional, englobando qualquer tipo de movimento de pessoas, independentemente da sua duração, composição ou motivos. Inclui a migração de refugiados, de pessoas deslocadas, de migrantes económicos e pessoas que se deslocam por outros motivos, incluindo reagrupamento familiar» (p.172).

### **1.1.4 Conceito de emigração**

No glossário sobre migração (DIM, 2009), emigração é definida como o «abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro. As normas internacionais sobre direitos humanos prevêm que toda a pessoa deve poder abandonar livremente qualquer país, nomeadamente o seu próprio, e que, apenas em circunstâncias muito limitadas, podem os Estados impor restrições ao direito de um indivíduo abandonar o seu território» (p.24).

Peixoto (2004, citado por Brigeiro, 2006) distingue dois tipos de emigração, a emigração permanente em que os indivíduos abandonam o país com intenção de residir no estrangeiro por um prazo superior a um ano, e a emigração temporária, a qual categoriza os

indivíduos que declaram ausentar-se para o exterior com intenção de aí permanecer por menos de um ano.

Pelo exposto, é de salientar que a nossa definição de mulheres imigrantes ao longo deste estudo referir-se-á a mulheres nascidas noutros países e que imigraram para Portugal. Deste modo, esta definição não incluirá uma segunda geração de mulheres nascidas neste país nem filhas de pais imigrantes.

## **1.2 Portugal, um país de acolhimento**

*«Portugal, durante séculos, foi um país de emigração, a sua diáspora é bem conhecida. Diferentes continentes e (...) países têm marcas desse movimento. Há poucos anos, Portugal começa, também, a ficar conhecido, para alguns, como país de imigração e, para outros, como país com imigração.»*

(Costa, 2009, p.118).

A imigração em Portugal é vista frequentemente como um fenómeno do século XX, mas a presença de imigrantes existe desde os tempos mais remotos (Rodrigues; Correia; Pinto; Pinto & Cruz, 2013).<sup>6</sup> A história mostra, por exemplo, que em diversos momentos, a chegada de imigrantes ao país foi significativa (Malheiros, 2011). Dias (1998) lembra-nos, por exemplo, que no ano 1492 Portugal recebeu cinquenta mil judeus expulsos de Castela e Aragão e que durante muito tempo o país recebeu escravos provenientes das operações de corso na costa e nas águas do Norte de África. Sobre este assunto, Malheiros (2011) refere que no século XVI chegava a Portugal «população africana, que incluía escravos e pessoas livres, (...) [mas também] comerciantes biscoinhos, flamengos, genoveses e outros que demandavam a capital do Império» (p.8). O mesmo autor acrescenta que mais tarde, os galegos deixaram a sua marca no nosso território, assim como outros migrantes.

---

<sup>6</sup> Meneses (2005) situa o início da imigração em Portugal na época dos descobrimentos. Se bem que os vestígios arqueológicos podem atestar uma data muito mais remota. Como nos dizem Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto, & Cruz (2013), citando Rocha-Trindade, Cordeiro, Horta, Madeira, Rego, Viegas (1995), «na época anterior à era cristã, existiam, no território que hoje constitui Portugal, diversos grupos étnicos – como os Celtas, os Iberos, os Lusitanos, os Visigodos, os Suevos e os Fenícios, mencionando apenas os mais reconhecidos – que, mais tarde foram dominados pelos romanos, seguindo-se a estes os árabes» (p.90).

Contudo, a presença de estrangeiros em Portugal é inexpressiva até aos anos 60 do século XX (Machado 1997, citado por Pimentel, 2006)<sup>7</sup>. O país é até finais da década de 1960 indiscutivelmente um país de emigração (Bäckström & Castro-Pereira, 2012)<sup>8</sup>.

Nos anos 60 o processo de imigração começou a evoluir para números nunca vistos (Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz, 2013). Segundo Machado (1997, citado por Pimentel, 2006) este aumento de estrangeiros em Portugal ficou a dever-se:

- A uma «abertura ao investimento estrangeiro, na sequência da industrialização progressiva e da adesão de Portugal à EFTA [Associação Livre do Comércio da Europa], (...) [que trouxe] para o país profissionais da Europa desenvolvida.
- A emigração portuguesa em massa, para a Europa, cria espaços em alguns sectores do mercado de trabalho, para a entrada de um primeiro contingente de imigrantes Africanos» (p.21).

Fonseca & Silva (2010) mencionam que o referido aumento foi muito evidente a partir de 1974 (Bäckström & Castro-Pereira, 2012; Monteiro, 2009; Mortágua (2013). Cerca de um milhão de portugueses abandonou as ex-colónias entre os anos de 1974-75 e o início da década de 1980 tendo como destino Portugal (Rego, Mendes, Rebelo & Magalhães, 2010)

A adesão de Portugal à CEE em 1986 atraiu imigrantes do Brasil e dos PALOP (Resende & Vieira, 2000; Santos, 2004; Tomaz, 2011). Como nos diz Machado (1997, citado por Pimentel, 2006) nos anos 80 a «imigração de natureza laboral assume [uma] expressão mais notória» (p.21).

Malheiros (2011) lembra que a ideia de Portugal como país de imigração se afirmou entre os anos 80 do século XX e o início do século XXI (Fonseca, 2010).<sup>9</sup> Falcão (2002), Matos (2004) e Malheiro & Fonseca (2011) consideram que foi no início dos anos 90 que

---

<sup>7</sup> Sobre este assunto, Fonseca (2009) e Monteiro (2008) referem que «no Censo de 1960, registava-se a presença de apenas 29.428 estrangeiros, dos quais 67% provinham da Europa, 22% eram brasileiros e apenas 1,5% africanos» (Monteiro, 2008, p.29).

<sup>8</sup> Ao longo de centenas de anos muitos portugueses deixaram a pátria espalhando-se pelos destinos geográficos mais diversos, levando a que Portugal se afirmasse como um país de emigrantes (Mendes, 2008; Rocha-Trindade, 1986). A emigração marca indubitavelmente presença na história de Portugal estando registada em diferentes continentes e países.

<sup>9</sup> De acordo com Peixoto (2004b) a ideia de que o país se tornou um “país de imigração” foi anunciada em livro, pela primeira vez, no início dos anos 90 na obra: Esteves, M. C. (Org.) (1991), Portugal, País de Imigração, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Portugal fez a transição de um país de emigração para um país de imigração.<sup>10</sup> Por isso, Castro & Cravidão (2011) nos dizem que Portugal deixou de ser apenas um país de partida. O país, à semelhança da Espanha, Itália e Grécia, passou a integrar o grupo de países de acolhimento (Cabral & Duarte, 2010; Machado, 1997; Marques & Góis, 2008); Meneses, 2005; Nunes, 2008; Padilla & Ortiz, 2012; Rodrigues, 2009).<sup>11</sup>

Segundo Casa-Nova (2005) o país tornou-se simultaneamente recetor e emissor de mão-de-obra.<sup>12</sup>

Nos anos 90 e nos primeiros anos do século XXI a imigração em Portugal alterou-se quer em quantidade, quer em termos de origens (Rego, Mendes, Rebelo & Magalhães, 2010) enriquecendo a paisagem linguística e cultural no nosso país (Matos, 2004).

Portugal continuou a receber imigrantes vindos de África e do Brasil, mas também passou a receber pessoas provenientes do leste europeu e da China (Matias, 2007; Rego, Mendes, Rebelo & Magalhães 2010).

De acordo com Cabete (2010) o número efetivo de fases em que é possível dividir o período contemporâneo da imigração em Portugal difere de autor para autor. Vejamos dois exemplos:

Mortágua (2010) definiu três fases no processo de imigração em Portugal:

- 1ª fase – o país conhece na segunda metade dos anos 1970 um aumento do número de cidadãos dos PALOP devido à descolonização e à instabilidade dos novos Estados independentes (Malheiros & Fonseca, 2011).
- 2ª fase - chegada de imigrantes nos anos oitenta vindos do Brasil e do continente asiático – China, Índia e Paquistão.

---

<sup>10</sup> Casa-Nova (2005) explica que «até 1992 os números da emigração são ainda superiores aos números da imigração, assistindo-se a uma inversão gradual desta tendência a partir de 1993, ano a partir do qual o número de entradas ultrapassou o número de saídas» (p.183).

<sup>11</sup> De mencionar que Reyneri (2003, citado por Padilla & Ortiz, 2012), «diferencia Portugal do resto dos países do sul da Europa ao considerar que a sua situação era mais complexa e paradoxal. Afirma que no momento da entrada à CEE, Portugal precisou tanto de mão-de-obra qualificada como não qualificada, devido ao deficiente sistema educativo português e à emigração para os países da Europa do norte e central dos portugueses menos qualificados» (p.164).

<sup>12</sup> A coexistência da emigração e imigração colocou Portugal numa posição de relevo à escala da UE, por ser simultaneamente recetor e emissor de migrantes (Ançã, 2008; Costa, 2009; Peixoto, 2004b; Pires, 2010).

- 3ª fase - no final da década de noventa chega ao país uma segunda vaga de cidadãos brasileiros e também de cidadãos de países do Leste da Europa (especialmente da Ucrânia, Moldávia, Roménia e Rússia), resultante da Queda do Muro de Berlim e da dissolução da União Soviética.

Segundo Machado (1997, citado por Costa 2005) a história recente da imigração portuguesa pode também ser dividida em três momentos. Mas este autor apresenta estes momentos de forma diferente da que faz Mortágua (2010). Machado considera:

- 1º momento – ocorre nos anos 1960 como forma de substituir os portugueses que tinham emigrado para a Europa do Norte e América.
- 2º momento – ocorre nos anos 1970 devido às guerras pela independência nas províncias ultramarinas.
- 3º momento - nas décadas de 1980 e 1990 mantiveram-se os movimentos migratórios provenientes dos países africanos, destacando-se de Cabo-Verde, e posteriormente provenientes do Brasil.

A partir do ano 2000, assistiu-se à diversificação da origem dos fluxos, a uma alteração do peso relativo dos imigrantes, a uma diferenciação no seu perfil e também à definição de novos padrões de dispersão territorial (Bäckström & Castro-Pereira, 2012).

De acordo com o relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo do SEF (2014), no mês de dezembro de 2013, a população estrangeira residente em Portugal totalizava 401.320 imigrantes com título válido de residência. O gráfico 1 ilustra a evolução da população imigrante residente em Portugal desde 1980 até 2013.

Uma vez que se encontravam 417.042 imigrantes a residir no nosso país, no ano de 2012, e 401.320 no de 2013, verificou-se uma diminuição de 3,8%. De igual forma, se verificou um decréscimo de 13,7% no número de novos títulos emitidos (33.246) face ao ano de 2012.<sup>13</sup>

A comunidade estrangeira com um maior número cidadãos em Portugal é a brasileira, apresentando um total de 92.120 indivíduos, seguindo-se a oriunda de Cabo Verde (42.401),

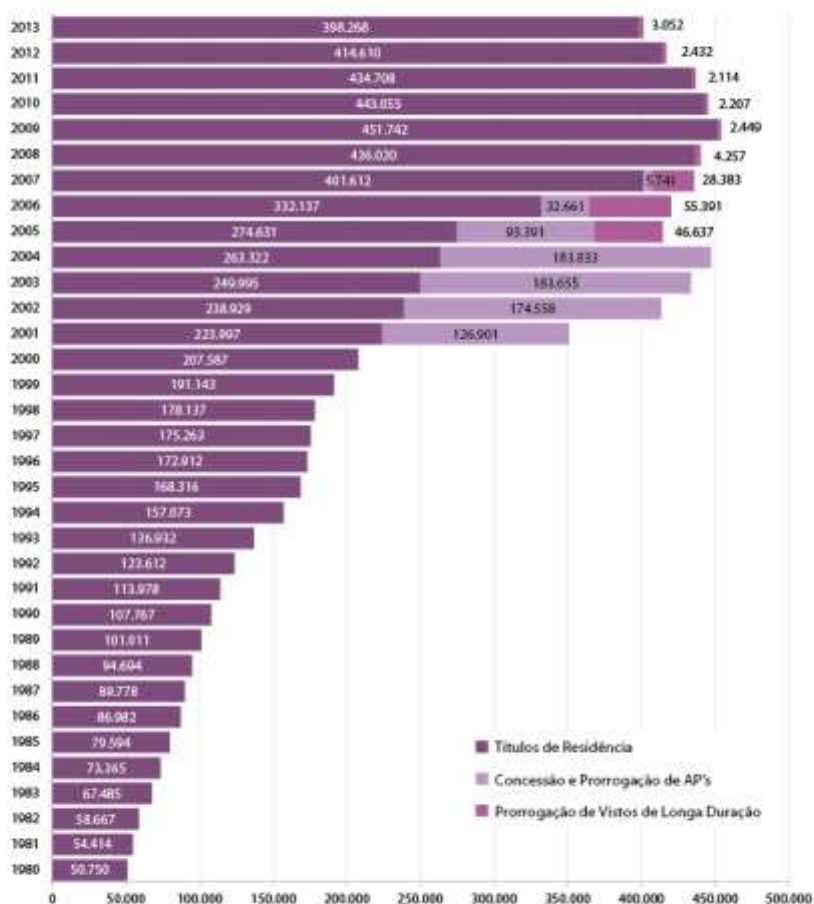
---

<sup>13</sup> Segundo Padilla & Ortiz (2012) o número de imigrantes tem vindo a decrescer devido ao seu regresso aos países de origem. Para este facto tem contribuído a situação económica-financeira que o país tem conhecido desde o início do resgate financeiro em 2011.

Ucrânia (41.091), Roménia (34.204), Angola (20.177), China (18.637), Guiné-Bissau (17.846) e Reino Unido (16.471) (SEF, 2014).

**Gráfico 1 – Evolução da População Imigrante Residente em Portugal.**  
(fonte: SEF (2014)).

Ano

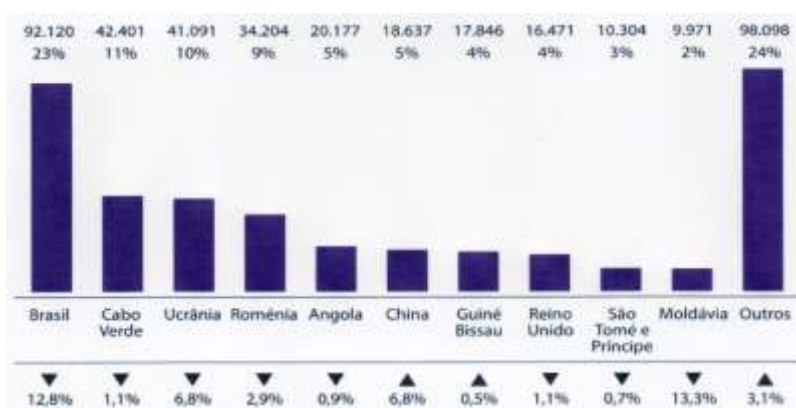


As dez nacionalidades mais representativas mantiveram-se em 2013 iguais às de 2012. No entanto, a comunidade Chinesa passou a ser a sexta mais relevante (18.637), com um crescimento de 6,8%, suplantando a da Guiné-Bissau (17.846), que registou um crescimento de 0,5%. De salientar que se verificou uma redução da representatividade da população estrangeira oriunda de países de língua oficial portuguesa, representando cerca de

41,9%, evidenciando-se as nacionalidades brasileira (23,0%), cabo-verdiana (10,6%) e angolana (5,0%) (Cf. Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Principais comunidades de Imigrantes em Portugal em 2013.**

(fonte: SEF (2014))

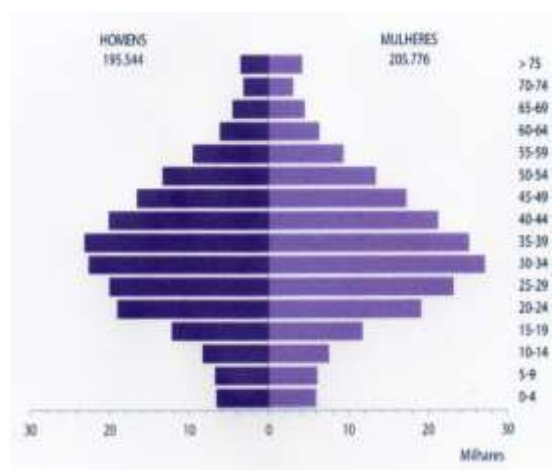


No que concerne ao género, no ano 2013, verificou-se um aumento da diferença entre o sexo feminino (51,3%) e o masculino (48,7%), tendo-se registado um decréscimo do número de homens residentes face ao ano 2012.

A maioria da população estrangeira residente em Portugal, cerca de 84,0%, fazem parte da população potencialmente ativa (337.008), destacando-se o grande grupo etário entre os 20-39 anos (179.510), o qual tem uma composição por género com maior preponderância feminina (52,8%). (Cf. Gráfico 3).

**Gráfico 3 – População imigrante por género**

(fonte: SEF (2014))



No que diz respeito à realidade migratória em Portugal existe um padrão de distribuição espacial dos imigrantes que cobre essencialmente a área metropolitana de Lisboa, bem como a faixa litoral entre Braga e Setúbal e ainda o Algarve. Por isso, se pode afirmar que na distribuição geográfica da população estrangeira se destaca uma preferência pela fixação no litoral do país, nomeadamente nos distritos de Lisboa (176.963), Faro (58.839) e Setúbal (41.711), perfazendo um total de 277.513 indivíduos (*vide* anexo 1).

### **1.2.1 A feminização das migrações**

*«A palavra imigração, é bom lembrá-lo, não é uma palavra neutra e fria, é uma realidade que encerra pessoas, muito concretas, com as suas vidas, alegrias, esperanças e desejos. É uma realidade viva, em movimento contínuo que não se deixa fixar nem parar. É um puzzle humano colorido, de inumeráveis cores, línguas, sabores, tradições, culturas e religiões».*

Pinto (2003, p.10)

O glossário sobre migração (DIM, 2009) define feminização na imigração como a «crescente participação da mulher na migração. A mulher desloca-se actualmente de forma mais independente e sem ser em função da posição que tem na sua família ou sob a autoridade de um homem (cerca de 48% de todos os migrantes são mulheres)» (p.29).

Segundo Padilla & Ortiz (2012), os processos de feminização das migrações estão relacionados com a reunificação familiar, mas também com a evolução do mercado de trabalho, o qual passou a oferecer oportunidades laborais específicas, como a dos serviços pessoais, domésticos e das limpezas.

Na obra intitulada *Mulheres imigrantes empreendedoras*, Malheiros, Padilla & Rodrigues (2010) explicam que as mulheres migram mais frequentemente de forma autónoma à procura de novas oportunidades de trabalho e não como familiares dependentes ou devido ao reagrupamento familiar.

Segundo Wall, Nunes & Matias (2008), a literatura tem privilegiado uma perspectiva masculina dos trajetos migratórios. Miranda (2009) refere, a este propósito, que a imigração feminina foi alvo de pouca atenção até há três décadas. Todavia, a autora menciona que nos anos 80 surgiram algumas obras que chamavam a atenção para a subestimação do número de mulheres imigrantes, dando o exemplo da obra de Morokvasic intitulada *Birds of passage are also women* de 1984.

Nas duas últimas décadas começaram a surgir alguns estudos sobre a mulher imigrante em Portugal.

A título de exemplo, em 2005, o SOS Racismo publicou a obra *Imigração e etnicidade – vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*, na qual faz «um recorte nas realidades das vivências no feminino e analisa a situação da mulher na condição do seu deslocamento no território da imigração (...) e reflecte sobre os encontros e desencontros étnicos» (p.7).

Surgiram, igualmente, algumas dissertações de mestrado. Mendes, em 2008, atribuiu à sua dissertação o título de *Mulheres em diáspora: Narrativas identitárias de mulheres imigrantes em Portugal*. Neste estudo, a autora procurou contribuir para um melhor entendimento do processo de (re)construção identitária de mulheres imigrantes em Portugal, tendo por base as trajetórias de seis mulheres.

Miranda, em 2009, realizou uma dissertação intitulada *Mulheres Imigrantes em Portugal. Memórias, Dificuldades de Integração e Projectos de Vida*. A autora reconhece que os estudos sobre mulheres imigrantes no nosso país têm sido dispersos e pontuais, não se verificando um verdadeiro interesse pelo estudo desta temática.<sup>14</sup>

Wall, Nunes & Matias (2009) realizaram um estudo sobre os três principais grupos de mulheres imigrantes em Portugal: cidadãs brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas, tendo identificado dois tipos de padrões migratórios: mulheres integradas num projeto familiar e mulheres que migram sozinhas. Para além disso, identificaram uma variedade de trajetórias distintas no interior de cada perfil. No que concerne ao percurso migratório autónomo identificaram três tipos de trajetória (*vide* anexo 2).

Muitos estudos evidenciam «o percurso familiar em que o homem emigra primeiro e a mulher e os filhos depois, por vezes ao fim de vários anos e somente quando estão garantidas as condições mínimas de subsistência para o agregado familiar. No entanto, também é sabido que nem todas as mulheres se incluem neste tipo de percurso e que a imigração feminina está em mudança». (Wall, Nunes & Matias, 2008, p.3; *vide* anexo 3).

Nos anos 80, os estudos relacionados com mulheres migrantes chamaram a atenção para outras características da imigração feminina: «a presença de mulheres solteiras e jovens e não só de mulheres casadas; a participação intensa no mercado de trabalho de muitas mulheres que imigram ao abrigo do reagrupamento familiar; a diversidade do lugar das mulheres em função da idade, da cultura de origem, dos motivos de emigração. Mais

---

<sup>14</sup> Sobre este assunto consulte-se, por exemplo, Miranda (2009, pp. 28-32).

recentemente, vários autores analisam o impacto da globalização e das mudanças demográficas e sociais na Europa, mostrando que o recrutamento de trabalhadores para certos sectores de serviços – cuidar de idosos e de crianças, serviços domésticos, enfermagem, restauração – tem reforçado o apelo a fluxos contínuos e intensos de imigração feminina» (*idem*).

Em 2010, surgiu um estudo de Malheiros, Padilla & Rodrigues (2010) sobre mulheres imigrantes empreendedoras. No mesmo ano, as investigadoras Ramalho & Trovão (2010) publicaram um estudo intitulado *Repertórios femininos em construção num contexto migratório pós-colonial: Dinâmicas familiares, de género e geração*.

Numa análise mais fina da literatura podemos afirmar que os estudos que se debruçam sobre as mulheres imigrantes e sobre a educação são poucos no nosso país. Tal como afirma Neves (2012), os estudos que envolvem a imigração e a educação têm privilegiado os filhos dos imigrantes e não os pais. Todavia, podemos mencionar alguns exemplos. Neves (2012) realizou uma dissertação de mestrado intitulada *A mulher imigrante brasileira no contexto educacional português: limites e possibilidades*, tendo como objetivo conhecer e analisar qual a importância que as mulheres imigrantes brasileiras residentes em Portugal atribuem à educação e acerca da sua inserção no contexto educacional.

Um outro exemplo é o de Estrela (2013) que realizou uma dissertação intitulada *O leste em Portugal: a integração de imigrantes ucranianos e a educação de adultos*, procurando perceber como é que estes imigrantes se têm integrado na nossa sociedade, através da inserção em percursos educativos para adultos promovidos pelo Estado.

### **1.3 A Educação de Adultos em Portugal**

#### **1.3.1 A Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos**

De acordo com alguns autores como, por exemplo, Barros (2013) e Lindeza (2009), a história da Educação de Adultos em Portugal tem conhecido um percurso sinuoso, de avanços e recuos até à atualidade.

A UNESCO tem desempenhado um importante papel no domínio da educação de adultos, tendo organizado seis conferências internacionais sobre o assunto<sup>15</sup>. De acordo com

---

<sup>15</sup> As seis conferências internacionais de educação de adultos (CONFINTEA) promovidas pela UNESCO foram: Elsinore (1949), Montreal (1960), Tóquio (1972), Paris (1985) e Hamburgo (1997), Belém (2009). Veja-se sobre este assunto, por exemplo, Aníbal (2013) e Monginho (2013).

Aníbal (2013) estas conferências produziram um importante conjunto de declarações e de recomendações.

Portugal participou na V Conferência Mundial de Educação de Adultos, promovida pela UNESCO. Este evento, em conjunto com os resultados do relatório sobre iliteracia, publicado em 1996, influenciaram na decisão do Ministério da Educação em nomear um Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Educação de Adultos (Despacho n.º 10534/97, de 16 de Outubro). Este grupo ficou incumbido da elaboração de um documento que identificasse uma estratégia para a implementação da Educação de Adultos em Portugal (Nico, Nico, Ferreira & Tobias, 2013).<sup>16</sup> De acordo com Ferreira (2011) neste documento deveria constar: «a definição operacional deste sector; um balanço da situação actual em Portugal; propostas de concretização e expansão a curto e médio prazo e propostas do quadro de referência para um concurso nacional de projectos extra-escolares, com particular impacto na Educação de Adultos» (p.19). Este documento recebeu o título de «*Uma Aposta Educativa na Participação de Todos*», tendo sido publicado em Abril de 1998.

Em 1998, através da Resolução do Conselho de Ministros n.º92/98, de 25 de Junho, foi instituído o Grupo de Missão para o Desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos (GMEFA), incumbido de desencadear o processo necessário à constituição da ANEFA (Nico & Nico; Nico, Nico, Ferreira & Tobias, 2013). Este grupo encomendou um estudo relativo à criação e organização de uma estrutura nacional de desenvolvimento e coordenação da Educação e Formação de Adultos à Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho (Lima, Afonso & Estevão, 1999; Nico, Nico, Ferreira & Tobias, 2013).<sup>17</sup>

A ANEFA foi criada em 1999 (através do Decreto-Lei n.º 387/99), como instituto público dotado de personalidade jurídica, com autonomia científica, técnica e administrativa, e sob a tutela e superintendência dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade (Barros, 2013a). Quintas (2008) explica que esta agência teve «como missão inicial pensar e criar em Portugal uma educação e formação de adultos que, (...) traduzisse as ligações que deveriam existir entre a educação, a formação e o emprego» (p.6).

---

<sup>16</sup> Este grupo, coordenado por Alberto Melo, era composto por seis membros - Lucília Salgado, Augusto Santos Silva, Luís Rothes, Ana Queirós e Mário Ribeiro.

<sup>17</sup> Este estudo recebeu a designação de Agência Nacional de Educação e de Formação de Adultos ficou concluído a 31 de janeiro de 1999. Veja-se Lima, L., Afonso, A. & Estevão, C. (1999). *Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos. Estudo para a construção de um modelo institucional*. Braga: Universidade do Minho.

De acordo com Melo, Lima & Almeida (2002, citados por Nico & Nico, 2013) a definição de Educação de Adultos, que se encontra no Decreto-Lei n.º 387/99), é a que consta na Declaração de Hamburgo: «Nesta óptica, a estratégia para a educação e formação de adultos deve combinar uma lógica de serviço público e uma lógica de programa, que se traduza no estímulo e apoio à iniciativa e à responsabilidade individual e dos grupos» (p.3).

Na opinião de Nico & Nico (2013) a ANEFA contribuiu para o desenvolvimento de três dispositivos importantes de qualificação de adultos, os primeiros Cursos de Educação e Formação de Adultos, as ações S@Ber + e o sistema nacional de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC).

A Cimeira de Lisboa veio consolidar a ideia de serem necessárias novas abordagens na área da educação e formação de adultos (Nico & Nico, 2013). Neste acontecimento foi lançado o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000), documento que a Comissão Europeia queria como orientador para um debate à escala europeia.

No ano 2001, surgiu a Rede Nacional de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (Centros de RVCC), através da Portaria n.º 1082-A/2001, de 5 de Setembro.

No ano 2002 ocorreu a extinção da ANEFA, por decisão do novo Governo Constitucional.<sup>18</sup> Segundo Barros (2013b), a estrutura da extinta ANEFA foi transformada num «conjunto limitado de valências inscritas de forma incoerente na Direção-Geral de Formação Vocacional» (p.120). Esta autora explica que nesta altura, do ponto de vista terminológico, o termo Educação de Adultos foi substituído pelos de formação vocacional e qualificação de recursos humanos. Barros (*idem*) lembra no mesmo ano foi aprovado o Decreto-lei n.º 208/2002, de 17 de Outubro, «respeitante à nova lei orgânica do Ministério da Educação, (...) [que definiu] como um dos principais objetivos a integração entre as políticas e os sistemas de educação e as políticas e os sistemas de formação ao longo da vida» (p.120).

---

<sup>18</sup> O Partido Socialista governou de 1995 a 2002. Em 2002, o governo demitiu-se, tendo havido eleições antecipadas e voltado novamente ao poder o Partido Social Democrata. Coelho (2013) afirma que uma das primeiras medidas tomadas pelo Partido Social Democrata foi a extinção de Institutos e Entidades Públicas. Este autor explica também que como a conjuntura económica do país se apresentava desequilibrada, o governo investiu no desenvolvimento económico, descurando as políticas sociais, incluindo a Educação de Adultos (p.32).

### **1.3.2 Direção-Geral de Formação Vocacional e a Agência Nacional de Qualificação**

Nico & Nico (2013) referem que a DGFV foi um serviço central do Ministério da Educação com competências e responsabilidades nas áreas de Formação e Qualificação de Jovens, Formação e Qualificação de Adultos, Certificação de Competências e Informação e Orientação Vocacional.

Na opinião de Monginho (2013), a DGFV representou um retorno à ideia de reforma educativa que tinha caracterizado as políticas educativas de finais da década de 1980. Cabral (2013) acrescenta que com a DGVF «a lógica de educação e de formação de adultos é colocada definitivamente na empregabilidade, na produtividade e na competitividade, apresentando-se, assim, o enfoque na formação profissional e a qualificação dos recursos humanos» (p.7).

De acordo com Nico & Nico (2013), no ano de 2005 ocorreu uma viragem na orientação das políticas na área da educação e formação de adultos e de jovens, tendo sido criada a INO, que assentava em dois eixos: o dos jovens e o dos adultos. O Programa Novas Oportunidades foi promovido pelos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade Social e inserido no Plano Nacional de Emprego e no Plano Tecnológico (Barros, 2013b). «Tratava-se de uma iniciativa que (...) [previa] a organização de um sistema articulado de formação e educação, com vias diversificadas, para a elevação dos níveis de qualificação de base da população adulta, e inserindo-se no projeto do Governo de desenvolvimento, modernização e sociedade de conhecimento» (Barros, 2013b, p.121).

Nico & Nico (2013) explicam que a INO «assentava em torno de 3 princípios fundamentais: (i) integração das ofertas de educação e formação; (ii) valorização de percursos formativos de dupla certificação; (iii) promoção da oferta de formação profissionalizante dirigida a adultos pouco escolarizados» (p.9). Estes autores explicam, igualmente, que os Centros de RVCC mudaram de designação para Centros Novas Oportunidades, tendo-se alargado à rede de escolas públicas do Ministério da Educação.

A DGFV deu lugar em 2007 à ANQ (Decreto-Lei nº 276-C/2007, de 31 de Julho). A ANQ foi incumbida da missão de coordenar a execução das políticas de educação e formação profissional de jovens e adultos e assegurar o desenvolvimento e a gestão do sistema de RVCC.

Atualmente, existe a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP, I.P.), tutelada pelos Ministérios da Educação e Ciência e da Economia e do Emprego.

A 31 de Março de 2013 foi extinta a rede de Centros Novas Oportunidades, tendo sido criados através da Portaria n.º 135-A/2013, de 28 de Maio, os Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional (CQEP).

O quadro que se segue permite uma leitura mais facilitada acerca da cronologia dos organismos responsáveis pela política de Educação de Adultos em Portugal após 1999.

**Quadro 1 – Organismos responsáveis pela política de Educação de Adultos em Portugal 1999-2012**

Datas	Organismos
1999-2002	Agência Nacional de Educação e de Formação de Adultos (ANEFA)
2002-2006	Direcção-Geral de Formação Vocacional (DGFV)
2007-2011	Agência Nacional para a Qualificação (ANQ, I.P.)
2012- (...)	Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP, I.P.)

#### **1.4 Os cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA)**

Os Cursos de EFA foram criados no ano 2000, através do Despacho Conjunto n.º 1083/2000, de 20 de Novembro. Quando foram criados, a taxa de abandono escolar era altíssima, atingindo o valor de 43,6%, havendo uma maior desistência por parte de indivíduos do sexo masculino (50,9%) do que do sexo feminino (36,3%) (*vide* anexo 5). Por isso, Lima (2012) explica que estes surgiram para combater o abandono escolar, estando integrados em medidas de política de educação e formação de adultos.

Segundo Pires (2012) e Lima (2012) estes cursos têm sido encarados desde o seu aparecimento como uma forma de combater os índices reduzidos de qualificação escolar e profissional da população portuguesa e de contribuir para a melhoria das suas condições de empregabilidade. Devido a este facto, destinam-se a cidadãos com idade igual ou superior a 18 anos, sem a qualificação adequada para efeitos de inserção ou progressão no mercado de trabalho ou sem a conclusão do ensino básico ou do ensino secundário. Ou seja, idade igual ou superior a 18 anos ou com habilitações escolares entre menos de 4 anos até 12 anos<sup>19</sup>. Os

---

<sup>19</sup> Os cursos permitem concluir o 4º, o 6º, o 9º e o 12º anos de escolaridade.

adultos com idade igual ou superior a 23 anos são os únicos a poder frequentar os Cursos EFA de nível secundário, ministrados em regime diurno ou a tempo integral.

Os Cursos EFA encontram-se organizados numa perspetiva de ALV, enquanto instrumento promotor da (re)inserção sócio-profissional e de uma progressão na qualificação (Portaria n.º 230/2008, de 7 de Março).

Os percursos formativos nestes cursos contemplam uma formação de base e uma formação tecnológica, ou apenas uma destas. No que concerne à formação tecnológica, esta pode integrar uma formação prática em contexto de trabalho.

Enquanto que a formação de base nos cursos EFA de nível básico e nível 1 e 2 integram as quatro áreas de competências-chave constantes do referencial de competências-chave para a educação e formação de adultos de nível básico, a formação nos cursos EFA de nível secundário compreende uma formação de base que integra as três áreas de competências-chave constantes do respetivo referencial de competências-chave para a educação e formação de adultos de nível secundário.

Os Cursos EFA de nível secundário integram a área de portefólio reflexivo de aprendizagens (PRA), a qual tem como objetivo desenvolver processos reflexivos e de aquisição de saberes e competências pelo adulto em contexto formativo.

No que concerne à avaliação, existe a formativa e a sumativa. A avaliação formativa nos Cursos EFA de nível secundário ocorre, preferencialmente, no âmbito da área de PRA.

«Para efeitos da certificação conferida pela conclusão de um curso EFA, o formando deve obter uma avaliação sumativa positiva, com aproveitamento nas componentes do seu percurso formativo, nomeadamente na formação prática em contexto de trabalho, quando esta faça parte integrante daquele percurso» (Portaria n.º 230/2008, de 7 de Março, p.1463).

Após a conclusão de um curso EFA com aproveitamento o formando recebe um certificado de qualificações.

No caso de cursos EFA de dupla certificação<sup>20</sup>, após a conclusão com aproveitamento, o formando recebe um diploma.

---

<sup>20</sup> Entenda-se por dupla certificação o reconhecimento de competências que permitam o exercício de uma ou mais atividades profissionais e de uma habilitação escolar, através de um diploma (Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro).

A Portaria n.º 230/2008, de 7 de Março, introduziu ajustamentos no regime jurídico dos Cursos EFA «no sentido de tipificar percursos de qualificação de nível secundário, diferenciando-os em função dos níveis de escolaridade já detidos pelos adultos. Clarifica-se igualmente a distinção entre os percursos de educação e formação de adultos de nível básico e secundário que incluem as diferentes componentes de formação e aqueles em que apenas é realizada a formação de base» (p.1457).

#### **1.4.1 Educação e Formação de Adultos**

Os conceitos de Educação ao Longo da Vida, Formação ao Longo da Vida, Aprendizagem ao Longo da Vida, nem sempre aparecem suficientemente clarificados na literatura (Pires, 2002).

De acordo com Pires (2002) existem vários fatores que contribuem para a dificuldade em clarificar os conceitos de educação, formação e aprendizagem:

- uma multiplicidade de significações, de abordagens e de conceções subjacentes;
- são conceitos entendidos sob diferentes perspetivas, de acordo com o campo disciplinar em que são analisados e com as abordagens teóricas que os suportam;
- serem utilizados em diferentes domínios e a partir de linguagens distintas – científica, técnica, política – , o que dificulta a sua clarificação;
- significados conceptuais diferentes comparando-os em língua inglesa e francesa;
- a sua tradução, em diferentes línguas, não possui as mesmas representações.

De acordo com Perdiz (2012) vários autores têm contribuído para a discussão sobre os conceitos de educação e de formação.

A educação de adultos é um conceito de definição ambígua, o qual surge associado ao conceito de ALV (Silva, 2005). A Educação de Adultos aparece como um conceito polissémico, pois abarca um conjunto de modalidades e situações educativas distintas (Cavaco 2002, citado por Ramalho, 2012).

Nos nossos dias, atribui-se à expressão Educação e Formação de Adultos um significado abrangente, incorporando no conceito uma variedade de fórmulas, com acentuações temporais e espaciais diversas.

Couceiro (2000) considera que não é clara a distinção entre os conceitos de educação de adultos e de formação de adultos. A opinião de Pires (2002) segue na mesma direcção, ao afirmar que a separação tradicional entre os domínios da educação e da formação se torna cada vez mais difícil. «Tanto na perspectiva das instituições, como nas finalidades,

objectivos e funções preconizados, como da natureza e dos conteúdos do processo, as fronteiras tradicionais se vão esbatendo» (Pires, 2002, p.7).

De acordo com Pires (2002), «o conceito de formação pode ser entendido sob múltiplos pontos de vista e, na perspectiva das Ciências da Educação, este conceito tem não só sido objecto de incidências específicas e de objectivos dominantes ao longo do tempo, como na época actual permite a coexistência de perspectivas e correntes várias, em particular no que se refere à formação de adultos. (...) Presentemente o campo actual da formação de adultos pode ser caracterizado de acordo com três eixos distintos: formação como processo de aprendizagem de competências e de conhecimentos técnicos e simbólicos, formação como processo de mudança, formação como construção de si e de sentido» (p.9).

Nóvoa (1988, citado por Canário, 1999) enunciou seis princípios que devem orientar qualquer programa de formação de adultos:

«1º princípio: O adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional. (...) Mais importante do que pensar em formar este adulto é reflectir sobre o modo como ele próprio se forma (...);

2º princípio: A formação é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimentos), do saber fazer (capacidades) e do saber ser (atitudes). Concretizar este objectivo supõe uma grande implicação do sujeito em formação, de modo a ser estimulada uma estratégia de auto-formação, bem como uma participação alargada dos formandos na concepção e implementação do projecto de formação;

3º princípio: A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo, por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua actividade profissional. A consecução deste objectivo apela a uma grande implicação das instituições, à celebração de um contrato de formação entre as três partes interessadas (equipa de formação, formandos e instituições) e à adopção de uma estratégia de formação em alternância, que viabilize uma ligação estrutural entre os espaços de formação e de trabalho;

4º princípio: Formar (...) é (...) trabalhar colectivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na produção e não no consumo do saber (...);

5º princípio: A formação deve ter um cariz essencialmente estratégico, preocupando-se em desenvolver nos formandos as competências necessárias para mobilizarem em situações concretas os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante a formação;

6º princípio: (...) o homem caracteriza-se, sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações pelo que consegue fazer com que os outros fizeram dele (...» (p. 21-22).

De acordo com Danis e Solar (1998, citados por Pires 2002) tanto a aprendizagem como o desenvolvimento dos adultos são conceitos dinâmicos, os quais surgem estreitamente interligados: «o desenvolvimento comanda as aprendizagens e as aprendizagens intervêm no desenvolvimento» (p.8).

### **1.4.2 Aprendizagem ao longo da Vida**

*«Vivemos numa época em que as sociedades se transfiguram a um ritmo vertiginoso, (...)onde os desafios de renovação e de melhoria são constantes, como ao nível pessoal, exigindo-se para o cidadão do século XXI uma educação/formação que o prepare para poder integrar-se numa realidade que muda continuamente e se torna cada vez mais complexa».*

Coutinho & Junior (2007, p.104)

A frase aqui reproduzida ajuda a explicar o facto de a ALV ser tão importante na sociedade contemporânea. A ALV assume-se como um «fator determinante» para enfrentar os desafios que as sociedades contemporâneas colocam aos cidadãos (Alves, 2010; Ávila, 2008). Como referem Oliveira (2007) e Pires (2002) encontramos-nos na sociedade dita do conhecimento, caracterizada pela necessidade de uma atualização permanente de conhecimentos, de aquisição de competências e capacidades (Cardoso, 2012; Carvalho & Coelho, 2009; Ferreira, 2010; Morgado e Ferreira 2006, citados por Coutinho & Junior, 2007; Pires, 2012). Quer as organizações quer os indivíduos veem-se confrontados com um modelo de ‘sujeito aprendente’, numa sociedade em que a ALV se tornou uma condição imperativa para a inclusão. (Caeiro, Ramalho, Nico & Nico, 2012; Carvalho & Coelho, 2009; Silva, 2005). De acordo com Siteo (2006) a sociedade do conhecimento acarreta riscos e incertezas, na medida em que é passível de reforçar desigualdades e a exclusão social.

Hargreaves (2003, citado por Coutinho & Lisbôa, 2011) encara a sociedade do conhecimento como uma sociedade da aprendizagem, na qual a produção do conhecimento se encontra dependente da capacidade de adaptação das pessoas às mudanças e da capacidade de aprenderem autonomamente e umas com as outras.

Ávila (2008) considera que a ALV pode implicar encontrar formas de desenvolver em permanência as competências necessárias nas diferentes esferas da vida. Alcoforado & Vieira (2007) defendem que as competências que alguém possui num determinado momento são a ilustração das ações desenvolvidas ao longo e em todas as situações da sua vida.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Dias (2005) explica-nos que «o conceito de competência é definido como uma combinação de capacidades, conhecimentos, aptidões e atitudes e a disposição para os usar de modo integrado» (p.59).

De acordo com o Relatório Delors, *Educação um tesouro a descobrir* (1996 citado por Carvalho & Coelho, 2009), «temos que aprender ao longo de toda a vida e procurar obter, até ao fim da mesma, um conhecimento dinâmico do mundo, combinando de maneira flexível as quatro aprendizagens fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser» (p.2). Dias (2005) defende que este relatório tem em atenção o papel da aprendizagem informal desenvolvida pelos indivíduos ao longo da vida e que a ALV aparece como uma forma de ultrapassar a tradicional distinção entre educação inicial e educação permanente.

A ALV foi definida como «toda a actividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objectivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada como emprego» (Pacheco, 2011, pp.76 -77). De acordo com o guia de apoio à ALV nas pequenas e médias empresas esta definição aponta para uma aprendizagem continuada no tempo, tal como para uma aprendizagem que resulta de vivências e contextos diferenciados, a qual ocorre nas diversas dimensões das nossas vidas (Universidade Aberta, 2011). Neste sentido, de acordo com o referido guia de apoio a «ALV integra três dimensões, (...) a aprendizagem formal, a aprendizagem não-formal e a aprendizagem informal» (p.8).

O conceito de ALV é definido pelo INE como «todas as atividades de aprendizagem intencional ou não, desenvolvidas ao longo da vida, em contextos formais, não-formais ou informais, com o objetivo de adquirir, desenvolver ou melhorar conhecimentos, aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou profissional».<sup>22</sup>

Alheit & Dausien (2006) consideram que o conceito de ALV adquiriu uma dimensão estratégica e funcional. No início do século XXI a ideia de ALV surgiu como lema das políticas educativas europeias, estando presente nas orientações estratégicas relacionadas com educação/formação nos diversos Estados-Membro (Alves, 2010; Quintas 2008).

A ALV ocupa um lugar central na agenda da política de cooperação europeia no âmbito da educação e da formação. Na opinião de Alves (2010) «a emergência da aprendizagem ao longo da vida como ideia central dos discursos e políticas educativas (...) é coincidente com a intensificação do papel da União Europeia na área das políticas educativas» (p.9).

---

<sup>22</sup> Informação retirada de <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/6141>

Segundo Siteo (2006) «a ALV tem sido objeto de discussões e de desenvolvimentos políticos, reiterando-se como uma componente básica do modelo social europeu, evoluindo no enquadramento estabelecido pela Estratégia Europeia para o Emprego (EEE), procurando concretizar respostas para as especificidades do mercado de trabalho» (p. 284).

Os três principais paradigmas de ALV devem-se ao Conselho da Europa, à UNESCO e OCDE, os quais desenvolveram quase simultaneamente um conceito de ALV (Siteo, 2006). O primeiro introduziu nos meados dos anos sessenta do século XX o tema da educação permanente, ou seja, introduziu um conceito novo e abrangente (Siteo, 2006).

A UNESCO deu um contributo significativo para a política e atividades da organização no domínio da educação ao longo da vida lançando, em 1972, o relatório *Learning to Be* da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, presidido por Faure. Este relatório foi precedido, em 1970, pelo trabalho de Lengrand, *An Introduction to Lifelong Learning*, o qual lançou as bases conceptuais e preparou o terreno para uma política nova e abrangente que pudesse inspirar e orientar todo o programa educativo da UNESCO (Siteo, *ibidem*).

O trabalho da OCDE, *Recurrent Education: a strategy for lifelong learning* definiu a educação contínua como uma estratégia cuja essência consiste na disseminação de oportunidades educativas menores ao longo da vida de um indivíduo.

Gaspar (2010) explica que a ALV «constitui o princípio orientador do quadro estratégico para o desenvolvimento dos sistemas de educação e formação até 2020, nos países da União Europeia, integrando todos os níveis de educação e ensino» (p.14).

Em Portugal tem-se assistido a um movimento de reforço das orientações das políticas públicas de educação e formação em direção aos princípios de ALV, de adaptabilidade e de flexibilidade.

Távora, Vaz & Coimbra (2012, citando a Comissão Nacional para o Ano da Educação e Formação ao Longo da Vida, 1998) consideram que a ALV é interpretada em Portugal «como um processo educativo e formativo cuja duração se confunde com o tempo de vida dos sujeitos (desde que nascem até que morrem) e como um quadro global de referência para o desenvolvimento do sistema educativo, associado a uma visão estratégica de evolução da economia e da sociedade portuguesa» (p.32).

Na opinião de Quintas (2008) podemos encontrar na base dos discursos sobre a ALV objetivos de ordem económica, social e individual. Quintas (*idem*) também vê a ALV como

necessária à integração social ao equilíbrio e coerência internas dos estados e das comunidades, sendo fundamental para a qualidade de vida dos sujeitos.

«Tendo em conta os dados fornecidos pela União Europeia sobre os significados que os Estados-Membros atribuem ao conceito, a ALV caracteriza-se pelos seguintes elementos:

1. O indivíduo aprende ao longo de toda a sua vida;
2. Estão envolvidas nesse processo uma gama de competências, gerais, profissionais e pessoais;
3. Tanto os sistemas formais de educação e formação como as atividades não formais organizadas fora desses sistemas têm um papel a desempenhar no âmbito da cooperação entre os sectores: público e privado, especialmente a nível da educação de adultos;
4. É colocada a tónica na necessidade de proporcionar uma base sólida durante o ensino básico e despertar no indivíduo o gosto e a motivação para aprender» (Eurydice, 2000, citada por Távora, Vaz & Coimbra, 2012, p.30).

Segundo Alves (2010), a difusão da ideia de ALV pode encerrar riscos associados a entendimentos redutores do termo. A autora dá os seguintes exemplos:

- 1) a ALV é vista como educação de adultos;
- 2) «a estreita associação entre aprendizagem ao longo da vida e sistemas educativos, esquecendo que a aprendizagem decorre também em espaços informais que não se estruturam em termos de objectivos educativos e que correspondem às actividades diárias relacionadas, designadamente, com o trabalho, a família ou o lazer» (pág.11).
- 3) a ALV está submetida a finalidades profissionais e de competitividade económica;
- 4) a ALV surge como elemento central das políticas educativas europeias, mas tende a ser entendida, como sendo da responsabilidade exclusiva dos indivíduos.

Na opinião de Alves, *et al* (2010, citados por Aníbal, 2013), a promoção de políticas educativas centradas na ALV podem conduzir à individualização, ao economicismo e ao acentuar das desigualdades sociais.

## **1.5 Motivação**

Em muitas definições de motivação encontramos a ideia de movimento, o que se explica pelo facto de a motivação levar a pessoa a fazer algo (Silva, 2013).

De acordo com Pintrich e Schunk (2002, citados por Silva 2013) a motivação deve ser vista como um processo e não um produto, podendo ser inferida a partir de alguns comportamentos, mas não observada diretamente.

Existem dois tipos de motivação, a intrínseca e a extrínseca. A primeira define-se operacionalmente em duas formas, ou seja, pela participação voluntária numa atividade, sem recompensas ou pressões externas e pela participação numa atividade pelo interesse ou prazer obtido com esse envolvimento (*ibidem*, p.151).

A motivação extrínseca, por sua vez, é externa, ou seja, encontra-se relacionada com uma valorização do meio externo, podendo haver uma recompensa que torne a tarefa apelativa.

Ferreira (2010) procurou, na sua dissertação de mestrado intitulada «A Natureza dos motivos para a formação nos adultos que frequentam cursos EFA», compreender os fatores que influenciam o adulto a inscrever-se em cursos de EFA. Os resultados obtidos no seu estudo indicaram que os adultos se inscrevem nestes cursos essencialmente devido a motivos extrínsecos, havendo diferenças significativas na natureza dos motivos, em função do género e do nível de formação frequentado. A autora refere, também, que estes adultos pretendem uma melhor gestão da sua carreira profissional e a aquisição de competências que lhes permitam manter o emprego ou procurar um outro melhor.

Fonseca (2010) desenvolveu um estudo semelhante na sua dissertação de mestrado intitulada «Porque razão se formam os adultos? Motivações e expectativas dos formandos dos cursos de educação e formação». A autora procurou conhecer os motivos e as expectativas que conduzem os indivíduos à escolha e à frequência de cursos de educação e formação de adultos. Fonseca (2010) conclui, tal como Ferreira (2010), que os motivos mais seleccionados pelos adultos foram factores extrínsecos. Fonseca (2010) refere os Motivos Vocacional (Enriquecimento do *curriculum vitae*), Operacional Profissional (Melhoria do desempenho no trabalho) e Económico (Progressão profissional).

Por sua vez, Moreira (2011) na sua dissertação de mestrado, intitulada «Motivações, expectativas e representações dos formandos em contextos de educação e formação de adultos», procurou saber quais as razões pessoais, profissionais e sociais que os adultos indicam para frequentarem os cursos EFA e os resultados que esperam obter com a conclusão do curso. Para uma melhor contextualização do problema procurou saber os motivos de abandono do seu percurso escolar, a imagem que têm do sistema educativo

frequentado e se alguma vez tinham assumido a educação/formação como uma preocupação nas suas vidas até ao presente.

## **1.6 Expetativa**

Rotter (1954, citado por Silva, 2008) define expetativa como «o grau em que o sujeito considera que um determinado reforço se segue a um determinado comportamento, executado numa determinada situação» (p.120).

De acordo com Olson, Roese e Zanna (1996, citados por Silva, 2008) as expetativas são «crenças sobre o futuro das coisas, isto é, probabilidades subjectivas sobre o modo como o futuro funcionará/reajirá em resposta às nossas acções, constituindo um mecanismo pelo qual experiências e conhecimentos passados são usados para predizer o futuro e determinar o comportamento» (p.120).

Ainda segundo Silva (2008) as expetativas podem ser probalísticas, referindo-se àquilo que poderá acontecer, ou normativas, referindo-se àquilo que deverá acontecer.

Paulino (2010) desenvolveu um trabalho de projeto no âmbito do mestrado em Ciências da Educação. A autora procurou perceber o impacto do Processo RVCC Integrado em dois grupos profissionais, auxiliares de ação educativa e eletricitistas de instalações. Ou seja, quis saber como é o que o processo contribuiu para a transformação pessoal e profissional desses grupos, quais os efeitos e influência da formação, e identificar as expetativas dos adultos face à sua ascensão e valorização profissional, aquando a conclusão do processo.

Portela (2012), por sua vez, realizou uma dissertação de mestrado, na qual quis analisar as perceções pessoais de adultos certificados através do RVCC sobre o impacte desse processo nas suas vidas. A autora analisou as finalidades e expetativas iniciais dos adultos antes do processo RVCC, a participação no processo (durante o processo de RVCC) e os resultados e mudanças após o processo de RVCC.

A autora explica que utilizou a metodologia de histórias de vida. De igual forma, utilizámos a mesma metodologia no nosso estudo, assunto que explataremos mais adiante.

## 1.7 Síntese

Tal como já mencionámos anteriormente, o objetivo da nossa investigação foi procurar saber porque é que mulheres imigrantes, após uma interrupção nos estudos no seu país de origem, decidem voltar a estudar, concluindo estudos em cursos EFA, em Portugal.

Este desiderato levou-nos a analisar literatura, a qual deu origem ao primeiro capítulo. A literatura permitiu-nos a aquisição de conhecimentos e a dissipação de muitas dúvidas que nos foram surgindo.

O facto de as participantes do nosso estudo serem mulheres imigrantes confrontou-nos com a necessidade de conhecermos com maior clareza alguns conceitos como imigrante, migrações, imigração e emigração, assim como conhecermos o fenómeno da imigração em Portugal e da feminização da imigração.

De igual modo, podemos afirmar que também procurámos conhecer os cursos EFA e refletir sobre educação, formação e aprendizagem ao longo da vida. Fizémo-lo com a intenção de compreender melhor a integração das mulheres imigrantes nos referidos cursos e quais as suas motivações e expetativas.

No próximo capítulo apresentamos a metodologia que nos pareceu mais adequada à resposta das questões de partida que anteriormente enunciadas.

## 2 Estudo Empírico: Metodologia e estratégia de investigação

*«A metodologia de uma investigação pode ser entendida como a reflexão ou a teoria do método, incidindo sobre o modo como se produz conhecimento, ou seja, centrando-se no conjunto de directrizes que orientam a investigação e os procedimentos em que esta se desdobra».*

(Alves, *et al* , 2008, p.7)

O objetivo deste capítulo é a descrição dos procedimentos realizados para o estudo empírico. De igual forma, pretendemos justificar as opções tomadas tendo em vista responder às questões de partida da nossa investigação e aos objetivos definidos.

### 2.1 Desenho do estudo

A escolha do problema de investigação é uma das fases mais difíceis num projeto de investigação (Tuckman, 2012). Quando começámos a equacionar o nosso estudo sentimos

esta dificuldade. Porém, com o tempo tornou-se-nos claro o interesse em aprofundar o estudo sobre os cursos EFA, tomando como sujeitos de investigação mulheres imigrantes que fossem formandas nos referidos cursos.

Esta opção fundamentou-se na importância do tema, que tentámos evidenciar no capítulo anterior, e na experiência do próprio investigador, há muito comprometido com o exercício de docência, no ensino da disciplina de História, nos ensinos básico e secundário e, mais recentemente, no ensino das disciplinas de Cidadania e Empregabilidade e de Cidadania e Profissionalidade em cursos EFA.

Sentimos o apelo de nos distanciarmos da prática e de olharmos de forma diferente para um aspeto ainda pouco estudado em Portugal – histórias de vida de mulheres imigrantes em cursos de educação e formação de adultos.

A nossa primeira preocupação foi estudar mulheres imigrantes, ouvindo-as sobre as suas vidas, ou seja, das suas experiências e histórias de vida.

Dado o objetivo, o número de sujeitos a estudar estava sobretudo condicionado pela possibilidade material de fazer a investigação dentro dos prazos. De frisar que não foi nossa intenção colher dados de muitos sujeitos, analisá-los estatisticamente e generalizar conclusões. Segundo Bogdan e Biklen (1994), podemos dizer que nos interessámos mais pelo processo do que pelo resultado ou produto.

Optámos por estudar nove mulheres imigrantes, recorrendo ao estudo das suas “histórias ou experiências de vida”.

Dadas as características deste estudo pareceu-nos que a metodologia a utilizar deveria ser a genericamente designada como qualitativa, excluindo, portanto, qualquer abordagem quantitativa. Como tal, os instrumentos que nos pareceram mais aconselháveis foram a entrevista em profundidade, semi-estruturada e a narrativa escrita.

## **2.2 Investigação qualitativa**

«A investigação qualitativa é muito utilizada (...) pela riqueza de informação que consegue obter através do seu procedimento indutivo, assentando o seu foco de interesse em problemas, acontecimentos, situações específicas ou nas pessoas, dando ênfase sobretudo às palavras em vez dos números» (Maxwell, 1996 citado por Santos, 2010, p.54).

O tipo de estudo que desenvolvemos, insere-se num paradigma qualitativo, configurando-se como um Estudo de Caso do tipo Histórias de Vida.

No estudo de caso do tipo Histórias de Vida «(...) o investigador leva a efeito entrevistas exaustivas com uma pessoa, tendo como objectivo coligir uma narrativa na primeira pessoa. (...) Algumas entrevistas de vida são dirigidas para abarcar a vida inteira do sujeito, desde o nascimento até ao presente, outras são mais limitadas. Aqui procuram-se dados referentes a um período específico da vida da pessoa (...)» (Bogdan & Biklen, 1994, pp. 92-93).

Brandão (2007) considera que «uma história de vida é sempre individual e única – a história de um indivíduo particular contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua experiência. Ela está, portanto, sempre imbuída da subjectividade própria do narrador, que não procede, nessa qualidade, ao mesmo tipo de operações que o investigador leva a cabo para construir e/ ou aferir a validade de uma teoria» (p.1).

Habermas e Bluck (2000, citados por Brito 2013) afirmam que para construir uma história de vida terão de ser usadas quatro tipos de coerência: temporal, biográfica, causal e temática.

### **2.3 Instrumentos de recolha de dados**

As entrevistas são um importante método de recolha de informação em investigações qualitativas. Trata-se de um método que estabelece uma relação interativa entre o entrevistador e o entrevistado.

Kvale & Brinkmann (2009) definem a entrevista semi-estruturada como : «interview with the purpose of obtaining descriptions of the life world of the interviewee in order to interpret the meaning of the described phenomena» (p.3).

Para a constituição das Histórias de vida, seleccionámos como estratégia principal de recolha de dados a entrevista semi-directiva e a narrativa escrita. Neste sentido, e para que das entrevistas resultasse uniformidade relativamente aos aspetos que pretendíamos que fossem abordados pelas participantes no estudo, elaborámos um guião de entrevista. O guião de entrevista (Anexo 6) foi elaborado a partir da revisão da bibliografia e dos objetivos propostos para o estudo, tendo orientado as entrevistas formais, individuais, que realizámos.

A entrevista foi dividida em duas partes: uma primeira parte com perguntas fechadas envolvendo aspetos de natureza biográfica como idade, estado civil, tempo de residência em Portugal. A segunda parte, constituída por perguntas abertas, envolveu perguntas acerca de marcos importantes da vida das entrevistadas, do seu relacionamento com a família ao longo

do tempo, a forma como vieram para Portugal, quais as motivações que conduziram à frequência de cursos EFA, assim como as suas expectativas e planos futuros.

### **2.3.1 Blocos da entrevista**

O guião da entrevista é constituído por 8 blocos de questões (*vide* anexo 6)

Bloco A. Legitimação da entrevista; Bloco B. Caracterização das formandas; Bloco C. Percurso Migratório; Bloco D. Passado Escolar; Bloco E. Motivação; Bloco F. Relação com colegas e professores/formadores; Bloco G. Expectativas; Bloco H. Informação complementar.

### **2.3.2 Narrativa escrita**

Fizemos também uso de outra técnica, a elaboração de uma redacção (narrativa escrita), na qual as formandas puderam escrever livremente sobre as suas experiências de vida. De acordo com Woods (1987, citado por André, 2007, p.31) quando se solicita um tipo de documento pessoal aos participantes, como neste caso a redacção de um texto escrito, «hay alumnos que pueden responder mejor a la situación cuando tienen tiempo para pensar y construir, un encargo oficial (deber para la casa o lección) y una inducción (nota), y pueden sentirse orgullosos y complacidos de lo que producen» (p.31).

### **2.3.3 Conversas informais**

As conversas informais que fomos mantendo com as formandas ao longo dos meses em que se desenvolveu esta investigação constituíram um valioso instrumento de recolha de dados. Nestes diálogos, ocasionais e não sistemáticos, foram-nos fornecendo detalhes importantes para a sua caracterização e para que pudessemos melhor compreender as suas motivações e expectativas.

### **2.3.4 Participantes**

As participantes são formandas em Cursos EFA no distrito de Setúbal e correspondem a uma amostra de conveniência. Seleccionámos, intencionalmente e por conveniência, indivíduos a que podíamos facilmente aceder (Hill & Hill, 2005). O facto de o investigador ter sido formador das participantes durante este ano letivo contribuiu para uma maior proximidade e adesão das mesmas. Todavia, esta nossa escolha se por um lado facilitou a exequibilidade em tempo útil e com custos reduzidos contribuiu por outro para a impossibilidade de extrapolação dos dados para todo o universo (*ibidem*). No anexo 6 apresentamos o perfil das mulheres entrevistadas.

### **2.3.5 Critérios de escolha das mulheres**

Neste estudo, procurámos conhecer as histórias de vida de nove mulheres imigrantes. Procurou-se cruzar as vivências particulares das entrevistadas, enquanto imigrantes e formandas em cursos EFA, com as suas motivações e expectativas após finalizarem os cursos.

Servimo-nos da definição de mulheres imigrantes utilizada por outros autores, como por exemplo Miranda (2009) - mulheres que nasceram noutros países e que imigraram para Portugal e não uma segunda geração de mulheres nascidas em Portugal e filhas de pais imigrantes.

Realizámos entrevistas semi-diretivas a nove mulheres desempregadas, três brasileiras, três cabo-verdianas e três de países do leste da Europa que se encontravam a frequentar cursos EFA de nível secundário, num IEFP.

Foi nossa intenção analisar histórias de vida que ajudassem a conhecer melhor a integração de mulheres imigrantes no nosso país, conhecer algumas das dificuldades sentidas no que diz respeito à educação e formação, as suas motivações e expectativas.

### **2.3.6 Procedimentos**

Com o intuito de conseguirmos participantes divulgámos nas nossas turmas o objetivo do nosso estudo e a necessidade de encontrarmos participantes. Aos poucos foram surgindo formandas que se voluntariaram. Esclarecemos melhor os objetivos da pesquisa e foi solicitada a colaboração voluntária, sendo-lhes pedida a redação de uma narrativa livre sobre as suas experiências de vida. Foi-lhes assegurado o anonimato, tal como a confidencialidade da informação prestada.

Após termos construído o guião de entrevista testámo-lo com uma mulher de cada origem em termos de duração e de compreensão das questões, não tendo havido necessidade de alterarmos questões.

As entrevistas decorreram nos meses de maio e junho de 2014 tendo tido lugar em locais públicos, escolhidos com cuidado para beneficiarmos de privacidade. As entrevistas foram posteriormente transcritas, sendo os conteúdos analisados no conjunto de cada nacionalidade e no conjunto global das nove entrevistas. No tratamento dos dados recolhidos, recorreremos à análise de conteúdo, técnica privilegiada nas ciências sociais e humanas.

### **2.3.7 Limitações**

A nossa maior limitação foi a falta de tempo. Foi muito difícil conciliar a nossa profissão com a realização da dissertação.

Também dificultou o nosso trabalho a incompatibilidade de horários com algumas formandas e o facto de algumas não terem realizado a narrativa escrita.

De salientar, igualmente, a falta de estudos com o mesmo objetivo deste estudo e com a mesma população alvo, o que limitou a comparação de resultados com outros estudos realizados e evidenciou o carácter exploratório do estudo.

O facto deste estudo ter decorrido apenas com formandas de um IEFP também constitui uma limitação, a qual impede generalizações.

### **2.3.8 Resultados**

Neste capítulo começamos por fazer uma caracterização das mulheres entrevistadas; seguindo-se uma apresentação dos resultados relativos às mulheres brasileiras; uma apresentação dos resultados relativos às mulheres cabo-verdianas e, por fim dos resultados relativos às mulheres de países do leste da Europa. Dedicamo-nos, de seguida, à análise dos casos e, finalmente, na última secção apresenta-se a análise global dos resultados.

## **2.4 Participantes**

### **2.4.1 Mulheres Brasileiras**

#### **Caracterização das mulheres brasileiras**

As três entrevistadas têm idades compreendidas entre os trinta e um e os quarenta e sete anos. São naturais do Estado de Minas Gerais, uma da cidade de Belo Horizonte e duas da de Ipatinga. De acordo com vários autores como, por exemplo Miranda (2009) e Malheiros (2007) uma grande percentagem de brasileiros que se encontram em Portugal são provenientes de Minas Gerais. De acordo com Malheiros (2007) após 1998, quase um terço destes é proveniente de um conjunto de cidades do Estado de Minas Gerais.

No que diz respeito ao estado civil todas casaram em Portugal, duas com cidadãos portugueses e uma com um lituano.

Quando emigraram para Portugal deixaram filhos no Brasil. O número de filhos varia entre 1 e 3.

Em Portugal, trabalharam em limpezas, restaurantes e cafés, tendo uma delas trabalhado em bares de alterne. Todas tiveram dificuldades em encontrar emprego quando chegaram: *«Fiquei sem trabalhar dois meses e quinze dias desempregada.»* (Vilma, entrevista)

*«Tive dificuldade porque não era legal. E depois era muito limitado. Só encontrava em cafés, em restaurante. Enquanto as pessoas tinham um ordenado de 500 e 600 euros as propostas eram de 350.»* (Andreia, entrevista)

*«Tenho feito de tudo. Limpeza, trabalho em cafés e restaurante.»* (Vanessa, entrevista)

Contudo, é de mencionar que duas delas já tiveram negócios por conta própria. Uma um café (inaugurado em 2008) e outra três lojas.

*«Em 2008, eu e o meu marido abrimos um café, posto no nome dele. Perante a lei ele foi o meu patrão.»* (Vanessa, entrevista)

*«Trabalhei ainda por conta de outrem, depois abri o meu próprio espaço, na tentativa de legalizar. Não consegui. Eu já tive três lojas aqui.»* (Andreia, entrevista)

O desemprego fez com que decidissem voltar a estudar, por isso frequentam cursos EFA, que lhes permitirá aumentar as habilitações académicas e melhorar as suas condições de empregabilidade.

*«Eu necessito da certificação. Foi por isso que me inscrevi. O objetivo de fazer este curso é obter a certificação. Eu dependo da dupla certificação. Este curso que estou fazendo dá equivalência ao 12º ano.»* (Andreia, entrevista)

Todas as entrevistadas encontram-se a frequentar cursos EFA há pelo menos 4 meses.

### **Percurso migratório**

A decisão de virem para Portugal foi influenciada no caso das três entrevistadas por terem amigos ou familiares a trabalhar no nosso país.

*«Vim por causa da minha irmã. Ela falou que tinha trabalho aqui para mim e tal.»* (Vilma, entrevista)

*«Onde ficou a morar? Em casa de uma amiga.»* (Andreia, entrevista)

*«Eu tinha aqui uma amiga, muito minha amiga. Vim aventurar. Ela me dizia que era bom em relação ao Brasil.»* (Vanessa, entrevista)

De acordo com Fonseca (2005, citado por Malheiros, 2007), uma grande percentagem de Brasileiros que vêm para Portugal tem amigos ou familiares da mesma cidade ou aldeia já instalados neste país.

O principal motivo apontado pelas três para a emigração foram os salários baixos que auferiam no Brasil: «*No Brasil, os ordenados nunca foram e até hoje não são altos. Na conversão de moeda tem vantagem. Aí é que está a diferença.*» (Vanessa, entrevista)

O visto turístico de três meses permitiu-lhes a entrada no país. Atualmente, encontram-se as três legalizadas.

### **Passado escolar**

As entrevistadas abandonaram cedo os estudos. No caso de duas das entrevistadas devido às dificuldades económicas da família e de outra devido ao namoro.

No caso de Vilma apenas estudou até ao 4º ano: «*Fiz no Brasil do 1º ao 4º ano.*»

No caso de Andreia: «*No Brasil estudei até 6ª série, aqui é o 6º ano. E depois desisti. (...) A minha mãe teve que se desdobrar para nos sustentar e devido às nossas necessidades, vi-me forçada a optar por desistir dos estudos. Comecei a trabalhar muito cedo, tinha apenas doze anos, era numa fábrica de biscoitos, embalando e rotulando.*»

No caso de Vanessa: «*É assim, eu estudei no Brasil até ao 6º ano. E depois comecei a namorar muito nova aos 14 anos. Aos 15 anos fui viver junto e deixei o estudo. E aos 16 voltei a estudar novamente e fiz até ao 8º e entrei num relacionamento muito nova, eu era ainda uma criança. Pensava que era aquilo que eu queria. A certa altura comecei a encarar a vida de outra forma, comecei a sair, a ir a uma discoteca, a um bar. Parei de estudar no 8º ano novamente. Aos 20 anos separei e vim para Portugal.*»

### **Motivação**

As três entrevistadas encontram-se a frequentar cursos EFA diferentes. Uma encontra-se a frequentar o curso de técnico auxiliar de saúde, uma o de técnicas de esteticismo e cosmetologia e outra o de técnico de turismo ambiental e rural.

Os motivos que as levaram a inscrever-se nestes cursos foram o facto de se encontrarem desempregadas, de quererem melhorar as suas habilitações académicas.

«*Eu fiquei no desemprego e perguntei se era possível estudar. Minha amiga falou que tinha tirado um curso e escolaridade.*» (Vilma, entrevista)

Das três entrevistadas uma já fez três cursos EFA. Vilma diz que *«Estudar para mim significa tudo. É aprender, é educação, é escolaridade, é ter uma profissão, é ser gente! Para mim está sendo uma vitória.»*

As três mulheres encontram-se satisfeitas com os cursos.

### **Relacionamento com colegas e com formadores/ professores**

No que diz respeito ao relacionamento com os colegas da turma, alguns autores como Malheiros (2007) consideram que o facto de falarem português contribui para uma melhor interacção social. «Os Brasileiros são considerados em diversos estudos de opinião efectuados junto da população portuguesa como o grupo imigrante mais próximo desta» (Malheiros, 2007, p.23).

Apesar das entrevistadas considerarem que a sua relação com os colegas é boa, afirmam que não têm amigos verdadeiros nas turmas que frequentam.

Uma das entrevistadas diz já ter sentido discriminação com uma colega brasileira: *«Já senti preconceito na minha turma com colega brasileira de se achar superior. Mas eu não dou importância. Na vida a gente leva tantas pancadas. Chega uma altura que não é a gente estar habituados mas já temos defesas.»* (Vanessa, entrevista)

No que concerne à relação com os formadores consideram que alguns são mais atenciosos e gostam de interagir com os formandos/professores do que outros. Alguns formadores/professores são mais expositivos e não gostam de ser interrompidos. Das três entrevistadas apenas uma disse : *«Já sofri alguma discriminação por parte de alguns formadores.»* (Andreia, entrevista)

### **Expetativas**

*«Estudar para mim significa tudo. É aprender, é educação, é escolaridade, é ter uma profissão, é ser gente! Para mim está sendo uma vitória. Mas no fundo tenho muita dificuldade. Só que eu não falo no assunto. Para mim a aula mais difícil que eu tenho é português. Porque matemática eu ainda pego. (...) Vou virar doutora. (risos). Vou trabalhar na saúde. Vou ser técnica de saúde.»* (Vilma, entrevista)

*«Eu necessito da certificação. Foi por isso que me inscrevi. O objetivo de fazer este curso é obter a certificação. Eu dependo da dupla certificação. Este curso que estou fazendo dá equivalência ao 12º ano.»* (Andreia, entrevista)

*«Este curso para mim, no meu ponto de vista é importante. Eu acredito que Portugal vai melhorar. Até mesmo uma formadora diz que Setúbal daqui a cerca de 5 anos vai ser muito procurado pelo turismo. Setúbal e todo o Portugal tem potencial para crescer. Eu já estive na Holanda, na Alemanha e na Lituânia e posso dizer que aqui a gastronomia é a melhor, as praias são as melhores. E acredito que vai melhorar.»* (Vanessa, entrevista)

## **2.4.2 Mulheres cabo-verdianas**

### **Caracterização das mulheres cabo-verdianas**

As três entrevistadas pertencem à comunidade imigrante mais antiga em Portugal, têm idades compreendidas entre os vinte e dois anos e os cinquenta e nove. Uma das entrevistadas nasceu na Ilha de Santo Antão e as restantes na Ilha de Santiago.

No que diz respeito ao estado civil uma é casada, uma vive em união de facto e a outra é divorciada. O número de filhos varia entre os dois e os quatro.

Duas das entrevistadas já exerceram várias profissões no nosso país enquanto que a terceira, a mais nova tem tido muita dificuldade em encontrar emprego tendo apenas, desde que chegou a Portugal, tido um trabalho de três meses numa loja chinesa. *«Trabalhei numa loja de chinês e num restaurante mas também não foi uma grande coisa. Foi um trabalho na cozinha. Não foi nada de especial. Por isso digo que nunca trabalhei. (...) Fartei-me de lavar pratos. Só lá fiquei um dia. Me desorientei. E me deixou muito marcada.»* (Sidneia, entrevista)

As três esperam que quando terminarem os cursos consigam encontrar emprego após o estágio profissional. Apenas uma das entrevistadas mencionou na entrevista que se encontrasse um emprego muito provavelmente desistiria do curso.

Todas as entrevistadas encontram-se a frequentar cursos EFA há pelo menos 4 meses.

### **Percurso Migratório**

As três mulheres vieram para Portugal em 1971, 1987 e 2009, respetivamente. De acordo com Batalha (2008) a migração cabo-verdiana para Portugal iniciou-se nos anos 1960 e continua, embora o ritmo tenha abrandado muito nas décadas de 1990-2000.

A entrevistada que emigrou para o nosso país em 1971 veio em busca de melhores condições de vida, a entrevistada que veio em 1987 veio juntar-se ao marido e a terceira veio com o marido em busca de trabalho e de melhores condições de vida em 2011. Contudo, existe alguma desilusão:

*«Trabalhava de 8 a 8 para 3 contos e quinhentos. O que é que é isto? Aqui não é nem sessenta euros. E eu não tinha transporte tinha de ser a pé. O dinheiro não me compensava e deixei. Punha minha vida em risco porque chegava a casa muito tarde, tinha uma criança pequena e mais dois irmãos para cuidar.» (Sidneia, entrevista)*

*«Vim na esperança de uma vida melhor. E não foi aquela coisa que eu estava à espera. Era um sonho que eu tinha de criança. Mas fiquei desiludida. Saí da Bela Vista para vir viver na Bela Vista.» (Sidneia, entrevista)*

### **Passado escolar**

Duas das entrevistadas abandonaram cedo os estudos, devido às dificuldades económicas da família.

Uma estudou até ao 4º ano (caso de Zulmira): Foi batizada aos cinco anos de idade e aos sete entrou para a escola: *«Fui para a escola onde aprendi a ler e escrever. Era um tempo diferente, eu tinha apenas um caderno e um lápis e não havia manual escolar mas gostava muito da escola, ainda hoje lembro-me das canções que aprendi para decorar as primeiras letras. Fiz o exame do quarto ano aos doze anos.»*

Celina foi aquela que fez um percurso escolar mais prolongado, tendo podido estudar até aos dezassete anos.

No caso de Celina: Entrou para a escola primária aos seis anos, sabendo ler e escrever: *«Ela [mãe] não permitia que eu errasse uma letra ou ter uma distração, e eu detestava aquilo, porque o que eu queria era brincar, penso que acabei por levar esse medo para escola. Na escola eu era uma criança tímida e retraída, sabia a tabuada por excelência, as contas de divisão, multiplicar, e a numeração romana, não reprovei da pré-primária à quarta classe, mas na quarta classe as coisas complicaram chumbei no exame que se fazia na altura, e ainda havia a prova oral que para mim era uma tortura.»*

Celina frequentou o ciclo preparatório numa zona chamada Calabaceira e mais tarde o liceu. Interrompeu os estudos aos dezassete anos e arranjou emprego na área da restauração no Hotel Praia Mar.

No caso de Sidneia: Estudou em Cabo Verde apenas até ao 5º ano, devido às dificuldades económicas da família e às suas crises de epilepsia.

## **Motivação**

Uma das entrevistadas frequenta o curso de técnicas de auxiliares de saúde e as restantes o de cozinha e pastelaria.

Os motivos que as levaram a inscrever-se nestes cursos foram o facto de se encontrarem desempregadas, de quererem melhorar as suas habilitações académicas e no caso de uma delas para não estar em casa sem fazer nada.

*«Foi por causa do desemprego. Fiquei em casa em 2010.»* (Celina, entrevista)

*«Inscrevi-me num curso em 2012 para ocupar a vida e não estar em casa aborrecida. Também me inscrevi no centro de emprego para ver se aparecia algum emprego. Mas não havia por causa da minha escolaridade.»* (Sidneia, entrevista)

As três mulheres encontram-se satisfeitas com os cursos. Mas, no caso de Celina gostaria que o curso fosse mais prático.

No caso de Zulmira: *«Estou a frequentar o curso de cozinha e pastelaria, estou a aperfeiçoar as minhas habilidades na cozinha e adquirir novas técnicas. Tem sido um grande desafio acompanhar todos os trabalhos que o curso exige mas estou determinada a ultrapassar mais este desafio.»*

## **Relacionamento com colegas e com formadores/ professores**

Duas entrevistadas dizem que têm um bom relacionamento com os colegas de turma, havendo no entanto, colegas de quem não gostam do feitio.

Apenas a entrevistada mais jovem diz: *«Eu gosto desta turma mas não quero apegarme às pessoas porque depois levo patadas. Amigos lá fora, aqui não.»* (Sidneia, entrevista)

No que diz respeito aos professores/formadores as duas formandas do curso de pastelaria queixam-se do facto de muitas das aulas que deveriam ser práticas na cozinha não o serem por falta de ingredientes para confeccionar certos pratos.

Mas, no fundo, consideram que mantêm uma boa relação com os professores. De salientar que por vezes, se sentem envergonhadas com a forma como alguns colegas tratam os professores.

## **Expetativas**

As entrevistadas consideram que será mais fácil encontrar trabalho após a conclusão dos cursos. Duas delas pensam que se o estágio correr bem poderão ficar a trabalhar no local

onde decorrerá. No entanto, a entrevistada cabo-verdiana mais jovem apresenta maiores reservas, podendo abandonar o curso se encontrar entretanto emprego.

### **2.4.3 Mulheres de países de Leste**

#### **Caracterização das mulheres de países de Leste**

As três entrevistadas pertencem à comunidade imigrante mais recente em Portugal, têm idades compreendidas entre os trinta e um anos e os trinta e cinco anos. Duas destas mulheres são naturais da Ucrânia e outra da Moldávia. São casadas e têm um filho nascido em Portugal. Trabalharam em cafés, restaurantes e em limpezas em Portugal.

As três consideram que após a conclusão dos cursos e da realização do estágio profissional será fácil integrar o mercado de trabalho, pois consideram que os seus cursos têm muita oferta de emprego. Mas, no caso de não encontrarem emprego pensam em deixar o país.

Todas as entrevistadas encontram-se a frequentar cursos EFA há pelo menos 4 meses.

#### **Percurso Migratório**

O facto de muitos ucranianos terem vindo para Portugal e de terem tido sucesso influenciou as nossas entrevistadas a decidirem emigrar para o nosso país.

Uma das entrevistadas veio acompanhada do marido e as outras duas vieram alguns anos depois aos respetivos maridos.

*«O meu objetivo era o mesmo dos outros emigrantes que deixaram a Ucrânia e vieram para Portugal. Eu e o meu marido viemos à procura de uma vida melhor no estrangeiro.»* (Irina, entrevista).

*«Vim ter com o meu marido. Ele veio em 2002, trabalhar nas obras e eu vim em 2006.»* (Alina, entrevista)

*«Foi uma decisão tomada por mim e pelo meu marido com apoio das nossas famílias. Quisemos melhor[ar] as vidas. E em parte conseguimos, já tenho a minha casa aqui comprada e paga.»* (Veronika, entrevista)

#### **Passado escolar**

Uma das entrevistadas concluiu o 9º ano de escolaridade na Ucrânia, as restantes concluíram o 12º, tendo uma destas frequentado o primeiro ano do curso universitário de contabilidade e finanças.

## **Motivação**

Uma das entrevistadas frequenta o curso de Técnica de Maquinação e Programação CNC e as outras duas o de Aeronáutica.

Os motivos que as levaram a inscrever-se nestes cursos foram o facto de se encontrarem desempregadas, de quererem melhorar as suas habilitações académicas e de quererem apostar num curso com saída profissional.

As três manifestaram que os cursos são muito exigentes, principalmente para os estrangeiros que não sabem falar português. As três consideram que embora tenham muitas dificuldades em compreender tudo o que é lecionado esforçam-se muito por ter boas notas.

De salientar que uma delas diz ter insistido muito para que a tivessem aceite no curso de maquinação e programação cnc, uma vez que as técnicas de selecção das formandas para os cursos colocaram muitos entraves devido ao seu fraco domínio do português e devido ao facto de ser um curso mais vocacionado para um público masculino.

*«Eu vou tentar dar tudo por tudo para me tornar ser uma profissional e seguir a área escolhida que é técnica de maquinação e programação cnc.»* (Veronika)

## **Relacionamento com colegas e com formadores/ professores**

As três entrevistadas consideram que têm um bom relacionamento com formadores e professores, mas o mesmo não acontece com os colegas. Explicam este facto com as muitas intervenções que fazem nas aulas. Se não percebem o que é dito pedem para que os formadores e professores expliquem novamente e colocam dúvidas e questões. Os colegas não entendem e pensam que fazem isso para se evidenciarem. Duas delas consideram que os portugueses são muito desleixados com a forma como se vestem e que as pessoas que de algum modo sobressaem pela forma de vestir ou de falar são apontadas. Por isso, afastam-se da maioria dos colegas porque se sentem criticadas e discriminadas.

## **Expectativas**

As entrevistadas consideram que frequentam cursos que lhes permitirão encontrar emprego facilmente porque são áreas em que há uma maior oferta de emprego. No entanto, ponderam sair do país caso a situação de crise e de falta de emprego se mantenha.

## **2.5 Análise dos Casos**

### **2.5.1 Mulheres Brasileiras**

#### **Entrevista – Brasileira 1 – Vilma**

##### **Perfil sumário**

Vilma é uma imigrante brasileira, de quarenta anos de idade, natural da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Deixou um filho no Brasil ao cuidado da avó. Chegou a Portugal no ano 2004 e foi recebida pela irmã mais velha que cá se encontrava a viver e a trabalhar. Atualmente vive em Setúbal com o marido e dois filhos. Pertence à religião evangélica e frequenta com assiduidade a Igreja.

Abraçou a oportunidade de poder estudar no nosso país, considerando que *«os estudos tiram uma pessoa da ignorância.»* Frequenta um curso EFA de Técnica Auxiliar de Saúde e trabalha numa cozinha no empreendimento turístico em Tróia, em *part-time*.

##### **História de Vilma**

Vilma vivia no Brasil com os pais, os irmãos e um filho, numa casa que descreve como muito pobre e modesta, na qual existia apenas uma divisão. As dificuldades económicas por que passavam e o facto de o pai do filho nunca a ter ajudado levaram-na a pensar em procurar melhores condições de vida noutra local. A decisão final de partida foi influenciada pela irmã mais velha, pelo facto de ter emigrado para Portugal e de insistir no facto de ser fácil ganhar dinheiro. Por isso, criou uma imagem idealizada do nosso país, que cedo se desvaneceu ao ter-se confrontado com outro cenário: *«Vim para Portugal, porque tinha minha irmã aqui e achei que podia dar ao meu filho e família uma vida melhor, mas quando cheguei aqui a realidade era bem diferente (...). Os meus sonhos foram por água abaixo porque não tinha nada que eu imaginei, fiquei dois meses sem trabalhar, entrei em desespero porque comprei minha passagem à prestação e não tinha trabalho e nem dinheiro. (...) Já passei muita fome aqui em Portugal. (...) Se eu imaginasse que Portugal era assim nunca tinha vindo para cá, porque larguei tudo lá de bom para sofrer aqui, guardando tudo isto só para mim para não preocupar minha mãe.»*

Vilma chegou a Portugal há dez anos, com um visto de turismo. É uma mulher que se encaixa no perfil a que os autores Wall, Nunes & Matias (2008) atribuíram o nome de trajetória autónoma *“Poupança intensa a curto prazo”*. A intenção era juntar o máximo de dinheiro possível e regressar ao Brasil. Porém, desde então não abandonou o nosso país.

Em 2004, quando chegou, ficou a viver numa casa arrendada na Costa da Caparica com a irmã mais velha, a qual se encontrava em Portugal desde os anos 1990. Após ter estado dois meses sem emprego conseguiu trabalho como empregada de limpezas em casas de família. Deixou este trabalho por um emprego num restaurante na Trafaria como empregada de mesa, o que lhe permitiu auferir um ordenado de 500 euros. O convite para cuidar de uma idosa por 1.700 euros falou mais alto e deixou o emprego do restaurante. Porém, chegado o dia do pagamento apenas recebeu 200, com a justificativa de que não tinha contrato e aquele valor anterior não tinha sido o acordado: *«Fui enganada porque a quantia não era o que ela me disse. Mais uma vez fiquei decepcionada e desempregada.»*

A falta de dinheiro despoletou dificuldades no relacionamento com a irmã. *«Minha irmã não me dava apoio, era muito má para mim. Se eu não ajudava na despesa ela comia na minha frente e nem me oferecia, mas também pelo meu orgulho talvez não [acesse].»* A irmã aproveitou uma boa oferta de emprego no Monte da Caparica, deixando-a sozinha no apartamento onde residiam. Com dificuldades para assegurar o pagamento das despesas foi morar com amigas brasileiras: *«uma era strip e me convidou para ir trabalhar com ela. Mas eu não queria ir porque no Brasil nunca precisei de me prostituir para sobreviver mas devido o que eu estava passando tive de ir muito triste e angustiada.»*

No bar noturno conheceu um homem, empresário da construção civil, com quem veio a casar. Já moram juntos há oito anos e têm uma filha em comum: *«a minha vida mudou, não foi só na vida financeira foi sobretudo a nível familiar, ele trouxe o meu filho do Brasil»;* *«A minha vida era triste sem meu filho.»*

Apesar da vida ter melhorado, Vilma sente-se afetada pela crise económica que o país atravessa. *«Com a crise que estamos passando está muito difícil para mim e meu marido; tem vezes que não conseguimos pagar todas as contas, comer direito e pagar a renda, mas pronto isto vai passar Deus é fiel! (...) me doi muito não poder comprar as coisas para eles [filhos], de não andar certo com as contas, parece que fiquei inválida, não posso fazer nada. (...) Às vezes as pessoas me veem sorrindo e acham que estou bem. Fisicamente, por fora, sim. (...) Gosto de ser alegre e extrovertida. É o que me fortalece!»*

Vilma considera muito importante estudar, por isso frequenta um curso EFA e trabalha em *part-time* numa cozinha em Tróia. *«Comecei do zero. Comecei a estudar do 1º ano e tenciono fazer até ao 12º e vou conseguir para poder dar o melhor aos meus filhos e principalmente ter uma profissão».* O curso EFA que frequenta é o de Técnica Auxiliar de Saúde, o qual lhe dará equivalência ao 12º ano de escolaridade: *«Eu sei que quando terminar*

*o 12º ano e ter uma profissão vou trabalhar nesta área de saúde; poder ajudar meu marido nas despesas e no que for necessário para nós.»* Considera que não tem amigos na turma que frequenta, mas que mantém uma boa relação com os professores e com os colegas. Sobre o relacionamento com os colegas fala com todos mas diz que não são verdadeiros amigos. Um dos colegas *«acha que sou burra e já apanhei as colegas falando mal de mim nas casas de banho.»* Mas com os professores diz manter uma boa relação gostando de todos.

Vilma não tenciona regressar ao Brasil. Considera que a família é muito importante, por isso não pretende separar-se do marido e dos filhos. Com a família no Brasil, após o falecimento da mãe e da chegada do filho a Portugal, deixou de manter contacto. Sabe que o pai depois de ter ficado viúvo se juntou a outra mulher e isso faz com que não lhe queira falar. Diz que não tem dúvidas em afirmar que *«O meu lugar é aqui.»*

## **Entrevista – Brasileira 2 – Andreia**

### **Perfil sumário**

Andreia tem 37 anos e é natural de Ipatinga, do Estado de Minas Gerais. Emigrou para Portugal há onze anos em busca de melhores condições de vida e como fuga a problemas pessoais com o ex-marido. Deixou dois filhos no Brasil ao cuidado da avó e teve um terceiro em Portugal. Vive com o namorado que conheceu em Portugal e frequenta um curso EFA de Técnicas de Esteticismo e Cosmetologia. O seu maior desejo é obter a dupla certificação e ter o diploma que lhe permita exercer a profissão no nosso país.

### **História de Andreia**

Andreia nasceu no seio de uma família modesta. Recorda a infância como normal, mas refere que sempre se fez notar a ausência da figura paterna. *«O falecimento do meu pai abalou a nossa estrutura familiar. Talvez esse abalo nos tenha forçado a um amadurecimento fora do comum, quando isso aconteceu tinha três anos, a minha mãe teve que se desdobrar para nos sustentar, não teve, desde então, tempo para se dedicar o suficiente e nos orientar. Sou a filha mais nova de três filhos.»* A mãe valorizava a escola e sempre se esforçou para que os filhos estudassem. Porém, contrariamente aos irmãos, Andreia decidiu não estudar tendo apenas concluído o 6º ano: *«Eu não posso me queixar não. A minha família tem toda formação académica. (...). Eu não estudei porque não quis. (...) O meu irmão é contabilista e exerce, tenho um irmão que é electricista e formou também em processamento de dados, depois teve alguns anos a leccionar e hoje trabalha numa metalúrgica.»*

Aos doze anos passou a dividir o tempo entre a escola e o trabalho numa fábrica de biscoitos. Quando o dinheiro começou a falar mais alto abandonou definitivamente os estudos. Trabalhou numa consultoria na área da informática e, mais tarde, numa madeireira. A sua decisão de vir para Portugal prendeu-se com o desejo de ter uma vida melhor e por razões pessoais. *«Vim para Portugal em busca de uma vida melhor e razões pessoais. Tinha problemas pessoais e por isso o sair de lá era bom. Não vim enganada, já se falava em crise. Nunca vim iludida.»* Em Portugal, Andreia teve dificuldades em encontrar emprego. *«Tive dificuldade em encontrar trabalho. Só podia trabalhar em cafés, restaurantes, ... era limitado. Ofereceram-me 300 euros e eu tive de aceitar. Em Carcavelos o patrão era justo e recebia mais.»* Decidiu estudar num curso EFA porque precisa de um certificado profissional para poder exercer a profissão de técnica de cosmetologia. *«Em 2005 fui ao Brasil tratar da minha legalização. Fiz um curso mas não foi reconhecido aqui. Questão burocrática para exercer a profissão preciso de formação. Já tive três lojas. Trabalho na área de homeopatia, atendimento de tratamento estético. Obter a certificação. Quero a dupla certificação. Para mim é o mais importante.»* Andreia sente-se bem emocionalmente. *«Já estabeleci a minha família, o meu marido é de cá. (...). Chamei os meus filhos para cá, vieram mas não gostaram o que tem 18 quer ir para o exército. Está com familiares, tem apoio, tem o pai e estamos sempre em contacto. (...) A opção é deles não ficou trauma. O mais velho vive com o pai e o outro com a minha mãe.»* No que concerne aos colegas de curso considera que se dá bem com todos e com os formadores, mas que não existe amizade. Deseja terminar o curso e depois fazer uma pós graduação em cosmetologia no Brasil.

### **Entrevista – Brasileira 3 – Vanessa**

#### **Perfil sumário**

Vanessa é uma imigrante brasileira, de trinta e um anos de idade, natural da cidade de Ipatinga do Estado de Minas Gerais. Chegou a Portugal em 2003 tendo deixado uma filha no Brasil ao cuidado da avó. Casou há dez anos e reside atualmente no Pinhal Novo com o marido e um filho. Encontra-se a frequentar o curso de técnico de turismo rural e ambiental e tem fortes expectativas de que este curso dentro de poucos anos venha a ter grande procura devido ao potencial turístico que o país possui.

#### **História de Vanessa**

Vanessa vivia em Itaptinga com os pais e cinco irmãos. O percurso escolar foi perturbado devido aos namoros: *«É assim, eu estudei no Brasil até ao 6º ano. E depois comecei a namorar muito nova aos 14 anos. Aos 15 anos fui viver junto e deixei o estudo. E*

*aos 16 voltei a estudar novamente e fiz até ao 8º e entrei num relacionamento muito nova, eu era ainda uma criança. Pensava que era aquilo que eu queria. A certa altura comecei a encarar a vida de outra forma, comecei a sair, a ir a uma discoteca, a um bar. Parei de estudar no 8º ano novamente.»*

No que diz respeito ao percurso profissional no Brasil, não teve muitos empregos porque o marido não queria que trabalhasse.

Vanessa decidiu vir para Portugal devido aos salários mais baixos no Brasil: *«Vim para Portugal por ter cá uma amiga e de ela dizer que aqui era muito melhor em relação ao Brasil. No Brasil, os ordenados nunca foram e até hoje não são altos. Na conversão de moeda tem vantagem. Ai é que tá a diferença.»* Acerca do curso que frequenta considera que: *«este curso para mim, no meu ponto de vista é importante. (...) Setúbal daqui a cerca de 5 anos vai ser muito procurado pelo turismo. Setúbal e todo o Portugal tem potencial para crescer. Eu já estive na Holanda, na Alemanha e na Lituânia e posso dizer que aqui a gastronomia é a melhor, as praias são as melhores. E acredito que vai melhorar. Eu tenho fé. Se não melhorar no futuro penso ir trabalhar no Dubai. Mas eu quando viajo e depois regresso a Portugal sinto que cheguei na minha casa.»* Gosta de viver em Portugal, mas acha que existe preconceito e racismo, principalmente entre brasileiros: *«Já senti preconceito na minha turma com colega brasileira de se achar superior. Mas eu não dou importância. Na vida a gente leva tantas pancadas. Chega uma altura que não é a gente estar habituados mas já temos defesas.»*

## **2.5.2 Mulheres Cabo-Verdianas**

### **Entrevista – CV 1 – Sidneia**

#### **Perfil sumário**

Sidneia nasceu na Ilha de Santiago em Cabo Verde no seio de uma família numerosa. O pai era camionista e a mãe doméstica. A família, que comportava mais quatro irmãos, tinha poucas posses e a frequência escolar nunca foi incentivada. Atualmente, Sidneia vive em Setúbal numa casa alugada com o namorado e com dois filhos, encontrando-se a frequentar o curso de técnica auxiliar de saúde.

#### **História de vida de Sidneia**

Sidneia descreve uma infância triste marcada pelas dificuldades económicas da família, pela doença de uma das irmãs e pela epilepsia de que passou a padecer aos dez anos. Sidneia fala com mágoa do pai, o qual após ter a vindo a Portugal com a irmã para

tratamento médico, nunca mais regressou a Cabo Verde. «*O meu pai na altura já tinha viajado para Portugal com a minha irmã que tinha uma defesência [deficiência] na cara, ela nasceu com os lábios abertos até à garganta. Mandaram a minha mãe viajar com ela ao tratamento cá em Portugal só que o meu pai passou à frente quis vir no lugar dele [dela]. E ela o deixou [...] 5 anos depois ele escreve para nós e manda dinheiro mais com o tempo ele deixou de mandar e nos esqueceu. A minha mãe ficou desseperada [desesperada] e agente [a gente] poucas e boas sofremos muitos por causa dele.*» (Sidneia, narrativa escrita)

Em Cabo Verde estudou até ao 5º ano, devido às dificuldades económicas da família e às suas crises de epilepsia.

Sidneia foi mãe aos catorze anos e nunca teve o apoio do pai da criança. Aos quinze foi viver com o primo, atual marido, com quem decidiu vir para Portugal e teve uma filha.

Sidneia decidiu vir para Portugal com o marido em busca de uma vida melhor. Encontra-se a viver no nosso país há três anos e encontra-se desiludida com a sua vida porque a realidade não correspondeu às expetativas. Por isso, diz que gostava de emigrar para os Estados Unidos, onde tem familiares.

Em termos profissionais, em Portugal trabalhou cerca de três meses numa loja chinesa, nunca tendo feito descontos para a Segurança Social. Sobre o emprego, Sidneia pensa que a falta de habilitações académicas não a ajuda na procura de emprego. No início de janeiro concluiu um curso no IEFP que lhe deu equivalência ao 9º ano. Neste momento, frequenta um curso de técnica auxiliar de saúde que lhe dará equivalência ao 12º ano de escolaridade. No curso que concluiu apenas fez uma amizade com uma cabo-verdiana e considera importante não se apegar às pessoas: «*Eu gosto desta turma mas não quero apegar-me às pessoas porque depois levo patadas. Amigos lá fora, aqui não.*»

## **Entrevista – CV 2 – Celina**

### **Perfil sumário**

Celina nasceu há quarenta e sete anos no hospital da cidade da Praia, capital de Cabo Verde. Viveu em Cabo Verde até aos vinte e um anos de idade, tendo sido essa a idade com que veio para Portugal, no ano de 1985. É divorciada e tem três filhos. Frequenta um curso EFA de cozinha e pastelaria.

### **História de vida de Celina**

Celina recorda uma infância feliz e das brincadeiras com os irmãos, primos e primas.

«A minha infância, a minha terra Cabo verde, lembro-me de como amava a música, dançar, saltar a fogueira do S. João, andar à chuva, ouvir as histórias que a minha mãe contava, ...». «Quando nasci eu já tinha uma irmã com cinco anos Maria de Lourdes, dois anos mais tarde nasce o meu irmão José Jorge e quatro anos após o nascimento do meu irmão nasceu a minha irmã Maria Isabel.» (Celina, narrativa de vida). Celina, a mãe e os irmãos viviam com a avó materna, que era vendedora de especiarias no mercado municipal da Praia e com a tia, também vendedora, de vários produtos como tabaco, bebida, petiscos, sandes e outros produtos alimentares. Viviam conjuntamente, também dois primos e duas primas: «Eram três casas ligadas umas às outras, casa da frente era composta por um quarto e uma sala, um quarto lateral direito depois o quintal, a casa de banho e a cozinha do lado esquerdo.» «Todos ajudávamos a minha tia a levar a mercadoria para ser vendida aos estivadores no cais do porto de Alfândega» (Celina, narrativa de vida).

Celina entrou para a escola primária aos seis anos, sabendo ler e escrever: «Ela [mãe] não permitia que eu errasse uma letra ou ter uma distração, e eu detestava aquilo, porque o que eu queria era brincar, penso que acabei por levar esse medo para escola. Na escola eu era uma criança tímida e retraída, sabia a tabuada por excelência, as contas de divisão, multiplicar, e a numeração romana, não reprovei da pré-primária à quarta classe, mas na quarta classe as coisas complicaram chumbei no exame que se fazia na altura, e ainda havia a prova oral que para mim era uma tortura» (Celina, narrativa de vida).

Celina frequentou o ciclo preparatório numa zona chamada Calabaceira e mais tarde o liceu. Interrompeu os estudos aos dezassete anos e arranjou emprego na área da restauração no Hotel Praia Mar.

No ano de 1985 decidiu vir para Portugal. «Em Novembro de 85 emigro para Portugal à procura de melhores condições de vida. O meu ex marido já se encontrava em Portugal. Foi a primeira viagem de avião, a minha primeira vez longe da minha querida mãe e irmãos a primeira vez longe de tudo o que era meu de verdade, sem uma noção básica do que é deixar simplesmente para trás, foi assim que me tornei numa emigrante. Não era a minha intenção ficar em Portugal, mas as coisas não correram pelo melhor.» (Celina, entrevista).

A primeira experiência profissional em Portugal durou poucos meses devido à falta de pagamento, tendo trabalhado como empregada doméstica interna. Depois trabalhou numa aldeia em Vila Nova de Ourém também como empregada doméstica interna.

As diferenças climáticas dificultaram a sua adaptação ao nosso país: *«tempo chuvoso, vento forte, principalmente de manhã havia trabalho a fazer logo cedo e eu não estava habituada aquelas temperaturas, isso fazia chorar às vezes, fazia-me lembrar a minha terra e tudo o resto.»*

Celina tem três filhos, apenas o mais novo nasceu em Cabo Verde. *«Em Abril de 87 nasceu a minha filha, na maternidade Alfredo da Costa em Lisboa, e em Julho de 88 nasce o meu filho. Passado algum tempo mudei-me para Setúbal. Acabei por separar do meu ex-marido, pois a convivência tornou-se insustentável e com algumas pessoas também do meu convívio principalmente algumas conterrâneas minhas.»*

Em 1990, frequentou um curso de corte e costura com o apoio de Centro de Formação de Setúbal. Completou o ensino básico na Escola Secundária Sebastião da Gama, na qual chegou a iniciar o ensino secundário. Acabou por desistir para apoiar os filhos que na altura se encontravam no ciclo preparatório.

Celina possui no currículo algumas formações de pouca duração como o inglês, informática, encontrando-se a frequentar o curso de cozinha e pastelaria. Deposita muita confiança no futuro e acredita que este curso lhe pode abrir muitas portas de emprego.

### **Entrevista – CV 3 – Zulmira**

#### **Perfil sumário**

Zulmira nasceu em Cabo Verde em março de 1955. Veio para Portugal aos dezasseis anos para trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família portuguesa. Casou-se em Portugal e teve quatro filhas.

Teve várias profissões no nosso país. Trabalhou num lar de idosos, numa escola primária como auxiliar de educação, num infantário, no refeitório da Autoeuropa, numa empresa de limpeza, em cabeleireiros, em cafés e em restaurantes.

Durante muitos anos teve o seu próprio negócio, um café que teve de encerrar devido à crise. O desemprego levou-a a frequentar um curso de cabeleireira num centro de Reconhecimento e Validação de Competências para concluir o 6º ano, o qual lhe permitiu trabalhar por conta própria novamente.

Pelo mesmo motivo voltou a estudar tendo feito um curso que lhe deu equivalência ao 9º ano.

Neste momento, encontra-se a frequentar um curso de cozinha e pastelaria que lhe dará equivalência ao 12º ano.

### **História de Vida de Zulmira**

Zulmira nasceu em 1955 na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, no seio de uma família humilde. Vivia com os pais e com três irmãos numa zona pobre onde as pessoas se dedicavam à pesca e à agricultura. A fraca pluviosidade da ilha ocasionava épocas de seca e por sua vez falta de alimentos. Na sua infância brincava com outras crianças e com os irmãos mais novos.

Foi baptizada aos cinco anos de idade e aos sete entrou para a escola: *«Fui para a escola onde aprendi a ler e escrever. Era um tempo diferente, eu tinha apenas um caderno e um lápis e não havia manual escolar mas gostava muito da escola, ainda hoje lembro-me das canções que aprendi para decorar as primeiras letras. Fiz o exame do quarto ano aos doze anos.»* (Zulmira, entrevista).

Nesta altura deixou de estudar e foi para a ilha de São Vicente trabalhar no negócio do irmão mais velho.

Aos dezasseis anos veio para Portugal trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família: *«foi uma grande mudança pois tive que deixar a minha família e os meus amigos e habituar-se a um modo de vida completamente diferente do meu. Fazia todos os trabalhos domésticos, cuidava dos filhos dos patrões e aprendi a cozinhar pratos tradicionais portugueses.»* (Zulmira, narrativa de vida)

Casou-se em Portugal e teve quatro filhas.

Trabalhou como empregada doméstica durante muitos anos e mais tarde, trabalhou em escolas como auxiliar de acção educativa. Teve um café *«tive durante muitos anos um café, este negócio ajudou-me a criar as minhas filhas mas foi muito desgastante pois passava lá muitas horas.»*

O desemprego levou-a a frequentar um curso de cabeleireira num centro de Reconhecimento e Validação de Competências para concluir o 6º ano. Este curso permitiu-lhe trabalhar novamente por conta própria. Pelo mesmo motivo, fez o curso de técnicas práticas comerciais que lhe deu equivalência ao 9º ano de escolaridade.

Atualmente frequenta o curso EFA de cozinha e pastelaria, o qual lhe dará equivalência ao 12º ano. *«Estou a frequentar o curso de cozinha e pastelaria, estou a aperfeiçoar as minhas habilidades na cozinha e adquirir novas técnicas. Tem sido um*

*grande desafio acompanhar todos os trabalhos que o curso exige mas estou determinada a ultrapassar mais este desafio.»*

Sempre que pode visita Cabo Verde: *«tento visitar a minha terra com regularidade, gosto de cozinhar pratos de lá e de ouvir a música cabo-verdiana.»* Mas, não pretende abandonar Portugal.

### **2.5.3 Mulheres de «Países de Leste»**

#### **Entrevista – Ucrâniana 1- Veronika**

##### **Perfil sumário**

Veronika tem trinta e cinco anos e nasceu em Ternopil, na Ucrânia. Veio para Portugal sozinha em 2003 reunir-se ao marido que se encontrava a trabalhar na construção civil desde 2002. Tem um filho. Encontra-se a frequentar um curso EFA de técnica de maquinação e programação, cnc.

##### **História de Veronika**

Veronika vivia com os pais e um irmão em Ternopil desde a partida do marido para trabalhar em Portugal em 2002. Veronika recorda uma infância feliz relacionada com a escola e com a prática desportiva: *«Sempre fui uma menina muito ativa, era muito irrequieta provocando alguns estragos em casa, por isso foi decidido que a minha energia tinha que ser orientada para o desporto. A minha mãe tinha reparado que eu tinha muito jeito para dançar e queria que eu seguisse este desporto mas eu decidi ir para ginástica artística, como já tinha sido convidada por uma treinadora para ver se tinha jeito ou não. Nessa altura tinha nove anos de idade, a minha mãe não queria que eu fosse ginasta e recusou-se a levar-me ao ginásio, mas como eu sou persistente e decidida tomei iniciativa e fui fazer a inscrição sozinha.»* (Veronika, narrativa de vida).

Contudo, a sua vida desportiva contou com alguns contratemplos: *«No início não me queria aceitar no ginásio, porque eu já tinha idade a mais para a modalidade, mas passado meio ano eu já estava no mesmo nível do que as raparigas da minha idade e passado mais meio ano já era a melhor de todos na minha cidade. Num dos campeonatos nacionais fui chamada para selecção nacional da Ucrânia que fica em Kiev. Assim, com 12 anos entrei no mundo dos campeonatos mundiais». (...) Tinha treinos desgastantes com 9 horas diárias excepto domingos. Tornei-me Mestre de Desporto de Ginástica Artística certificada e viajei por mundo a representar o meu país.»* (Veronika, narrativa de vida)

Foi no seio do desporto que veio a conhecer um rapaz que veio a tornar-se marido. Ambos decidiram vir para Portugal em 2001. Ele viria primeiro e trataria de tudo o que fosse necessário para que depois ela viesse, o que veio a acontecer no dia 24/12/2003.

Os primeiros tempos no nosso país foram marcados por um processo de adaptação difícil: *«Foi um pouco difícil adaptar-me pois não sabia a língua.»*

Na Ucrânia completou apenas o 9º ano de escolaridade porque a prioridade era o desporto e não a escola.

Em Portugal decidiu inscrever-se numa escola no ensino noturno para poder aperfeiçoar a língua, mas também para completar o ensino secundário: *«parecia que eu era um animal exótico todas as pessoas queriam conhecer-me, mas passado algum tempo o interesse desapareceu. Os meus colegas não queriam ajudar e os professores também não, nem faziam desconto e por isto ou eu tinha que estudar e esforçar-me ainda mais que nunca.»*

No entanto, tentou ultrapassar os obstáculos e retomar as atividades desportivas: *«Andei à procura de ginásio para continuar a praticar ginástica artística, mas o nível de formação cá era tão baixa que eu decidi ir para outro desporto, para acrobática. Pratiquei ginástica acrobática durante dois anos e cheguei ao nível de Sénior A (o nível mais alto da ginástica acrobática), mas voltei a desistir porque não podia apresentar Portugal a nível mundial.»* Por desmotivação, decidiu sair do desporto e pelo mesmo motivo também abandonou os estudos e começou a procurar emprego: *«Trabalhei em café, restaurante, pastelaria-pizzaria, era trabalho bastante comunicativo e eu gostava, mas por outro lado não era nada daquilo que eu pretendia. Assim fiquei por continuar a minha procura daquilo que me agradasse. Passado pouco tempo recebi a proposta para ir cuidar de um casal dos idosos assim entrei na casa de H. S. (...). Com ele eu aprendi que estudar é muito bom e podemos escolher a área pretendida ao meu gosto e sempre ir para frente sem parar.»* Foi na sequência das palavras de incentivo recebidas na casa do historiador e da família que decidiu inscrever-se no IEF, no sentido de ingressar no curso escolhido. Considera que teve muita sorte em ter conseguido entrar para este curso, uma vez que na entrevista lhe explicaram que poderia não conseguir acompanhar as aulas devido às dificuldades relacionadas com o domínio da língua e devido a ser um curso mais vocacionado para o público masculino. Com muita insistência conseguiu convencer as técnicas na entrevista que era decididamente o que queria fazer: *«Eu vou tentar dar tudo por tudo para me tornar ser*

*uma profissional e seguir a área escolhida que é técnica de maquinação e programação cnc.» (Veronika, entrevista)*

## **Entrevista – Ucrâniana 2 - Irina**

### **Perfil sumário**

Irina nasceu na Ucrânia na cidade de Poltava. Irina tem 32 anos e um filho com oito anos. Chegou a Portugal em 2005 com o marido. Encontra-se a frequentar um curso de aeronáutica que lhe dará equivalência ao 12º ano.

### **História de Vida de Irina**

A procura de melhores condições de vida motivou a vinda de Irina e do marido para Portugal. Deixou ao cuidado da mãe um filho que neste momento tem oito anos, o qual já a visitou e que não quis ficar. Chegou em 2005 e foi viver com familiares que já cá se encontravam há alguns anos. Contou sempre com dificuldades em encontrar emprego devido principalmente ao problema da língua. Trabalhou em cafés e restaurantes. Devido à diminuição do número de clientes o dono do último restaurante onde esteve empregada dispensou-a.

No que diz respeito ao seu percurso escolar, fez no seu país até ao 12º ano mas não teve equivalência académica no nosso país. Por isso, depois de ter ficado desempregada resolveu escolher um curso que pensa que lhe permitirá ter um bom emprego. Encontra-se a frequentar um curso de aeronáutica que lhe dará equivalência ao 12º ano. Irina considera o curso muito difícil e exigente e afirma que não deveria incluir estrangeiros como formandos porque todo ele é ministrado em português. Apesar das dificuldades em entender tudo o que é lecionado, tenciona levar o curso até ao fim e com boas notas. No que diz respeito aos colegas diz que mantém uma relação de afastamento porque é muito criticada nas aulas sempre que coloca questões e porque não gosta de ouvir comentários sobre a forma como se veste. Apesar de gostar muito do nosso país, pondera em deixá-lo caso o cenário de crise que o país atravessa se mantenha.

## **Entrevista – Ucrâniana 3 - Alina**

### **Perfil sumário**

Alina nasceu na Moldávia na cidade de Orhei. Tem vinte e sete anos e um filho com quatro, nascido em Portugal. Em 2002, o marido, moldavo, veio trabalhar para Portugal na construção civil. Em 2006, ela veio juntar-se-lhe. Já trabalhou numa padaria, num café, em limpezas.

No que concerne ao seu percurso escolar concluiu na Moldávia o 12º ano, o qual não teve equivalência no nosso país. Após a conclusão do 12º ano, frequentou o primeiro ano do curso de contabilidade e finanças na universidade, não o tendo completado.

Em Portugal, tem muitas dificuldades com o domínio da língua, principalmente na escrita. Atualmente divide o tempo com o curso de aeronáutica e um *part-time* em limpezas.

Aline e o marido, que se encontra desempregado, tencionam deixar Portugal após a conclusão do curso EFA.

### **História de Vida de Alina**

Portugal foi escolhido como destino com o objetivo de alcançar uma vida melhor: «*Procura de vida melhor. Salários Baixos na Moldávia.*» (Alina, entrevista)

No que diz respeito ao seu percurso escolar no país de origem, Alina chegou a frequentar o ensino superior, mas não se identificou com o curso acabando por o abandonar: «*Fiz na Moldávia até ao 12º ano. Depois fui para a universidade. Estive no primeiro ano do curso de contabilidade e finanças na universidade, mas não completei.*» (Alina, entrevista)

Alina deposita muitas expectativas no curso EFA de aeronáutica e no estágio profissional: «*Vou estagiar na Embraer. E quem sabe se gostam do meu trabalho. Eu esforço-me muito e trabalho bem.*» (Alina, entrevista)

Na turma não se sente integrada e não fez amizades com os colegas portugueses, tendo sofrido discriminação: «*Eu só tenho uma amiga na turma que é ucraniana. Falo com os colegas portugueses mas não muito. Sinto alguma vergonha por não falar bem. Mas os portugueses olham muito para nós por sermos estrangeiras.*» (...) *Já ouvi colega que dizia ucranianas estúpidas. Há colegas portugueses que não gostam muito de nós.* (Alina, entrevista).

No que diz respeito aos professores afirma «*Dou-me bem com os professores. Há aulas que gosto mais do que outras. Há aulas que não percebo nada. E depois em casa tenho de estudar muito.*»

## **2.6 Análise Global dos Resultados**

### **2.6.1 Caracterização das mulheres**

O nosso estudo passou por dois momentos para melhor atingirmos os nossos objetivos. Foi nossa intenção saber por que voltam as mulheres imigrantes a estudar, após

uma interrupção dos estudos no seu país de origem, quais são as suas motivações e expectativas depois de concluírem os cursos EFA no país de acolhimento.

Num primeiro momento solicitámos uma narrativa escrita num formulário próprio intitulado «Por favor conte a sua experiência de vida até chegar a este curso EFA» e, num segundo momento, as entrevistas.

Entrevistámos nove mulheres imigrantes, três mulheres nascidas no Brasil, três em Cabo Verde e três em países do leste europeu. Tratam-se de nove mulheres imigrantes que não são representativas das suas comunidades. Todas as mulheres que entrevistámos são casadas, à excepção de uma cabo-verdiana que é divorciada. As três brasileiras casaram em Portugal. Duas com cidadãos portugueses e uma com um lituano. Neste aspeto diferenciam-se das mulheres de países do leste da Europa que vieram para Portugal com os maridos ou juntar-se-lhes. Das Cabo-verdianas apenas uma casou em Portugal e fê-lo com um cidadão cabo-verdiano.

De todas as entrevistadas apenas uma é divorciada, uma cabo-verdiana. Todas as entrevistadas têm filhos sendo as cabo-verdianas que os têm em maior número.

### **2.6.2 Decisão de emigrar**

Estas mulheres emigraram para Portugal em idade ativa. Tal como afirmam Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013), os imigrantes apresentam uma característica semelhante: grande parte deles imigra para Portugal em idade ativa e desenvolve a sua atividade profissional e por vezes a vida familiar.

Contrariamente às mulheres cabo-verdianas e de países do leste da Europa, no que diz respeito à decisão de emigrar as mulheres brasileiras tomaram a decisão sozinhas. Todas tinham amigas ou familiares em Portugal que as ajudaram à chegada e a encontrar local para residirem. As mulheres brasileiras emigraram sozinhas, assim como duas cabo-verdianas e duas mulheres de países do leste da Europa que vieram juntar-se aos maridos. Duas mulheres emigraram com os maridos, uma cabo-verdiana e uma ucraniana.

Em todos os casos a motivação de emigrar foi económica. Todas estas mulheres revelaram, quer na narrativa de vida quer nas entrevistas, que as suas famílias tiveram problemas financeiros. No estudo de Miranda (2009), a motivação da emigração das mulheres entrevistadas foi a mesma. As mulheres emigraram para ganhar mais e para conquistar melhores condições de vida.

De acordo com Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013) as principais motivações das migrações humanas são de cariz económico, político, de emergência, étnico cultural, laboral e social, intrínsecas ao país de origem e ao país de acolhimento.

No que diz respeito ao tempo de permanência em Portugal, duas das mulheres cabo-verdianas são as que estão há mais tempo em Portugal. As mulheres de países do leste da Europa são as que estão há menos anos em Portugal.

### **2.6.3 Vida Profissional**

A nível profissional as profissões que ocuparam em Portugal foram muito semelhantes, ou seja, relacionadas com restaurantes, cafés e limpezas. À exceção de uma brasileira que trabalhou também em bares de alterne e de uma cabo-verdiana que desde que se encontra no nosso país apenas teve um emprego de três meses numa loja chinesa. De acordo com Costa (2009) os imigrantes em Portugal ocupam o grupo das profissões mais desfavorecidas económica e socialmente.

Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013) explicam que apesar das mulheres imigrantes da Europa de Leste deterem bons níveis de instrução trabalham em atividades com baixos salários e desvalorizados socialmente, como os serviços de limpeza e trabalhos domésticos.

Contudo, é de frisar que algumas das mulheres entrevistadas tiveram o seu próprio negócio por conta própria. É o caso de uma cabo-verdiana que teve uma loja de corte de cabelo e um café, de uma ucrâniana que teve um café e de uma brasileira que teve três lojas de venda de produtos naturais e atendimento de nutricionista.

### **2.6.4 Formação escolar anterior ao processo migratório**

Percebemos que as mulheres cabo-verdianas são as que apresentam as habilitações escolares mais baixas.

Segundo Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013) os imigrantes oriundos das ex-colónias portuguesas normalmente apresentam poucas ou nenhuma habilitações literárias, e desempenham tarefas não qualificadas.

O grupo das mulheres dos países do leste da Europa é o que apresenta um nível de habilitações escolares mais elevado. Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto & Cruz (2013) explicam que os cidadãos provenientes de países como a Ucrânia e a Moldávia possuem

níveis relativamente elevados de instrução (níveis de qualificação escolar e profissional, formações intermédias e de carácter técnico; graus de instrução de nível superior).

Comparando com o grupo das mulheres cabo-verdianas e dos países do leste da Europa podemos dizer que o das mulheres brasileiras ocupa uma posição intermédia. Este perfil das inquiridas é semelhante ao perfil das inquiridas no estudo de Miranda (2009).

De todas as entrevistadas apenas uma frequentou o ensino universitário, a Alina.

Quatro entrevistadas, duas brasileiras e as três cabo-verdianas abandonaram os estudos devido aos problemas económicos das famílias. Apenas uma das entrevistadas, brasileira, abandonou os estudos devido ao namoro.

Das mulheres dos países do leste da Europa apenas uma abandonou os estudos no 9º ano. No caso de Alina, deixou o ensino superior porque não se identificou com o curso (*vide* anexo 7).

### **2.6.5 Situação em Portugal**

Zulmira foi a única mulher que não necessitou de visto de entrada, porque na altura da sua chegada Cabo Verde ainda pertencia ao território português.

As outras mulheres entraram no país com vistos de curta duração e permaneceram no país após a sua caducidade, vivendo portanto ilegalmente. Nenhuma das mulheres quis falar especificamente deste período. Pelas palavras de Vanessa percebemos que havia medo e desconhecimento: *«Cheguei a 16 de outubro de 2003, que foi após a lei do Lula. Houve uma lei em 2004, mas tive medo que fosse uma cilada. Dizem que é para legalizar mas depois é para te apanhar. Antigamente deportavam. Ainda deportam mas é mais difícil.»*<sup>23</sup>

Vilma diz-nos: *«Agora estou legalizada. Mas já fui a tribunal e tudo. (risos) Vim pela França e eles não carimbaram. Fiz a viagem de Belo Horizonte-São Paulo-França. E depois entrei fácil. Era arriscado vir diretamente para Lisboa. Podia voltar para trás. Eu estava com visto turístico e fui pega pelo SEF num bar. No tribunal foi uma palhaçada. A gente nervosa não usa essas palavras bonita. E eu dizia dona. E a juíza batia na mesa. Eles pensavam que eu tinha falsificado o meu passaporte. Isso pode?»*

Atualmente, duas mulheres cabo-verdianas já têm a nacionalidade portuguesa (*vide* anexo 8). As restantes têm autorização de residência. A autorização de residência é um

---

<sup>23</sup> A legislação a que Vanessa faz referência é o Acordo Luso-Brasileiro de 2003 e o Decreto Regulamentar n.º 6/2004

documento que é emitido sob a forma de um título de residência, o qual permite a permanência de cidadãos estrangeiros em Portugal durante um certo período de tempo ou por tempo indeterminado.

### 2.6.6 Motivação

O desemprego foi o elemento principal que levou estas mulheres a estudar novamente. Por isso, encontramos na base das inscrições destas mulheres em cursos EFA do IEFP um motivo prescrito, ou seja, houve uma sugestão para que se inscrevessem. Registou-se apenas um caso de imposição no caso de uma cabo-verdiana (Celina), pois caso não aceitasse realizar o curso ficaria sem subsídio de desemprego.

Nas palavras de duas mulheres de países do leste da Europa encontramos um motivo vocacional (motivo extrínseco). Ou seja, estas mulheres procuram através dos cursos que frequentam adquirir competências que lhes permitam arranjar um emprego melhor:

*«Resolvi escolher um curso que pode permitir um bom emprego. Não quero fazer limpezas toda a vida»* (Irina, entrevista).

*«O curso é interessante. É computadorizado, com tecnologia. Acho que pode ser o meu futuro. Entrei, gostei e vou tentar seguir esta profissão»* (...) *«Eu vou tentar dar tudo por tudo para me tornar ser uma profissional e seguir a área escolhida que é Técnica de Maquinação e Programação CNC.»* (Veronika)

Verifica-se nas mulheres dos países do leste europeu um forte sentimento de auto-determinação. Por exemplo, Veronika insistiu muito para que a aceitassem no curso de Maquinação e Programação CNC, uma vez que as técnicas de selecção das formandas para os cursos colocaram muitos entraves devido ao seu fraco domínio do português e devido ao facto de ser um curso mais vocacionado para um público masculino. Este facto traduz a percepção que o sujeito tem sobre a sua capacidade de escolha e de tomada de decisão. Faz salientar o papel da livre escolha, da iniciativa e da autonomia do sujeito para decidir se se inscreve ou não em determinada formação.

É possível também identificar-se motivos intrínsecos. Uma das cabo-verdianas inscreveu-se devido a querer «passar o tempo», sendo este um motivo intrínseco.

Outro motivo intrínseco prende-se com a aquisição de conhecimento. *«Estou a frequentar o curso de cozinha e pastelaria, estou a aperfeiçoar as minhas habilidades na cozinha e adquirir novas técnicas. Tem sido um grande desafio acompanhar todos os*

*trabalhos que o curso exige mas estou determinada a ultrapassar mais este desafio»* (Zulmira, entrevista).

### **2.6.7 Sobre satisfação com o curso**

Dos três grupos de mulheres apenas o grupo das mulheres dos países do leste da Europa dizem não gostar muito do curso devido ao facto de não entenderem tudo o que é dito em português. As três manifestaram que os cursos são muito exigentes, principalmente para os estrangeiros que não sabem falar português. As três consideram que embora tenham muitas dificuldades em compreender tudo o que é leccionado esforçam-se muito por ter boas notas.

### **2.6.8 Relação com colegas e com professores / formadores**

As entrevistadas consideram que a sua relação com os professores é boa. Costa (2011) refere que é importante existir um bom relacionamento entre formador e formando num clima de confiança, amizade e inter-ajuda que seja propício à aquisição de aprendizagens. Esta autora explica que por vezes há aspetos que condicionam a atuação dos formadores com os grupos de formação, como por exemplo, a heterogeneidade de idades numa mesma turma. Numa turma podem coexistir formandos de 18 com outros de cinquenta anos ou mais. Por isso, se verifica uma heterogeneidade nos conhecimentos adquiridos e até na forma de aquisição dos conteúdos.

Das entrevistadas apenas uma, brasileira, afirma ter sofrido discriminação com formadores: *«Já sofri alguma discriminação por parte de alguns formadores. Principalmente nesta área em que nós estamos tirando o curso. Pela visão que muita gente tem da parte estética que vem do Brasil. Parecia que tinha medo de ser confrontada com alguma coisa. Você fica lá que você aqui está para aprender.»* (Andreia, entrevista)

No que diz respeito ao relacionamento com colegas estas mulheres afirmam que não têm amigos verdadeiros nas turmas que frequentam: *«Eu só tenho uma amiga na turma que é ucraniana. Falo com os colegas portugueses mas não muito. Sinto alguma vergonha por não falar bem. Mas os portugueses olham muito para nós por sermos estrangeiras.»* (Alina)

### **2.6.9 Expetativas**

As três ucranianas esperam que quando terminarem os cursos consigam encontrar emprego após o estágio profissional, pois consideram que os seus cursos têm muita oferta de emprego. O mesmo se passa com as mulheres brasileiras, pois também depositam muitas expetativas no estágio profissional.

Das cabo-verdianas apenas uma das entrevistadas mencionou na entrevista que se encontrasse um emprego muito provavelmente desistiria do curso.

### **2.6.10 Informação complementar**

Tal como já mencionei anteriormente sou professor de todas as entrevistadas, o que me leva a conhecer as suas dificuldades nos cursos. Mas para completar a informação de que disponho, limitada à única UFCD que lhes leciono, tentei saber junto das entrevistadas através de conversas informais quais são as maiores dificuldades que têm sentido ao longo do curso.

Duas brasileiras e duas mulheres de Cabo-Verde queixaram-se de dificuldades devido aos muitos anos sem estudar (dificuldades cognitivas). As mesmas mulheres disseram sentir por vezes dificuldades em conciliar a vida pessoal e o curso devido à carga horária e ao cansaço.

As mulheres dos três grupos sentem que os cursos são uma mais valia para o seu futuro e acham a formação muito útil, mas queixam-se frequentemente do excesso de trabalhos que têm de realizar extra-aula para as diversas disciplinas.

Verifica-se também que enquanto que os computadores são um motivo de interesse para algumas entrevistadas como por exemplo a Veronika (ucraniana) para as mulheres cabo-verdianas são «uma dor de cabeça».

## **2.7 Conclusões**

Ao concluirmos este estudo parece-nos poder afirmar que nos permitiu conhecer o universo da educação de adultos. Desconhecíamos que fosse tão vasto e tivesse experienciado «uma história de vida» com momentos tão complexos e conturbados, quer a nível nacional como internacional. Mas este estudo permitiu-nos conhecer também um pouco acerca dos imigrantes em Portugal através do estudo de histórias de vida de um grupo de mulheres imigrantes que se encontram a estudar em cursos EFA.

A pesquisa que nos propusemos realizar tinha como questões iniciais porque é que as mulheres imigrantes decidem estudar no país de acolhimento? Quais as suas motivações? Quais as expectativas que têm depois de terminarem o curso de Educação e Formação de Adultos? De que modo é que o conhecimento das motivações e expectativas dos adultos pode promover o ensino nos Cursos de Educação e Formação de Adultos?

Acreditamos que ao tentar dar voz às participantes ao longo da exposição da pesquisa estas questões tenham sido esclarecidas.

Através da metodologia de histórias de vida foi nossa intenção em linhas muito gerais conhecermos os motivos que conduziram ao abandono escolar das mulheres imigrantes nos seus países de origem, quais os motivos que as levaram a estudar novamente, mas desta vez no país de acolhimento, que dificuldades sentem nos cursos, como é o relacionamento com professores/ formadores e com os colegas e que expectativas possuem para o futuro quando terminarem os cursos.

### **Aspetos mais relevantes do estudo**

Verificou-se que a motivação da emigração para Portugal das mulheres entrevistadas foi essencialmente económica. Comparando os três grupos de mulheres – brasileiras, cabo-verdianas e de países do leste da Europa – percebemos que há diferenças no que diz respeito à decisão de emigrar. As mulheres brasileiras, solteiras ou divorciadas, decidem e vêm para Portugal sozinhas enquanto que as outras o fazem tendo por base um plano efetuado com os maridos.

Embora pertencentes a comunidades diferentes as histórias de vida destas mulheres têm elementos muito semelhantes. Nos países de acolhimento tendem, independentemente das habilitações académicas a ocupar as profissões pior remuneradas e precárias. Para além disso, o desemprego e o facto de desejarem ter no futuro melhores empregos foram elementos principais que as levaram a voltar a estudar, ingressando em cursos EFA.

Foi também o desejo de melhorarem as suas vidas financeiramente que levou algumas das mulheres entrevistadas a criarem o seu próprio negócio. É o caso de uma cabo-verdiana que teve uma loja de corte de cabelo e um café, de uma ucrâniana que teve um café e de uma brasileira que teve três lojas de venda de produtos naturais e de atendimento de nutricionista.

No que diz respeito ao relacionamento com professores/formadores as participantes consideram que é bom. Mas com os colegas é um relacionamento pouco profundo. Todas as mulheres consideram que não têm amigos nas turmas que frequentam.

Chamou-nos a atenção o facto de estas mulheres se sentirem satisfeitas com os cursos e sentirem que são importantes para as suas vidas, depositando muitas expectativas no estágio

profissional após a conclusão dos cursos, nos quais poderão aplicar na prática o que aprenderam.

Compreedemos que as mulheres dos países do leste da Europa têm maior dificuldade em acompanhar as aulas do que as outras devido à dificuldade com a língua portuguesa. Mas, embora as dificuldades com a língua leve as duas que frequentam o curso de aeronáutica a dizer que não gostam do curso, não é um facto de desmotivação. O desejo de aprender é mais forte e leva-as a participar mais nas aulas e a exporem todas as suas dúvidas. Empenham-se ainda mais tendo como forte objetivo serem boas alunas, terem boas notas e prestam uma atenção redobrada nas aulas.

Consideramos que este tipo de estudos é importante porque permite-nos compreender como é a inserção dos imigrantes no nosso país. Escutando, por exemplo, como fizemos, as vozes destas mulheres podemos perceber que aspetos devem ser melhorados nos cursos EFA, de modo a atingir níveis superiores de qualificação dos indivíduos pouco escolarizados e a inseri-los de forma eficaz no mercado de trabalho. Reconhece-se que estes cursos podem ser muito importantes na integração dos imigrantes no nosso país. A formação e a qualificação potenciam a integração dos imigrantes bem como constituem uma dimensão essencial da aprendizagem ao longo da vida. Mas algumas questões se levantam. Deverão os cursos EFA integrar formandos que não dominem a língua portuguesa ignorando as diferenças linguísticas e culturais? Sabemos que a educação se consolida quando é promovida a igualdade de oportunidades, mas para que tal aconteça não pode escamotear as diferenças e as constantes mutações a que a sociedade está sujeita. As diferentes culturas presentes num determinado espaço de aprendizagem devem ser valorizadas, devendo ser incluídas nas políticas educativas de modo a atender às necessidades educativas dos formandos das comunidades imigrantes, tal como de minorias étnicas ou religiosas.

Outra questão que se coloca é a de que será proveitoso ter turmas com um desfaseamento de idades tão acentuado?

Um outro aspeto que consideramos importante chamar a atenção é a necessidade de existir um maior investimento na formação de formadores, no sentido da valorização da partilha de saberes e de valorização da pluriculturalidade. Estas são algumas das questões que carecem de uma investigação mais profunda em estudos que poderão vir a ser realizados no futuro.

## Referências

AA.VV. (2005). *Imigração e Etnicidade. Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*. Lisboa: SOS Racismo.

Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores, 1*, 21-30.

Disponível em [www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf)  
Retirado a 10 janeiro 2013.

Alcoforado, L. & Vieira, C. (2007). A educação de pessoas adultas como promotora da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Algumas reflexões. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 41* (3), 173-193.

Alheit, Peter, & Dausien, Bettina. (2006). Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. *Educação e Pesquisa, 32* (1), 177-197

Alves, M.; Cabrito, B.; Lopes, M.; Martins, A. & Pires, A. (2008). *Universidade e Formação ao longo da vida*. Lisboa: Celta Editora.

Alves, M. (2010). Aprendizagem ao longo da vida: Entre a novidade e a reprodução de velhas desigualdades. *Revista Portuguesa de Educação 23* (1), 7-28.

Ançã, M. (2008). Língua portuguesa em novos públicos. *Saber (e) Educar 13*, 71-87.

André, B. (2007). *De la integración deseada a la integración vivida: La experiencia de adolescentes brasileños en escuelas de Barcelona*. Tese de doutoramento. Barcelona. Universidade de Barcelona.

Aníbal (2013). Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida e à Validação das aprendizagens informais e não formais: recomendações e práticas. CIES e-Working Paper N.º 147

Disponível em:

[http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES\\_WP147\\_Anibal.pdf](http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP147_Anibal.pdf)

retirado 5 de março de 2014.

Arroteia, J. C. (1983). *A emigração portuguesa: Suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação.

Ávila, P. (2007). Os contextos da literacia: percursos de vida, aprendizagem e competências-chave dos adultos pouco escolarizados. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, série I, vol. 7/8, 307-337.

Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5521.pdf> retirado 4 março de 2014

Ávila, P. (2008). *A literacia dos adultos – competências-chave na sociedade do conhecimento*. Lisboa: Celta Editora.

Bäckström, B. & Castro-Pereira, S. (2012). A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, 38, 83-100.

Barros, R. (2013a). A Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA): Um marco na europeização da agenda pública do setor. *Revista Portuguesa de Educação*, 26 (1), 59-86.

Barros, R. (2013b). *Educação de adultos: Conceitos, processos e marcos históricos. Da globalização ao contexto português*. Lisboa: Instituto Piaget.

Barros, R. (2013c). O movimento das histórias de vida e a educação de adultos de matriz crítica: Ideias e conceitos em contexto. *Revista Lusófona de Educação* 23, 31-50.

Barros, R. (2011). *Genealogia dos conceitos em educação de adultos: Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida – Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional*. Lisboa: Chiado editora.

Batalha, Luís (2008). “Cabo-verdianos em Portugal: ‘comunidade’ e identidade”, in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*, colecção Comunidades, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brandão, A. (2007). Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. *Configurações*, 3, 83-106.

Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%20a%20Vida%20Vivida%20%282%29.pdf> retirado em 14 de março de 2014

Brigeiro, A. (2006). *Imigração em Portugal: Desafios de Integração e Cidadania numa Sociedade Multicultural*. Dissertação de Mestrado. Aveiro. Universidade de Aveiro.

Brito, M. (2013). *A (re)construção da identidade narrativa num jovem adulto*. Dissertação de Mestrado. Porto. Universidade do Porto.

Cabete, M. (2010). *O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Cabral, C. (2013). *O Mediador nos Cursos EFA. Trabalho de Projeto*. Mestrado em ciências da educação. Universidade de Lisboa.

Cabral, S. & Duarte, C. (2010). Employment and waves of immigrants in Portugal. *Estudos e Documentos de Trabalho*. Banco de Portugal. Economics and Research Department.

Caeiro, Ramalho, Nico & Nico (2012). Resultados preliminares dos estudos sobre os impactos do processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) dos colaboradores da autarquia de Reguengos de Monsaraz. In *Aprender no Alentejo VII Encontro Regional de Educação*. Universidade de Évora, 3 e 4 de dezembro de 2012.

CANÁRIO, Rui (2008). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro (Org.) (2008). *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa.

Cardoso, S. (2012). Impactos da formação modular certificada: contributos para a aprendizagem ao longo da vida. Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/4119> retirado em 4 de maio.

Carvalho & Coelho (2009). Educação e formação de adultos em Portugal: Desafios e estratégias no início do século XXI. Investigar, avaliar, descentralizar: actas do X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Ferreira, Henrique; Bergano, Sofia; Santos, Graça; Lima, Carla (Org.). Comunicação n.º 76. Bragança: SPCE, IPB, 30 de abril e 1 e 2 de maio de 2009.

Carvalho, V. (2012). Educação de Adultos, Cidadania e Empregabilidade: discursos teóricos e políticos e práticas num curso EFA EB2+3 de Serviço de Mesa. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Casa-Nova, M. (2005). (I) Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, 13, (47), 181-216.

Castro, F. (2010). Reestruturação territorial e mobilidade em contextos de baixas densidades. O caso dos concelhos de Arronches, Campo Maior e Elvas. *Iberografias “As novas geografias dos Países de Língua Portuguesa. Paisagens, territórios, políticas no Brasil e em Portugal”*, 16, 277-304.

Castro, F. & Cravidão, F. (2011) – Cais de chegada: a imigração no contexto ibérico. Uma perspectiva comparativa. *Polígonos. Revista de Geografia*, 20, 147-169.

Cavaco, C. (2008). *Adultos pouco escolarizados: Diversidade e interdependência de lógicas de formação*. Tese de Doutoramento. Lisboa. Universidade de Lisboa.

Cirino, S. (2008). *Turismo e Migrações: Impacto das Visitas a Portugal dos Emigrantes*. Dissertação de Mestrado.

Coelho, S. (2013). *Estórias dentro de uma história profissional - A narrativa de um curso de educação para adultos*. Trabalho de projeto apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação Especialização em Supervisão Pedagógica. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Comissão Europeia (2011). *Educação formal de adultos: Políticas e práticas na Europa*. Lisboa: GEPE.

Correia, José Alberto (2005) A Formação da Experiência e a Experiência da Formação, in CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro (Org.). Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências (p. 61 - 72). Lisboa: Educa.

Costa, A. (2005). *Narrativas de Vida e Percursos Escolares de Aprendentes de Leste*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro. Aveiro.

Costa, P. (2009). Imigração em Portugal: tendências recentes. Os imigrantes guineenses, ucranianos e brasileiros no mercado de trabalho português. *Cadernos curso de doutoramento em Geografia 1*, 117-140.

Costa, R. (2011). *Formador nos Cursos Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário*. Trabalho de Projecto. Lisboa. Universidade de Lisboa.

Couceiro, Maria do Loreto (2000). *Autoformação e Coformação no Feminino – abordagem existencial através de histórias de vida*, Dissertação de Doutoramento, FCT/UNL, Lisboa.

Coutinho, C. & Junior, J. (2007). *Utilização da técnica do Brainstorming na introdução de um modelo de E/B-Learning numa escola Profissional Portuguesa: a perspectiva de professores e alunos*. In Santana, M. O. R. ; Ramos, M. A. ; Alves, A. B., org. – “Encontro Internacional Discurso Metodologia e Tecnologia: actas do Encontro Internacional Discurso Metodologia e Tecnologia, Miranda do Douro, Portugal, 2007”. [Miranda do Douro: Centro de Estudos António Maria Mourinho, 2007].

Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7351> retirado em 3 de fevereiro de 2014.

Coutinho & Lisbôa (2011). Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem: Desafios para educação no século XXI. *Revista de Educação*, 23 (1), 5-22.

Covita, H. (2002). Aprendizagem ao longo da vida «Boas práticas e inserção social» *Análise Psicológica*, 3 (XX): 337-357.

Dias, M. (2005). *Estudos horizonte 2013: Conceção estratégica das intervenções operacionais no domínio da educação*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED).

Direito Internacional da Migração (2009). *Glossário sobre migração*. Organização internacional para as migrações.

Estrela, V. (2013). *O Leste em Portugal. A Integração de Imigrantes Ucranianos e a Educação de Adultos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. Coimbra.

Falcão, L. (2002). *A imigração em Portugal. Relatório síntese elaborado pela DeltaConsultores – Projecto financiado pela UE no âmbito do Programa Sócrates*. Lisboa: Deltaconsultores.

Disponível em:

[http://www.dlt.pt/ficheiros/deltaconsultores\\_a\\_imigracao\\_em\\_portugal.pdf](http://www.dlt.pt/ficheiros/deltaconsultores_a_imigracao_em_portugal.pdf) retirado a 6 de março de 2014.

Ferreira, E., Rato, H. & Mortágua, M. (2004). *Viagens de Ulisses: efeitos da imigração na economia portuguesa*. Lisboa: ACIME.

Ferreira, M. I. (2011). *Política educativa de adultos: Aposta no rvcc pelo regresso à escola*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Ferreira, P. (2010). *A Natureza dos motivos para a formação nos adultos que frequentam cursos EFA*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Fonseca, C. (2010). *Porque razão se formam os adultos? Motivações e expectativas dos formandos dos cursos de educação e formação*. Dissertação de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve.

Fonseca, M. L. (2009), “Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais”, in M. Lages & A. T. Matos (Coord.), *Portugal: percursos de interculturalidade*, Lisboa: ACIDI/Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, pp. 49- 96.

Fonseca, M.L. (2010) (coord). *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares. Actas da Conferência Internacional*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Fonseca & Silva (2010). *Saúde e Imigração: Utentes e serviços na área de influência do centro de saúde da Graça*. Lisboa: ACIDI

Garcia Arroyo, M. J.; Diaz Rincón, B.; Peral Garcia, M. E. & Serdio Sánchez, C. (2004). La educación de adultos en el marco universitario: Los planes de formación de Padres. *Revista Galego Portuguesa de Psicoloxia e Educación*, 9 (11), 59-71.

Gaspar, T. (2012). *As atividades integradoras no processo formativo dos cursos EFA – NS – Estudo de caso numa escola secundária*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Universidade de Lisboa.

Godinho, C. (2008). *Discussão sobre o estatuto da língua portuguesa em imigrantes dos Palop em contexto de reconhecimento, validação e certificação de competências*. Lisboa: ACIDI.

Góis, P. (2008). «Entre janus e hydra de lerna: as múltiplas faces dos cabo-verdianos em Portugal» in Góis, P. (Org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa: ACIDI/Observatório da Imigração, pp.9-36.

Guimarães, P. (2010). Educadores de adultos em Portugal: Políticas fragmentadas, identidades em mudança. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 18 (69), 775-794.

Guzmán Castelo, E. 2005. *Logros y retos del Frente Indígena Oaxaqueño Binacional: una organización para el futuro de los migrantes indígenas*. Tesis Licenciatura. Relaciones Internacionales. Departamento de Relaciones Internacionales e Historia, Escuela de Ciencias Sociales, Universidad de las Américas Puebla.

Disponível em:

[http://catarina.udlap.mx/u\\_dl\\_a/tales/documentos/lri/guzman\\_c\\_e/indice.html](http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lri/guzman_c_e/indice.html) retirado em 4 abril de 2014.

Hill, Manuela Magalhães, Hill, Andrew, (2005). *Investigação por Questionário*, 2ª edição, Lisboa: Edições Sílabo.

Josso, C. (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Editora Educa-Formação.

Kvale, S. & Brinkmann, S. (2009). *Interviews: Learning the Craft of Qualitative Research Interviewing*. Los Angeles: Sage Publications, Inc.

Lavoura, P. (2010/11). *As expetativas e o impacto da certificação na vida do adulto*. Trabalho de Projeto. Universidade de Lisboa.

LEITE, C. (2003, no prelo) “Vidas experienciantes. Histórias de vida e processos sociais”, *Revista do Arquivo Histórico de Loulé*, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Loulé

LIMA, Licínio C. (2003) “Formação e Aprendizagem ao Longo da Vida: Entre a Mão Direita e a Esquerda de Miró” in *Cruzamento de Aprendizagens, Saberes Sustentáveis*. Fundação Calouste Gulbenkian, 129-146.

Lima, F. (2012). *Avaliação dos cursos de educação e formação de adultos e formações modulares certificadas: empregabilidade e remunerações*.

Lima, L., Afonso, A. & Estevão, C. (1999). *Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos. Estudo para a construção de um modelo institucional*. Braga: Universidade do Minho.

Lopes, A., Hernández, F., Sancho, J.M., Rivas, J.I. (2013). *Histórias de Vida em Educação: a Construção do Conhecimento a partir de Histórias de Vida*. Barcelona: Universitat de Barcelona. Dipòsit Digital.

Machado, F. (1997). Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia – Problemas e Práticas* 24, 9-44.

MACHADO, Fernando L.; ROLDÃO, Cristina; SILVA, Alexandre (2011). *Vidas Plurais: estratégias de integração de imigrantes africanos em Portugal*. Lisboa: Fundação Aga Khan e Tinta-da-china.

Malheiros, J. (2007). Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In Malheiros, J. (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: ACIDI, pp. 11-37.

Malheiros, Padilla & Rodrigues (2010). *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Malheiros, J. (2011). *Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade. Manual para técnicas/os*. Lisboa: ACIDI.

Malheiros, J. & Fonseca, M.L. (2011). *Acesso à Habitação e Problemas Residenciais dos Imigrantes em Portugal*. Lisboa: ACIDI

Malheiros, J, Padilla, B. & Rodrigues, F. (2010). *Mulheres imigrantes empreendedoras*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

MARQUES, José Carlos e GÓIS, Pedro (2008). “Imigrantes altamente qualificados em Portugal: uma tipologia”, in PEIXOTO, João (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, Abril 2008, n.º 2, Lisboa: ACIDI, pp. 73-94

Matias, A. (2007). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interação multissecular via Macau*. Dissertação de Mestrado. ISCTE.

Matos, I. (2004). Diversidade linguística e ensino de português. Texto da comunicação apresentada no Encontro Línguas no Espaço Europeu: novos desafios para professores de línguas, que decorreu no ISPV de 30 a 31 de Outubro de 2004.

Mendes, M. & Vieira, R. (2007). *Mulheres em diáspora: Margens culturais e busca de sentidos através da entrevista etnobiográfica*, in: Actas do III Congresso Internacional. Cabeceiras de Basto, 13 e 14 de julho de 2007.

Mendes, M. (2008). *Mulheres em diáspora: Narrativas identitárias de mulheres imigrantes em Portugal*. Dissertação de mestrado. Porto/Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.

Meneses, M. T. (1996). *Formação experiencial e desenvolvimento de competências. Contributo de uma experiência de investigação-formação com base na análise da prática profissional em enfermagem*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Meneses, M. (2005). *Empresarialidade portuguesa na diáspora de imigrantes a empresários*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Miguéns, M. (2007). Nota prévia in Aprendizagem ao longo da vida no debate nacional sobre educação. Org. Conselho Nacional de educação; coord. Paula Santos, Bártolo Campos; dir. Manuel Miguéns. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Lisboa: Acidi.

Monginho R. (2013). *A investigação no campo da educação de adultos em Portugal (2000-2011): tendências da produção académica*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Monteiro, A. (2008). *Migração e Saúde Mental. Vulnerabilidade ao stress, apoio social e saúde mental em imigrantes da Europa de Leste a residir em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra. Coimbra.

Monteiro, A. (2011). Autonomia e co-responsabilidade ou o lugar da Educação de Adultos na luta pela inclusão social. *Revista Lusófona de Educação*, 19, 67-83.

Moreira, F. (2011). *Motivações, expectativas e representações dos formandos em contextos de educação e formação de adultos*. Dissertação de mestrado. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Mortágua, Maria João (2010), «Os Estrangeiros em Portugal: Cidadãos da União versus Nacionais de Países Terceiros», in Ferreira, Eduardo de Sousa, Oliveira, José Paulo & Mortágua, Maria João, (Coord.), *Investigação e Prática em Economia*, Princípiã, Cascais

Neto, F. (1986). A migração portuguesa representada. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 1, 43-67.

Neto, (2013). Os imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa numa conjuntura de crise. Regressar ou permanecer. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Neves, R. (2012). A mulher imigrante brasileira no contexto educacional português: limites e possibilidades. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.

Nico, B; Nico, L., Ferreira, F. & Tobias, A. (2013). Educação e Formação de Adultos no Alentejo. O Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, no período 2000-2005. Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP/UE), Edições Pedagogo, Lda.

Nico, B. & Nico, L. (2013). EFA no Alentejo o período 2000-2013. Centre for Research in Education and Psychology. University of Évora.

Nunes, M. (2008). *Imagens das migrações. Chineses na área metropolitana do porto do ciclo da seda à era digital*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta.

Oliveira, A. (2007). Quem são e como são eles? O caso dos adultos no ensino superior. *Revista portuguesa de pedagogia*. 41-3, 43-76

Oliveira, M. P. (2011). *Trabalho de Projecto na Educação de Adultos Uma investigação sobre a prática*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Organização Internacional para as Migrações. (2009). *Direito Internacional da Migração Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.

Pacheco, José Augusto. (2011). Currículo, Aprendizagem e Avaliação: Uma abordagem face à agenda globalizada. *Rev. Lusófona de Educação*. 17, 75-90.

Padilla & Ortiz, (2012). Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, 39, 159-184

Paulino, N. (2010). *Processo Integrado de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – Que mudanças profissionais, sociais e pessoais?* Trabalho de Projeto. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Pedroso, M. (2012). *Emigração Portuguesa: Novas Tendências?* Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.

Peixoto, J. (a2004). As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. SOCIUS Working Papers. SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, 11, 2-36.

Peixoto, J. (b2004). País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal. Socius Working Papers – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, 2, 1-16.

Perdiz, C. (2012). Mediação nos cursos EFA – Acompanhamento dos formandos e formadores. Trabalho de Projeto. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Pereira, M. (2013). *Educação e formação de adultos: reconhecimento, validação e certificação de competências de adultos sem a escolaridade básica obrigatória na região autónoma da Madeira*. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

PERISTA, H. (1998) “Mulheres em Diáspora na União Europeia – Percursos migratórios e trajetórias profissionais e familiares” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 50, pp. 153-165.

Pimentel, P. (2006). *Imigração e identidade. Processos que se cruzam*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Pinho, A. (2011). *A Imigração Irregular em Portugal: vidas que explicam factos*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.

Pinto, A. (2003). Sessão de abertura in: *Actas do 1.º Congresso Imigração em Portugal. Diversidade-cidadania-integração*. Lisboa: ACIME.

Pinto, M. (2008). *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois*. Tipografia Nunes Lda - Maia

Pires, Ana (2002). *Educação e formação ao longo da vida : análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Pires, A. (2012). *A educação de adultos: um novo desafio organizacional na escola pública*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.

Pires, R. P. (2003). *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

Pires, R. (2010). (Coord.). *Portugal - Atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e Edições Tinta-da-China.

Poirier, J., Clapier-Valladon & Raybault (1995). *Histórias de Vida. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Portela, S.(2012). *Das histórias de vida às vidas com história. O impacte do processo de reconhecimento, validação e certificação de competências*. Dissertação de mestrado. Faro. Universidade de Faro.

Quintas, H. (2008). *Educação de adultos: Vida no currículo e currículo na vida. Perpectivas e reflexões*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P.

Ramalho, (2012). *Educação/requalificação: O impacto da educação e formação de adultos na trajetória de vida dos indivíduos*. Dissertação de Mestrado. Porto. Universidade do Porto.

Ramos, N. (2007). Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. *Revista portuguesa de pedagogia*.41 (3), 223-244.

Rede Europeia das Migrações (2012). *Glossário de Migração e Asilo*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Rego, C., Mendes, M., Rebelo, J. & Magalhães, G. (2010), Perfil dos imigrantes em Portugal: por países de origem e regiões de destino, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 24 pp.17-39.

Reis, M. (2010). *Contextos e particularidades da educação de adultos – Os imigrantes e as minorias étnicas no centro novas oportunidades de Camarate – Estudo de caso*. Trabalho de Projeto. Lisboa. Universidade de Lisboa.

*Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos* (2010). Brasília: UNESCO.

Resende, J. e Vieira, M. (2000). *As Cores da Escola: Concepções de Justiça nos Discursos sobre a Multiculturalidade na Escola Portuguesa*. IV Congresso Português de Sociologia.

Ribeiro, N. (2011). *A Mediação Subordinada às práticas de Educação e Formação de Adultos: uma intervenção na Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Rocha-Trindade, M. (1986). Reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. *Análise Social*, XXII (90), 139-156.

Rodrigues, D.; Correia, T.; Pinto, I.; Pinto, R.; Cruz, C. (2013). Um Portugal de Imigrantes: exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração. *Da Investigação às práticas*, 4 (1), 86 - 109

Rodrigues, E. (2009). *A integração dos alunos de origem estrangeira na escola portuguesa*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Rosa, M. J. V., M. M. Marques, C. Oliveira, N. Oliveira, F. Araújo (2000), Imigrantes internacionais : dos factos ao conceito, SociNova WP, nº17.

Rosa, M<sup>a</sup>., Seabra, H e Santos, T. (2003) Contributos dos imigrantes para a demografia portuguesa. O Papel das Populações de Nacionalidade Estrangeira. Acime, Lisboa.

Santo, R. (2009) A questão da securitização da imigração chinesa em Portugal no quadro da união europeia. Relatório de Estágio. Universidade de Coimbra.

Santos, C. (2007). *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa. Análise do ano 2003*. Lisboa: ACIDI.

Santos, M. (2010). *O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a experiência passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos*. Dissertação de mestrado. Coimbra. Universidade de Coimbra.

Santos, T. (2011). A comunidade chinesa em Portugal: factores de risco, factores protectores e rede social. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Santos, V. (2004). *O discurso oficial do estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e imigração dos anos 90 à actualidade*. Lisboa: ACIME.

SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - (2013). Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2012. Oeiras: DPF/SEF, 71 p., disponível em: <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>. Acedido em 30 de Julho de 2014.

SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - (2014). Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2013. Oeiras: DPF/SEF, 65 p., disponível em: <http://sefstat.sef.pt/relatórios.aspx>. Acedido em 30 de Julho de 2014.

Serrão, Joel (1970). Conspecto histórico da emigração portuguesa, *Análise Social*, 8 (32), 597-617.

Silva, A. (2005). Formação e construção de identidade(s). Um estudo de caso centrado numa equipa multidisciplinar. Tese de doutoramento. Braga. Universidade do Minho.

Silva, D. (2013). *Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social*. Tese de Doutoramento. FCSH.

Silva, M.C. (2008). *Diversidade cultural na escola: encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.

Silva, M. J. (1997). Percursos de formação através de uma história de vida. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade do Porto.

Silva, (2009). *Abandono e regresso à escola: Olhares sobre as Novas Oportunidades*. Dissertação de Mestrado. Aveiro. Universidade de Aveiro.

Siteo, R. (2006). Aprendizagem ao Longo da Vida: Um conceito utópico? *Comportamento organizacional e gestão*, 12, (2), 283-290

Spindola, T. & Santos, R. (2003). Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Rev Esc Enferm USP*, 37 (2), 119-126.

Távora, A., Vaz, H., & Coimbra, J. (2012). As crises da educação e formação de adultos em Portugal. *Saber & Educar*, 0 (17), 28-40.

Tinoco, R. (2004). Histórias de vida: um método qualitativo de investigação. [Psicologia.com.pt](http://Psicologia.com.pt)

Tomaz, M. C. (2011). *A imigração em Portugal e o papel do ACIDI*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro.

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação. Como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Universidade Aberta (2011). *Aprendizagem ao longo da vida em pequenas e médias empresas (pme). Guia de apoio*. Comissão Europeia.

Viana, C. (2013). *Profissionais de educação e formação: Agentes duplos entre as instâncias políticas e os adultos aprendentes*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.

Vieira, R. (2008). As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto) formação de professores, imigrantes e idosos. Comunicação apresentada no III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica (CIPA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Wall, K.; Nunes, C. & Matias, A. (2008). *Trajectórias de Mulheres Imigrantes em Portugal*. VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas, 25 e 26 de junho de 2008

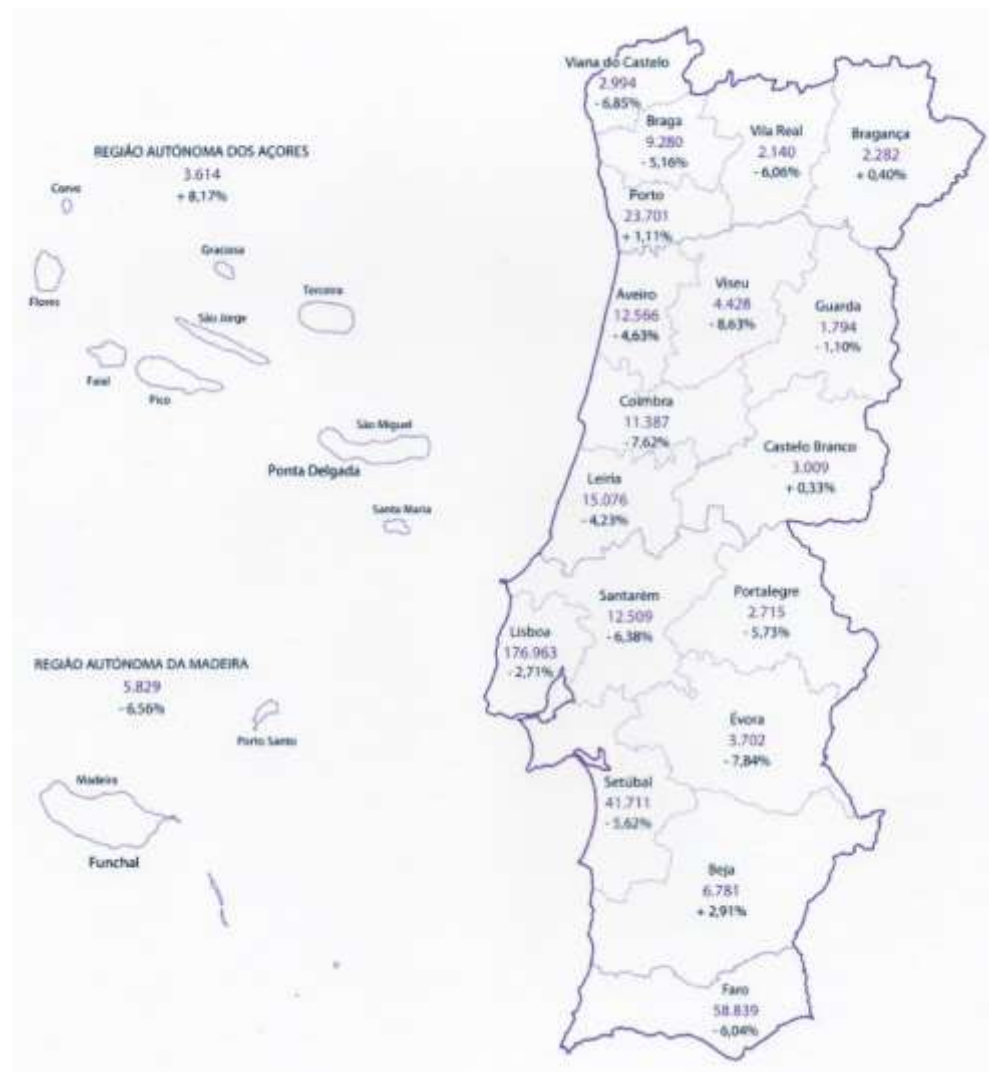
## Legislação consultada

Legislação	Aspetos de destaque
Resolução do conselho de Ministros nº92/98, de 25 de junho	O Governo cria desta forma o Grupo de Missão para o Desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos (GMEFA).
Decreto-Lei n.º 387/99 de 28 de Setembro	O Governo criou, com o Decreto-Lei n.º 387/99, de 28 de setembro, a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA) (Diário da República, 1999).
O Despacho conjunto nº 1083/2000, de 20 de Novembro	Regulamenta os Cursos EFA, ou seja, os Cursos de Educação e Formação.
Portaria n.º1082-A/2001, de 5 de Setembro	São criados os Centros de Reconhecimento e Validação de Competências,
O Decreto-Lei nº 208/2002, de 17 de Outubro	Aprova a Lei Orgânica do Ministério da Educação. Surgimento da Direção Geral de Formação Vocacional (DGFV)
O Decreto-Lei nº 213/2006, de 27 de Outubro	Aprova a Lei Orgânica do Ministério da Educação. Determina-se na alínea a) do ponto 4 do artigo 22º que a DGFV passa a designar-se Agência Nacional para a qualificação, I.P. A orgânica desta Agência é aprovada em 31 de Julho de 2007 pelo Decreto-Lei n.º 276- C/ 2007.
Portaria nº 817/2007, de 27 de Julho	Define o novo regime jurídico dos Cursos de Educação e Formação de Adultos.
Portaria nº 230/2008, de 7 de Março revoga a Portaria n.º 817/2007, de 27 de Julho	Define o regime jurídico dos cursos de educação e formação de adultos, e das formações modulares.

# Anexos

## Anexo 1 – Distribuição geográfica da população imigrante em Portugal, 2013.

(fonte: SEF (2014))



## Anexo 2 – Percurso migratório autónomo

Tipos de Trajetória		Características	
Percurso migratório autónomo	<i>“Poupança intensa a curto prazo”</i>	Objetivos principais:	Perfil das mulheres
		Poupança intensa Estadia curta - regressar ao fim de três ou quatro anos	Mães sós solteiras ou separadas/divorciadas, geralmente jovens (entre os 20 e os 35 anos) Deixaram filho(s) pequeno(s) no país de origem.
	<i>“Vida nova a longo prazo”</i>	Procura de “uma vida nova” Estadia a longo prazo	Mulheres solteiras sem filhos ou mulheres divorciadas/separadas que imigram com os filhos, sendo em geral bastante jovens na altura da emigração.
	<i>“Em ioiô”</i>	Procura de melhores condições de trabalho e de vida Mudam frequentemente de país ou viajam constantemente entre o país de origem e diferentes países de destino	Mulheres geralmente solteiras e jovens

Quadro elaborado pelo autor

Fonte: Wall, K., Nunes, C., & Matias, A.R. (2008). *Trajectórias de mulheres imigrantes em Portugal*. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais – Saberes e Práticas, Universidade Nova de Lisboa.

### Anexo 3 – Percurso migratório familiar

Tipos de Trajetória		Características	
		Objetivos	Perfil
Percurso migratório familiar	<b>Trajetória familiar “clássica, à procura de uma vida melhor para a família”</b>	<p>Reagrupamento familiar (formal, quando o pedido tem lugar um ano após o marido/companheiro estar a residir legalmente no país, ou informal, quando a mulher viaja com um visto de turismo, sem requerer legalmente o reagrupamento familiar ou fazendo-o apenas algum tempo depois da chegada.</p> <p>Procuram trabalho, melhores rendimentos e melhores condições de vida a longo prazo.</p>	<p>O marido ou companheiro é o primeiro elemento da família a emigrar, preparando a vinda da família.</p> <p>As mulheres são casadas ou vivem em união de facto.</p> <p>Há casais que conseguem trazer os filhos. Outros, devido à situação económica instável ou prevendo outros problemas (difícil integração escolar das crianças, difícil legalização), preferem deixá-los com os avós no país de origem.</p> <p>Neste último caso, verifica-se alguma hesitação relativamente à duração da estadia. Isto é, apesar de iniciarem um projecto de longo prazo, a imigração nestes casais que deixam os filhos no país de origem será apenas compatível com uma estadia mais definitiva se a integração económica e social for particularmente bem sucedida.</p>
	<b>Trajetória familiar – “A Mulher Primeiro, uma vida melhor para a família”</b>	Procuram um país de acolhimento que lhes proporcione emprego e rendimentos para assegurar a sobrevivência e uma vida melhor para a família.	<p>Mulheres imigrantes casadas ou em união de facto que são os primeiros elementos da família a emigrar.</p> <p>Ao contrário da trajetória “clássica”, o marido/companheiro emigra mais tarde, depois da mulher ter reunido as condições mínimas de estabilidade económica.</p>
	<b>Trajetória familiar – “Imigração a dois e uma vida melhor a longo prazo”</b>	O projecto migratório surge assim centrado não só na procura de emprego para ambos mas também na integração rápida de toda a família na sociedade de acolhimento.	A imigração “a dois” implica que o casal não só decide e planeia o projecto migratório em conjunto como também migra ao mesmo tempo.
	<b>Trajetória familiar – de casais “prontos a partir”</b>	<p>Projectos migratórios centrados na melhoria das condições de vida e nalguma poupança no contexto de uma estadia de curto ou médio prazo.</p> <p>Conseguir arranjar trabalho e enviar algum dinheiro para os membros mais velhos da família no país de origem.</p>	<p>Os casais são jovens com qualificações profissionais, sem filhos.</p> <p>A ideia de regresso ou de imigração para outro país está muito presente, principalmente se tal projecto implicar mais e melhores oportunidades, não só económicas mas também profissionais.</p>

Quadro elaborado pelo autor.

Fonte: Wall, K., Nunes, C., & Matias, A.R. (2008). *Trajectórias de mulheres imigrantes em Portugal*. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais – Saberes e Práticas, Universidade Nova de Lisboa.

## Anexo 4 – Tipologia de cursos EFA

Habilitação escolar	Certificação que obtém no final do curso Quadro nacional de qualificações (QNQ)			Tipo de curso
	Escolar (em anos)	Profissional (nível do QNQ)	Duração do curso (em meses*)	
< 4.º ano	4.º	1	6	B1
	6.º	1	9	B1+B2
	9.º	2	Entre 3 e 18	Percurso flexível a partir de processo RVCC
4.º ano	6.º	1	6	B2
	9.º	2	18	B2+B3
6º ano	12º	2	15	B3
≤ 9º ano	12º	-	Entre 1 e 8	Percurso flexível a partir de processo RVCC
	12º	4	Entre 3 e 15	Percurso flexível a partir de processo RVCC
9º	12º	-	8	S-Tipo A
		2	8	Básico Profissional
	12º	4	15	S3-Tipo A
10º ano	12º	-	4	S-Tipo B
	12º	4	12	S3-Tipo B
11º	12º	-	2	S-Tipo C
	12º	4	11	S3-Tipo C
12º	12º	4	11	Secundário Profissional

\*Duração de referência, calculada com base numa carga horária diária completa de 7h/dia.

Fonte: IEFP <https://www.iefp.pt>

## Anexo 5 – Taxa de abandono precoce de educação e formação: total e por sexo

Anos	Taxa %		
	Total	Masculino	Feminino
1992	50,0	56,2	44,2
1993	46,7	52,9	40,7
1994	44,3	49,4	39,2
1995	41,4	47,1	35,5
1996	40,1	45,6	34,4
1997	40,6	46,8	34,4
1998	⊥ 46,6	⊥ 52,0	⊥ 41,2
1999	44,9	50,8	38,9
2000	⊥ 43,6	⊥ 50,9	⊥ 36,3
2001	44,2	51,6	36,7
2002	45,0	52,6	37,2
2003	41,2	48,7	33,6
2004	39,4	47,7	31,0
2005	38,8	46,7	30,7
2006	39,1	46,6	31,3
2007	36,9	43,1	30,4
2008	35,4	41,9	28,6
2009	31,2	36,1	26,1
2010	28,7	32,7	24,6
2011	⊥ 23,2	⊥ 28,2	⊥ 18,1
2012	20,8	27,1	14,3
2013	19,2	23,6	14,5

Legenda: ⊥ quebra de série

Fontes de dados: INE – Inquérito ao Emprego.

Fonte: PORDATA <http://www.pordata.pt/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

## Anexo 6 – Perfil das Mulheres Entrevistadas\*

Participantes	Idade	País de origem	Designação do curso frequentado	Número de anos em Portugal
Vilma	40	Brasil	Técnico Auxiliar de Saúde	10
Andreia	37	Brasil	Técnicas de esteticismo e cosmetologia	11
Vanessa	31	Brasil	Técnico de turismo rural e ambiental	11
Verónica	35	Ucrânia	Técnico de maquinaria e Programação CNC	10
Irina	32	Ucrânia	Aeronáutica	9
Alina	27	Moldávia	Aeronáutica	8
Sidneia	22	Cabo Verde	Técnico Auxiliar de Saúde	5
Celina	47	Cabo Verde	Cozinha e pastelaria	29
Zulmira	59	Cabo Verde	Cozinha e pastelaria	43

\* Foram utilizados nomes fictícios no sentido de proteger a identidade das participantes

## **Anexo 7 – Habilitações académicas antes da vinda para Portugal**

<b>Nomes</b>	<b>Nacionalidades</b>	<b>Habilitações académicas antes da vinda para Portugal</b>
Vilma	Brasil	4º ano
Andreia	Brasil	6º ano
Vanessa	Brasil	8º ano
Sidneia	Cabo-verde	5º ano
Celina	Cabo-verde	6º ano
Zulmira	Cabo-verde	4º ano
Veronika	Ucrânia	10º ano
Irina	Ucrânia	12º ano
Alina	Moldávia	12º ano

## Anexo 8 – Situação legal

Nomes	Nacionalidades	Autorização de residência	Nacionalidade Portuguesa
Vilma	Brasil	X	
Andreia	Brasil	X	
Vanessa	Brasil	X	
Sidneia	Cabo-verde	X	
Celina	Cabo-verde		X
Zulmira	Cabo-verde		X
Veronika	Ucrânia	X	
Irina	Ucrânia	X	
Alina	Moldávia	X	

## Anexo 9 – Guião da Entrevista

Tema: Identificação e caracterização das motivações e expectativas de mulheres imigrantes de cursos EFA (Ano letivo 2013-2014).

### II – Objetivos gerais:

- 1º - Obter elementos para uma caracterização das formandas adultas imigrantes.
- 2º - Recolher dados para a identificação das principais motivações das formandas adultas imigrantes procurarem cursos EFA e das suas expectativas em relação aos mesmos.
- 3º - Recolher dados para um conhecimento das suas expectativas face à finalização dos cursos EFA.
- 4º - Analisar o tipo de motivações (intrínsecas e extrínsecas).
- 5º - Identificar as suas expectativas futuras após conclusão dos cursos.

### III – Objetivos específicos e estratégias:

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Notas
A.  Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Informar sobre o que pretendemos nesse trabalho de investigação.  Assegurar o carácter confidencial das informações	Tempo médio: 5 a 10 min.  Verificar se a entrevistada está à vontade.  Responder, de modo preciso, breve e esclarecedor, a todas as perguntas do entrevistado, sem desvio dos objetivos específicos do bloco.
B – Caracterização das formandas	Recolher elementos para: - identificar os sujeitos adultos do ensino secundário e - caracterizá-los.	Identificação: idade, sexo, local de nas-cimento, profissão e escolaridade, profissão, estado civil, cônjuge, filhos.	
C. Percurso Migratório	Compreender quais razões que deram origem às decisões de migrar.	Porque decidiu vir para Portugal?  Com quem veio?  Há quanto tempo está em Portugal?	

		Onde ficou a morar?	
D. Passado escolar	Conhecer o percurso académico da entrevistada no país de origem	Como foi o seu percurso escolar no seu país?  Fale um pouco sobre a sua vida escolar anterior, na infância e na juventude.	
E. Motivação	Recolher elementos sobre as motivações de voltarem a estudar (desta vez no país de acolhimento)	O que o levou a voltar à «escola»? (que causas de natureza prática, profissional e/ou pessoal)  Que motivações teve? Considera o estudo essencial para melhorar de vida? Porquê?  O que a levou a inscrever-se num curso EFA? Qual é o curso que frequenta? Está satisfeita com o curso?	
F - Relação com colegas e professores/formadores	Recolher elementos sobre os conteúdos, professores, discriminação.	Como é a sua relação com os colegas?  Como é a sua relação com os formadores?	
G - Expetativas	Recolher elementos sobre as expetativas	Quais são os seus principais projetos de vida? Justifique.  Que expetativas tem?  Quando terminar o curso o que tenciona fazer?  Em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, ter voltado a estudar	
H - INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR	Obter outros elementos.	Deseja acrescentar algo que considere importante relativamente ao que já disse ou que queira acrescentar?	

## **Guião de Entrevista**

### **Apresentação e objetivos**

A realização desta entrevista insere-se nas atividades do trabalho de campo de uma dissertação de mestrado, cujo título é: «*Um olhar sobre as experiências de mulheres imigrantes em cursos EFA – Histórias de Vida*».

Convidamo-la para a entrevista por ser uma mulher imigrante no nosso país que se encontra a frequentar um curso EFA. Como o objetivo último que nos mobiliza é contribuir para um melhor conhecimento sobre quem são as mulheres imigrantes que se encontram a frequentar cursos EFA, interessa-nos conhecer um pouco da sua “história de vida” e, sobretudo, quais foram as suas motivações antes de se inscrever no curso e quais são as suas expectativas após a sua conclusão. Os dados recolhidos têm uma finalidade académica e a sua identidade não será revelada.

## Anexo 10 – Declaração de Consentimento Informado

Eu \_\_\_\_\_,  
portador do Bilhete de Identidade / Cartão de Cidadão n° \_\_\_\_\_,  
declaro que tomei conhecimento do propósito da utilização da minha história de vida, tendo  
sido informado(a) sobre as condições da sua realização, que se encontram anexadas a este  
documento.

Assim, declaro que participei voluntariamente no estudo e aceito a divulgação dos dados  
recolhidos, sob anonimato.

Data, \_\_\_\_\_

A participante, \_\_\_\_\_

O investigador, \_\_\_\_\_

## Anexo 11 – Formulário (Narrativa de Vida)

Nacionalidade:

Data de Nascimento:

Nº de anos em Portugal:

Estado Civil:

Nº de filhos:

Por favor, conte a sua experiência de vida até chegar a este curso EFA.

Muito Obrigado!

## **Anexo 12 – Transcrição das Entrevistas**

### **Mulheres Brasileiras**

**Identificação do sujeito entrevistado:** Vilma

**Idade:** 40 anos

**Data da entrevista:** 9 de junho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 50 minutos

Luís – Boa tarde Vilma. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Vilma – Vim por causa da minha irmã. Ela falou que tinha trabalho aqui para mim e tal.

Luís – Veio ter com a sua irmã. Ela arranjava-lhe emprego?

Vilma – Sim, ela falou que tinha trabalho aqui para mim e tudo.

Luís – E quando chegou?

Vilma – Não tinha nenhum. Fiquei dois meses e quinze dias desempregada. Agora imagine... E muitas vezes como eu não ajudava na despesa, comprava aquelas coisas piores para comer. Tudo das piores situações. E quando eu fazia uma faxina nas casas eu ia e comprava uma comida mais decente. A minha vida era chorar e ficar triste. Sem o meu filho, sem a minha mãe, a minha vida parou toda completamente. Deixei tudo para trás. Cheguei aqui e era a grande mentira da parte dela. Cheguei... era tudo muito giro. As passagens que eu comprei a prestação... nossa! Fui lá na agência, paguei em cheque e consegui a passagem, correndo o risco de voltar para trás. Era tudo mentira. Fiquei dois meses e quinze dias desempregada. Mas como eu podia voltar?

Luís – Se não tivesse cá a sua irmã teria vindo?

Vilma – Não. Não teria saído do Brasil. E mesmo depois que ela veio, eu não queria vir. Trabalhava e tinha dinheiro suficiente para mim e para a minha mãe, para ajudar o meu pai, e para o que precisava. Não precisava vir para aqui. Mas pronto, aqui estou.

Luís – Veio sozinha?

Vilma – Sim.

Luís – Há quanto tempo está em Portugal?

Vilma – Cheguei aqui em 2004.

Luís – Onde ficou a morar?

Vilma – Fiquei morando com a minha irmã um mês e meio. Ela me deixou no apartamento. Primeiro, conversei com o dono da casa. Eu trabalhava na Trafaria. O dono da casa pegou e me disse: «Olha, então está bem, eu alugo a casa mas quero a sala para guardar os meus instrumentos». «Não --- disse eu ---, assim não. O senhor aluga a casa e nós queremos estar na casa, ter acesso à casa». Ele era africano. «Mas nem pensar!» Foi então que a minha irmã disse que se aluga a casa tem que ter privacidade. Aí pronto! Ele disse «que não vai alugar mais, não». Mas eu continuei lá na casa e não procurei outra casa. Morava eu, a Cácia, a Vera e a Tânia, a minha irmã. Um belo dia cheguei do restaurante, a casa estava vazia. A única coisa que estava lá era a minha roupa. E as coisas da Cácia. E elas se foram embora.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Vilma – Já fiz de tudo um pouco. Fiz faxina, e trabalhei num restaurante. Um dia chegou um senhor que era brasileiro, falou comigo para saber se eu queria trabalhar para cuidar de uma idosa. Se eu trabalhasse todos os dias, ela me pagava 1.700 €. Agora, se eu trabalhasse dia sim dia não, eram 800 €. Então tá bem --- disse. Aí eu falei com a minha mãe. A minha mãe ficou muito feliz, aquela coisa toda. No dia que chegou o dia do pagamento, ela me deu 200 €. Eu ia sair dum serviço onde ganhava 500 € para ir para outro, daquela mulher chata, para ganhar 200 €. Ela disse então que nunca teve essa conversa comigo. Ah, professor, agora imagina, a vontade era de matar ela... A saia era de 120, entende... era pouco da passagem. Pronto, fez da minha vida uma bagunça. E eu tinha dezoito dias para sair da casa... Aí o que é que aconteceu? Vi a minha amiga

baiana e tudo... e divide a renda. Eu dormia no quarto com ... Fiquei desempregada de novo, porque eu tive de sair. Para ganhar 200 €...

Luís – Então deixou a idosa para procurar emprego novamente?

Vilma - Exatamente, deixei-a e não consegui nada. E a Cácia foi morar com o namorado dela português, que era filho único: «Ah, filha, a mãe dele é chata mas dá para aturar, sempre é melhor do que ficar na rua». Peguei e fui. Fui lá para casa da baiana e lá tinha a Cláudia. (pausa) Agora trabalho em Tróia. Lavo prato e panela. Trabalho na copa, em serviços gerais.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Vilma – Técnico auxiliar de saúde. Tenho completado o nono ano de escolaridade.

Luís – Feito no Brasil?

Vilma – Aqui. Comecei do zero.

Luís – O que é começar do zero?

Vilma – Eu tinha de pegar o histórico do Brasil e trazer para cá e, ... Como é que eles falam? Levar numa escola para eles verem o grau de estudo. Só que eu falei tem possibilidade de começar do zero. Ela falou tem. Fiz no Brasil do 1º ao 4º ano. E aqui repeti. Eu não tinha dinheiro para ir ao Brasil pegar o documento.

Vilma – Os meus irmão tudo estudou. Era só eu que estava para trás em tudo.

Luís – Como veio parar ao IEFP?

Vilma – Eu fiquei no desemprego e perguntei se era possível estudar. Minha amiga falou que tinha tirado um curso e escolaridade.

Luís - Quantos cursos fez no IEFP?

Vilma – Fiz três. 1º do 1º ao 4º ano e depois fiz o 6º, terminei o do 7º ao 9º. Agora estou fazendo o último.

Luís – Tem filhos?

Vilma – Tenho dois. Um menino e uma menina. O meu filho já tem catorze anos. Quero que o meu filho seja um grande homem. Ele está no 8º ano. Ele é um bom menino, educado. Os professores gostam dele nunca teve um mau comportamento. Eu ensino

que não quero má criação com os outros. Todo mundo gosta dele. Eu quase morro quando oiço crianças mandar calar a boca.

Luís – Para si é importante estudar?

Vilma - Estudar para mim significa tudo. É aprender, é educação, é escolaridade, é ter uma profissão, é ser gente! Para mim está sendo uma vitória. Mas no fundo tenho muita dificuldade. Só que eu não falo no assunto. Para mim a aula mais difícil que eu tenho é português. Porque matemática eu ainda pego.

Luís – Está satisfeita com o curso de técnica de saúde?

Vilma – Bastante.

Luís- Depois de terminar o 12º, o que é que quer fazer?

Vilma – Vou virar doutora. (risos). Vou trabalhar na saúde. Vou ser técnica de saúde.

Luís – Vê-se a trabalhar com idosos?

Vilma – Sim professor. Eu não corro da raia. Acha que eu ia perder essa chance? Usar uma bata branca é o meu sonho. Eu acho chique.

Luís – E já tem aquela experiência.

Vilma – Sim. Dava remédio, passeava com ela. Arrumar a casa não, porque ela tinha tudo arrumadinho. Ia lá uma pessoa limpar tudo. Dava atenção. Era bom, mas ela era chata! Ela não me deixava dormi. Chamava a noite inteirinha. Não sei como é que essa senhora fixou o meu nome tão bem. Eu entendia, ela estava sozinha no mundo, não tinha mais ninguém. Havia uma pessoa que administrava o dinheiro dela. Dava-lhe cinco euro todos os dias.

Luís – Como é o seu relacionamento com os colegas?

Vilma – eu falo com todo o mundo. Mas o sr. Artur acha que eu sou burra. Vive me enchendo o saco. E já apanhei colegas falando mal de mim nas casa de banho.

Luís – e como é o relacionamento com os professores?

Vilma – é bom professor. Eu gosto de todos.

Luís – Tenciona regressar um dia ao Brasil?

Vilma – Para morar não. Mas para visitar o meu pai.

Luís – Tem muita família lá.

Vilma – Claro. Tenho lá meus quatro irmão. Amigos e vizinhos. Alguns já morreram. Infelizmente.

Luís – Sente saudades do seu país?

Vilma – Sinto professor. Sinto saudades da minha vida. É que aqui nada dá certo. As coisas estão sempre dificultando. Nós estamos passando dificuldade. A renda e essas coisa. Quando paga uma conta da água, já está chegando outra. A gente paga uma luz a outra já chegou. Entende? Paga uma renda e a outra já está atrasada.

Luís – Como se sente em Portugal?

Vilma - Agora estou legalizada. Mas já fui a tribunal e tudo. (risos) Vim pela França e eles não carimbaram. Fiz a viagem de Belo Horizonte-São Paulo-França. E depois entrei fácil. Era arriscado vir diretamente para Lisboa. Podia voltar para trás. Eu estava com visto turístico e fui pega pelo SEF num bar. No tribunal foi uma palhaçada. A gente nervosa não usa essas palavras bonita. E eu dizia dona. E a juíza batia na mesa. Eles pensavam que eu tinha falsificado o meu passaporte. Isso pode?

O meu marido fez um contrato de trabalho para mim. Mas eles andavam me controlando para ver se eu estava lá e até em casa. Eles queriam me despachar para o Brasil.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Vilma – Não.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

## **Entrevista 2**

**Identificação do sujeito entrevistado:** Andreia

**Idade:** 37 anos

**Data da entrevista:** 11 de julho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 45 minutos

Luís – Boa tarde Andreia. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Andreia – Bom. Eu acho que todo mundo vem à procura de uma vida melhor. Né? Esse é o objetivo principal. Mas no meu caso havia razões pessoais. Eu enfrentava alguns problemas pessoais. A minha família pensou que se eu saísse de lá naquela altura ia me ajudar. Entretanto, eu não cheguei aqui com aquele intuito de que ia ganhar dinheiro que minha vida ia ser uma maravilha. A visão do emigrante. Já se falava em crise e a partir do momento que todo o brasileiro que tava aqui todo o mundo dizia que se viesse para viver com uma qualidade melhor encontrava mas para se juntar e para fazer algo no Brasil com aquilo que você ganhava aqui não. Eu nunca vim iludida.

Luís – Veio sozinha para Portugal?

Andreia – Sim. Vim em 2003, decidi emigrar na tentativa de melhores condições de vida. Muita ilusão! Cheguei a Portugal com o sonho de uma vida mais tranquila e salário que compensasse o sacrifício de ficar longe da família.

Luís – Há quanto tempo está cá?

Andreia - Já estou cá faz onze anos.

Luís – Onde ficou a morar?

Andreia – Em casa de uma amiga.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Andreia - Bom, falar de nós mesmos nem sempre é fácil. (risos) Tive dificuldade porque não era legal. E depois era muito limitado. Só encontrava em cafés, em restaurante. Enquanto as pessoas tinham um ordenado de 500 e 600 euros as propostas eram de 350. Em Setúbal tive de aceitar porque não tive outra opção de trabalho. Agora enquanto trabalhava em Carcavelos os ordenados eram... o patrão era até justo de certa forma. (pausa) Mas a dificuldade em conseguir emprego era uma realidade que não estava preparada para encarar. Com insistência, depois consegui emprego na restauração. Trabalhava muitas horas e ganhava pouco. Fiquei desiludida, mal dava para sobreviver, mas o emigrante não pensa nisso e, se alguém diz, ele não acredita, temos de ver para crer.

Luís – Como foi a sua vida escolar no Brasil?

Andreia - No Brasil estudei até 6ª série, aqui é o 6º ano. E depois desisti. Mas eu não posso me queixar não. A minha família tem toda formação académica. Todos concluíram. Eu não estudei porque não quis. Porque por acaso havia até um investimento por parte da família na nossa vida. Na minha, de meus irmãos e primos. São todos formados. O meu irmão é contabilista e exerce, tenho um irmão que é electricista e formou também em processamento de dados, depois teve alguns anos a leccionar e hoje trabalha numa metalúrgica.

Luís – Porque deixou a escola tão cedo?

Andreia – A minha mãe teve que se desdobrar para nos sustentar e devido às nossas necessidades, vi-me forçada a optar por desistir dos estudos. Comecei a trabalhar muito cedo, tinha apenas doze anos, era numa fábrica de biscoitos, embalando e rotulando. Naquela altura sentia-me muito importante, pois achava de grande responsabilidade o nosso setor. Também me divertia muito, às vezes comia mais que embalava. (risos) Nessa altura, ainda estudava, mas o cansaço e o salário começaram a falar mais alto e assim comecei a perder o interesse pela escola. (pausa) Depois trabalhei lojas, entrei num curso de cabeleireiro, mas também não me identifiquei com a área e nunca exerci.

Luís – Teve mais alguma ocupação profissional no Brasil?

Andreia – Sim, tive uma oportunidade para trabalhar numa empresa de consultoria na área de informática e gostava muito. Como era uma empresa reconhecida, tinha muito orgulho em que as pessoas me vissem fardada. Trabalhava no setor de televendas e ajudava no departamento financeiro, onde aprendi muito. Fui colocada no mercado de trabalho sem habilitações necessárias e foi preciso muita dedicação, pois este estava-se tornando cada vez mais exigente. Este emprego abriu-me portas que me surpreenderam, fui convidada para trabalhar numa madeireira, aí foi mesmo complicado. Já era mãe e, para conciliar trabalho, filho e casa, foi preciso aprender a gerir e orientar-me de forma a nenhuma das áreas ficar afetada, mas há sempre um lado sacrificado, muitas vezes é o nosso. Nesse emprego não havia departamento específico, atendia ao público, departamento financeiro, orçamentos e vendas, licitações, conferia cargas de materiais, entrada e saídas, enfim, fazia o que fosse preciso, e até aqui foram alguns anos.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Andreia - Técnicas de Esteticismo e Cosmetologia.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Andreia – Eu necessito da certificação. Foi por isso que me inscrevi. O objetivo de fazer este curso é obter a certificação. Eu dependo da dupla certificação. Este curso que estou fazendo dá equivalência ao 12º ano.

Luís – Porque decidiu fazer este e não outro?

Andreia - Eu tenho um curso. Lá que eu tirei no Brasil de esteticista. Em 2005 fui ao Brasil para a minha legalização então tirei lá um curso enquanto estive à espera. Durou 6 meses. E quando cheguei aqui o curso não era creditado pelo ministério da educação. Então ele não foi certificado, não o reconheciam aqui. E para eu ter um espaço aberto eu preciso da certificação. É mesmo questão burocrática. Então o que é que acontece. Trabalhei ainda por conta de outrem, depois abri o meu próprio espaço, na tentativa de legalizar. Não consegui. Eu já tive três lojas aqui. Trabalhava com produto natural e na área da homeopatia também e tinha consulta com o nutricionista, homeopata. O atendimento na área dos nateureopatas e tratamento estético também.

Luís – Está satisfeita com o curso?

Andreia – Sim, tenho aprendido muita coisa. Mas, também já sabia muita coisa sobre o assunto.

Luís – Tem filhos?

Andreia – Sim.

Luís – Quantos?

Andreia - Tenho três filhos. Um tá cá, o que nasceu aqui e tenho dois no Brasil.

Luís – Para si é importante estudar?

Andreia – Sim, principalmente hoje. Para arrumar um bom emprego é preciso estudos, qualificação.

Andreia – A minha vontade depois de terminar o curso é... Como este é um curso que não há outro acima desse fazer uma especialização no Brasil e voltar já com essa especialização. Vou tentar fazer o curso de cosmetologia no Brasil. Aqui não há, acho que só há em França, Espanha.

Luís – Tenciona ficar em Portugal?

Andreia – Quero continuar em Portugal. Eu já me casei aqui. Já estabeleci a minha família aqui. O meu marido é de cá. Ele não faz tensões de ir para o Brasil tão cedo. Pelo menos agora não.

Luís – Sente saudades do seu país?

Andreia – Não.

Luís – E da família?

Andreia – Sinto falta dos meus filhos mas falo com eles com frequência.

Luís – Pensa trazê-los para perto de si?

Andreia - Tenho cá um filho. Os outros dois já vieram. O Gustavo já veio mas não gostou. Um já tem 18 anos. Pensa em ir para o exército. Pensa terminar os estudos e depois vir porque vai esperar até três anos para dar entrada no exército aos 23 anos. Vai fazer a experiência de vir e ver se gosta. Ele está com familiares, tem apoio, tem o pai. E depois a gente está sempre em contacto. Não é um contacto direto, pessoal mas não perde a ligação familiar. Acho que é importante. (pausa) É complicado eu estar aqui e

eles lá mas já me trouxe alívio saber que foi por opção deles não querer. Quando eu não podia doía mais, mas depois que eles fizeram a opção e não tem nenhum trauma. O meu mais velho mora com o pai. O meu Gustavo mora com a minha mãe por opção dele. Mas se dá muito bem. Nós não temos problemas de relacionamento.

Luís – Como se sente em Portugal? Já sofreu algum tipo de discriminação?

Andreia - Já sofri alguma discriminação por parte de alguns formadores. Principalmente nesta área em que nós estamos tirando o curso. Pela visão que muita gente tem da parte estética que vem do Brasil. Parecia que tinha medo de ser confrontada com alguma coisa. Você fica lá que você aqui está para aprender. Todo o emigrante passa por isso. O meu marido viveu na Austrália durante 13 anos e durante os primeiros anos até ele ser inserido e aceite sentiu a diferença. Eu posso dizer que no início eu sentia algumas coisas. Mas agora não. Eu acho que acontece na fase em ainda não está inserido.

Luís – E como é o seu relacionamento com os professores?

Andreia – Tirando a formadora de xxxx, tudo bem.

Luís – Como é o seu relacionamento com os colegas?

Andreia – é normal. Falo com todos, mas amigo amigo não tenho.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Andreia – Eu gosto muito de Portugal, fiz muitas amizades, gosto imenso de muitas pessoas. Olha e não vai dizer que eu falei aquilo dela. (risos)

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

### **Entrevista 3**

**Identificação do sujeito entrevistado** Vanessa

**Idade:** 31 anos

**Data da entrevista:** 11 de julho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 40 minutos

Luís – Boa tarde Vanessa. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Vanessa – Vim para Portugal por ter cá uma amiga e de ela dizer que aqui era muito melhor em relação ao Brasil. No Brasil, os ordenados nunca foram e até hoje não são altos. Na conversão de moeda tem vantagem. Ai é que tá a diferença.

Luís- Veio sozinha para Portugal?

Vanessa – Sim. Eu tinha aqui uma amiga, muito minha amiga. Vim aventurar. Ela me dizia que era bom em relação ao Brasil. Apesar de no Brasil eu ter trabalhado muito pouco, porque meu marido era muito ciumento e camionista. Ele falava sempre trabalhar para quê, você não tem necessidade. Se você trabalhar quando eu chegar você não vai tar em casa. e, pronto, mesmo assim trabalhei numa loja, numa bomba de gasolina e fui promotora de venda.

Luís – Há quanto tempo está cá?

Vanessa – Faz onze anos. Cheguei a 16 de outubro de 2003, que foi após a lei do Lula. Houve uma lei em 2004, mas tive medo que fosse uma cilada. Dizem que é para legalizar mas depois é para te apanhar. Antigamente deportavam. Ainda deportam mas é mais difícil. E 2004 eu já tinha um contrato de trabalho, trabalhava numa churrascaria. O meu patrão já me tinha inscrito na segurança social e quando foi 2007 já trabalhava

num café e saiu uma nova lei que é actual e até hoje ainda há que é o artigo 88, que é a lei do contrato de trabalho. Só que só se conseguiria legalizar quem tivesse inscrito na segurança social e eu já desde 2004 que estava inscrita. Em 2008, eu e o meu marido abrimos um café, posto no nome dele. Perante a lei ele foi o meu patrão, já estava grávida do meu filho na altura e dei entrada através do contrato de trabalho. O meu filho nasceu e peguei através do meu filho depois passados 3 dias o sef me ligou para pegar através do contrato de trabalho e eu disse que já tinha. Só tive de ir ao sef escrever uma carta para o senhor inspector a pedir para desistir. No próximo ano já posso dar entrada do meu BI. O que é muito bom e muito importante. Porque você sente a diferença de ter um título de residência e de ter um BI.

Luís – Onde ficou a morar?

Vanessa – Fiquei no apartamento dessa minha amiga.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Vanessa – Tenho feito de tudo. Limpeza, trabalho em cafés e restaurante.

Luís – Como foi a sua vida escolar no Brasil?

Vanessa – É assim, eu estudei no Brasil até ao 6º ano. E depois comecei a namorar muito nova aos 14 anos. Aos 15 anos fui viver junto e deixei o estudo. E aos 16 voltei a estudar novamente e fiz até ao 8º e entrei num relacionamento muito nova, eu era ainda uma criança. Pensava que era aquilo que eu queria. A certa altura comecei a encarar a vida de outra forma, comecei a sair, a ir a uma discoteca, a um bar. Parei de estudar no 8º ano novamente. Aos 20 anos separei e vim para Portugal.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Vanessa – Técnico de turismo ambiental e rural

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Vanessa - Este curso para mim, no meu ponto de vista é importante. Eu acredito que Portugal vai melhorar. Até mesmo uma formadora diz que Setúbal daqui a cerca de 5 anos vai ser muito procurado pelo turismo. Setúbal e todo o Portugal tem potencial para crescer. Eu já estive na Holanda, na Alemanha e na Lituânia e posso dizer que aqui a gastronomia é a melhor, as praias são as melhores. E acredito que vai melhorar. Eu

tenho fé. Se não melhorar no futuro penso ir trabalhar no Dubai. Mas eu quando viajo e depois regresso a Portugal sinto que cheguei na minha casa.

Luís – Porque decidiu fazer este e não outro?

Vanessa – porque acredito que este vai dar muito trabalho em Portugal e foi o único que me interessou no IEFP.

Luís – Tem filhos?

Vanessa – Sim.

Luís – Quantos?

Vanessa - Tenho uma filha no Brasil. Deixei ela lá com um ano e cinco meses. Eu custei para me legalizar aqui em Portugal. (pausa) Me juntei já vai fazer 10 anos com um lituano que conheci em Setúbal e tenho um filho com ele. Tem seis anos. É o Brian.

Luís – Para si é importante estudar?

Vanessa - Sim, hoje mais do que nunca. E quero que os meus filhos estudem. Mas, para mim a vida hoje é complicada. É difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Não penso voltar a estudar depois de terminar o curso se houver outras prioridades. Já o frequento há 8 meses. Estou a tentar ir até ao fim. Bolsa não chega a 146 euros.

Luís – Tenciona ficar em Portugal?

Vanessa – O Brasil já não faz parte da minha vida. Já não faz parte de mim. Eu vivo aqui como se fosse a minha terra. Até mesmo no mundial eu posso garantir, não é mentira nenhuma que vibro mais pela selecção portuguesa do que pela brasileira. Acho que o Brasil é mais irmão de Portugal do que a Espanha.

Luís – Sente saudades do seu país?

Vanessa – Não.

Luís – E da família?

Vanessa – Sim da minha mãe e da minha filha.

Luís – Pensa trazê-la para perto de si?

Vanessa – Ela está com a minha mãe e está habituada com a minha mãe. Quando um adulto parte do seu país fica com um pé cá e outro lá. Com a criança ainda é pior. Ela agora tem doze anos. Tem os amigos dela e não tem uma cabeça formada.

Luís – Como se sente em Portugal? Já sofreu algum tipo de discriminação?

Vanessa – Acho que o país que foi sempre mais acolhedor foi Portugal. Penso no futuro não viver no Brasil. Mas sinto que em Portugal há preconceito e racismo. Eu sinto. Há brasileiros que saem do Brasil e vêm viver para cá e só por morarem num sítio melhor já se acham mais importante, superior aos outros. Já senti preconceito na minha turma com colega brasileira de se achar superior. Mas eu não dou importância. Na vida a gente leva tantas pancadas. Chega uma altura que não é a gente estar habituados mas já temos defesas.

Luís – Como é o seu relacionamento com os colegas?

Vanessa – Não posso dizer que é maravilhoso. Eu falo com eles mas tem de haver um certo limite.

Luís – e com os formadores?

Vanessa – eu simpatizo mais com uns do que com outros. E há matérias que eu gosto mais.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Vanessa – Agradeço muito a oportunidade que me deu.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

## Mulheres Cabo-Verdianas

### Entrevista 1

**Identificação do sujeito entrevistado:** Sidneia

**Idade:** 22 anos

**Data da entrevista:** 11 de julho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 45 minutos

Luís – Boa tarde Sidneia. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Sidneia – Vim na esperança de uma vida melhor. E não foi aquela coisa que eu estava à espera. Era um sonho que eu tinha de criança. Mas fiquei desiludida. Saí da bela vista para vir viver na Bela Vista.

Luís – Então?

Sidneia – Durante o tempo que eu estava lá pensava que aqui era melhor. Que ia encontrar trabalho... fiquei muito desiludida com isto tudo. Desde que eu estou cá estou desempregada.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Sidneia - Trabalhei numa loja de chinês e num restaurante mas também não foi uma grande coisa. Foi um trabalho na cozinha. Não foi nada de especial. Por isso digo que nunca trabalhei.

Luís – Mas como foram essas experiências de trabalho? Gostou?

Sidneia – (Risos) fartei-me de lavar pratos. Só lá fiquei um dia. Me desorientei. E me deixou muito marcada.

Luís – Só um dia?

Sidneia – lavei pratos que nunca mais acabava. Desisti.

Luís – E na loja do chinês?

Sidneia – no chinês foi só três ou quatro meses.

Luís- Veio sozinha para Portugal?

Sidneia – Vim com o meu marido.

Sidneia – Vim em 2011.

Luís – Onde foi morar?

Sidneia – Fui morar com o meu primo.

Luís – E o seu marido?

Sidneia – O meu primo é o meu marido. (risos) Fiz a besteira que fiz, deixei a minha mãe e vim com ele.

Luís – besteira?

Sidneia – Sim e eu já o deixei.

Luís – E agora vive sozinha?

Sidneia – Não. O que é que eu ia fazer com duas crianças? Voltei para casa. Mas nem conseguia dormir porque tínhamos rendas em atraso e tinha medo que nos pusessem na rua.

Luís – O que faz o marido?

Sidneia – Ele trabalha. Dá minha parte a única coisa que tenho são os abonos dos meus filhos. Ele está desempregado. Mas faz biscates. Não tenho bolsa. É um absurdo. (pausa) Tenho os apoios sociais e não é sempre. Dão-me roupa, alimentação. Às vezes uma ajuda para pagar a renda, luz, água e o infantário, mas nem sempre. Ando sempre aflita para pagar a renda. (pausa) O banco alimentar também me ajuda dão-me arroz, massa, açúcar e essas coisas. O resto é do meu bolso.

Luís – Não tem a bolsa do curso?

Sidneia – Não, porque não tenho descontos para a Segurança Social. Também não tenho direito ao rendimento por causa do meu filho. Quem é que me encaixa isto na cabeça. O miúdo não está legal no país. De que é que vou viver até 2016? Já falei com a assistente social. Esperei os três anos para poder pedir o rendimento e agora não posso porque o miúdo não tem três anos aqui. Tenho de esperar até 2016.

Luís – O que é que ele fazia?

Sidneia – Ele fazia e faz um pouco de tudo. Ele trabalhava na auto-europa e depois foi para a fábrica de peças de carro em Vendas Novas. Ficou desempregado por causa de um carro. Ou comprava um carro na altura ou não podia ir trabalhar por falta de transporte. Não havia como comprar. Faz agora biscates. Um pouco de tudo em obra. Electricidade, essas coisas assim.

Luís – Como foi a sua vida escolar em Cabo Verde?

Sidneia – Estudei em Cabo Verde até ao 5º ano. E desisti. Não completei porque na altura tinha muitas crises de epilepsia. Deixou-me muito desmotivada, muito em baixo. Não tinha capacidade, a minha mãe também não tinha condições de pagar o estudo lá na escola. Tive de desistir também.

Luís – Teve alguma ocupação profissional em Cabo Verde?

Sidneia – Trabalhar, trabalhar... Nunca trabalhei na vida. Desisti da escola e fiquei em casa. Depois só trabalhei depois que eu tive o meu filho.

Luís – Que idade tinha quando teve o seu filho?

Sidneia – Tinha catorze quando engravidei. Trabalhei depois desta altura, mas também não foi assim um trabalho (pausa). O pai do meu filho nunca fez caso. Ele me abandonou. Me deixou com a criança. Foi uma etapa da minha vida muito complicada. Não tinha apoio dele mas da mãe. Ela me ajudou bastante foi uma pessoa muito incrível para mim.

Luís – O que fazia nesse trabalho?

Sidneia – Trabalhava numa loja de chinês. Trabalhava de 8 a 8 para 3 contos e quinhentos. O que é que é isto? Aqui não é nem sessenta euros. E eu não tinha transporte tinha de ser a pé. O dinheiro não me compensava e deixei. Punha a minha

vida em risco porque chegava a casa muito tarde, tinha uma criança pequena e mais dois irmãos para cuidar.

Luís – Quantos filhos tem?

Sidneia – tenho dois.

Luís – com que idades?

Sidneia – a menina tem dois anos e ele tem cinco.

Luís – Vivem consigo?

Sidneia – O que tive lá ficou lá. Deixei-o com um ano com a avó. Ele veio um ano depois de eu estar cá. (...) Foi horrível deixá-lo lá, foi muito doloroso. Sofri muito. E as passagens foram às minhas custas. Foi muito complicado. O meu pai queria ficar com o meu filho.

Luís – E o pai do menino?

Sidneia – Nunca fez caso. Eu nunca vivi com ele. Ainda bem. Ele só queria comprar, gastar, não tinha responsabilidades. Eu tinha responsabilidades, tinha que dar comer e de vestir. O que eu precisava não comprava, tinha de ser para o miúdo. Comer, calçar, essas coisas.

Luís – Como veio parar ao IEFP?

Sidneia – inscrevi-me num curso em 2012 para ocupar a vida e não estar em casa aborrecida. Também me inscrevi no centro de emprego para ver se aparecia algum emprego. Mas não havia por causa da minha escolaridade.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Sidneia – Técnico auxiliar de saúde.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Sidneia – Resolvi tirar o 6º ano para ver se arranjava alguma coisa. Tive um ano à espera e depois chamaram-me. A Dra. Susana foi lá à sala e fez o convite para fazer este curso.

Luís- Portanto este é o terceiro curso que está a frequentar? Fez um para concluir o 6º ano e agora está a fazer este para concluir o 12º?

Sidneia – fiz um curso para concluir o 6º e depois o de geriatria.

Luís – Qual foi o curso que frequentou para tirar o 6º?

Sidneia – O curso de Apoio à Família e à Comunidade.

Luís – O de Geriatria foi para concluir o 9º?

Sidneia – foi.

Luís – O que tenciona fazer depois de concluir o curso?

Sidneia – Trabalhar, mas tá difícil.

Luís – nesta área do curso?

Sidneia. Sim nesta área ou em qualquer. Ando à procura de emprego há muito tempo. E ando desmotivada.

Luís – Se encontrar emprego desiste do curso?

Sidneia – Não. Quero o 12º ano. Mas se aparecer um trabalho...se calhar vou ter de desistir.

Luís – gosta do curso?

Sidneia – gosto. E cada vez que paro para pensar me custa.

Luís – quer trabalhar com idosos?

Sidneia – quero. Gosto. Quero saber se sou capaz de tomar conta de uma pessoa. Quero mesmo acabar o curso, mas há sempre a questão do emprego.

Luís – Tenciona regressar a cabo Verde?

Sidneia – Nem pensar. Nem tão cedo. Nem para passear nem para viver. Lá ficou muita coisa que não quero lembrar. Há muita miséria. Não me quero lembrar do que eu passei. Muitas dificuldades, não foi fácil para mim, para a minha irmã e para a minha mãe que se sacrificou muito para termos o que comer.

Luís – Tenciona ficar em Portugal?

Sidneia – Sim quero. Só me lembrar do que passei em Cabo Verde. A minha mãe coitada. O meu pai nos deixou. Veio para Portugal e nos deixou de mandar dinheiro. E ela arranjou outro marido que a enganou. Fez um filho e fez o mesmo que o outro fez

comigo. Mais um para alimentar. Ficou ainda pior. a minha mãe fez o que fez eu não a culpo por causa disto. (pausa) O meu pai depois chamou-a para Portugal.

Luís – Mas se não encontrar trabalho pondera ir para outro país?

Sidneia – Sim. Estou a pensar ir para os Estados Unidos. Tenho lá família, uma tia, primos. Mas não quero deixar os meus filhos. O que tenho de passar a gente passa juntos.

Luís – Mantem contacto com os seus pais?

Sidneia – Sim, visito-os às vezes. Eles vivem em Setúbal também. Mas eu não desculpo o meu pai. O que faço faço de coração e não atiro à cara como ele faz. Ele trabalha em andaimes na Alemanha, ganha bem mas não me ajuda.

Luís – Fez amizades em Portugal?

Sidneia – Fiz amizade com outra cabo-verdiana que fez o curso comigo. E com outro rapaz que deixei de falar com ele porque era intriguista.

Luís – E nesta turma?

Sidneia – Eu gosto desta turma mas não quero apegar-me às pessoas porque depois levo patadas. Amigos lá fora, aqui não.

Luís – e como é o relacionamento com os professores?

Sidneia – Eu não falo muito nas aulas.

Luís – já sofreu algum tipo de discriminação?

Sidneia – Só na Segurança Social. Acho que me podiam ajudar. Estou a pagar uma casa de 200 euros e eles dizem-me que tenho de esperar até 2016. Eu não quero fazer dividas.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Sidneia – Gosto de Portugal. Mas Portugal é para quem tem. Quem tem posses, quem tem poder.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

## **Entrevista 2**

**Identificação do sujeito entrevistado:** Celina

**Idade:** 47 anos

**Data da entrevista:** 11 de julho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 60 minutos

Luís – Boa tarde Celina. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Celina – O meu ex marido já se encontrava em Portugal. Vim ter com ele.

Luís - Quando é que veio?

Celina – Em Novembro de 85 emigro para Portugal à procura de melhores condições de vida.

Luís – Veio com alguém?

Celina – Vim sozinha (risos) E ainda por cima foi a primeira viagem de avião. Ao chegar a Portugal encantei-me com tudo. Foi a minha primeira vez longe da minha querida mãe e irmãos, a primeira vez longe de tudo o que era meu de verdade, sem uma noção básica do que é deixar simplesmente para trás, foi assim que me tornei numa emigrante.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Celina - A primeira experiência profissional em Portugal foi a de empregada doméstica interna, a minha patroa chamava-se D. Branca ela tinha três filhos, dois rapazes e uma menina. Não tinha experiência nenhuma nesse ramo, mais a minha patroa ensinou-me algumas coisas, mas uns meses depois acabei por me ir embora por falta de pagamento.

Luís – e depois?

Celina – Depois desta primeira experiência de trabalho fui para uma aldeia em Vila Nova de Ourém também como empregada doméstica interna, também eles tinham filhos um rapaz e uma rapariga. O trabalho ali era duro, difícil porque era trabalho de campo, e as responsabilidades maiores, porque os meus patrões tinham uma pequena empresa do tipo despachante, ou seja faziam transporte de cargas de Portugal para França e vice-versa.

Luís – e mais recentemente?

Celina – A nível profissional trabalhei também como empregada de limpeza em casa de particulares do qual não posso queixar-me, tive a sorte de trabalhar com excelentes patroas, o curioso é que todas são professoras, fui tratada com muito respeito e admiração. Deixei as minhas patroas por motivo de saúde devido a uma operação a perna direita. Tempo depois fui trabalhar para os refeitórios através de firma de alimentação até entrar para o desemprego em 2010.

Luís – Como foi o seu percurso escolar no seu país?

Celina – Aos seis anos entrei oficialmente para a escola

Luís – Escola primária

Celina – Sim. E já sabia ler e escrever algumas coisas antes de entrar.

Luís – quem é que lhe ensinou?

Celina – a minha mãe.

Luís – e prosseguiu os estudos depois de ter feito a escola primária?

Celina – Na quarta classe as coisas complicaram chumbei no exame que se fazia na altura, e ainda havia a prova oral que para mim era uma tortura.

Luís – E depois... o que aconteceu?

Celina – mais tarde consegui ir para o ciclo preparatório numa zona chamada Calabaceira e mais tarde o liceu.

Luís – Estudou até que idade?

Celina – parei aos dezassete anos

Luís – Porquê?

Celina – A minha vida tomou outro rumo. Arranjei emprego no Hotel Praia Mar.

Luís – O que fazia?

Celina – Na área da restauração

Luís – Tem filhos?

Celina – 3.

Luís – Nasceram em Portugal?

Celina – O mais velho não.

Luís – E os outros?

Celina – Em Abril de 87 nasceu a minha filha na maternidade Alfredo da Costa em Lisboa, e em Julho de 88 nasce o meu filho. Passado algum tempo mudei-me para Setúbal. Acabei por separar do meu ex-marido, pois a convivência tornou-se insustentável e com algumas pessoas também do meu convívio principalmente algumas conterrâneas minhas.

Luís – Vivem consigo?

Celina – Hoje já são todos adultos. A minha filha vive na Holanda com a minha neta de dez anos, trabalha em *parte-time* numa escola à tarde e frequenta formação profissional de manhã. Sempre que posso vou visitá-la, o meu filho mais velho vive em Cabo Verde formou-se em gestão de empresa na universidade Jean Piaget em Cabo verde, e vivo com o meu filho mais novo.

Luís – Como veio parar ao IEFP?

Celina – foi por causa do desemprego. Fiquei em casa em 2010.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Celina – Cozinha e restauração.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Celina – Apesar das dificuldades da vida sempre tive a iniciativa de querer fazer algo para a minha formação e valorização pessoal.

Luís – Para além deste curso já fez outros?

Celina – Completei o ensino básico na escola Secundária Sebastião da Gama. Iniciei o secundário na mesma escola mas desisti para apoiar os meus filhos que na altura encontravam no ciclo preparatório. Eu trabalhava e estudava, a ideia era continuar mais tarde mas tal não aconteceu, mas fiz algumas formações de pouca duração como o inglês, informática etc.

Luís – O que tenciona fazer depois de concluir o curso?

Celina – Depois tenho o estágio.

Luís – Já sabe onde será este estágio?

Celina – Vai ser num restaurante.

Luís – E quais são as expectativas para o futuro?

Celina – Tenho fé em Deus. Tenho fé de que vou arranjar trabalho.

Luís – Relacionado com o que aprendeu no curso?

Celina – Sim. Aprendemos muita coisa aqui. Vamos ver.

Luís – Gosta do curso?

Celina – Gosto bastante, mas gostava que o curso tivesse mais prática.

Luís – O curso é muito teórico?

Celina – É porque muitas vezes não há ingredientes.

Luís – Ingredientes para cozinhar?

Celina – Sim. Mas quando há fazemos coisas espectaculares.

Luís – Tenciona regressar a cabo Verde?

Celina – Não está nos meus planos. (risos). Tenho a minha casa aqui. (risos)

Luís – Tenciona ficar em Portugal?

Sidneia – Sim.

Luís – Mas se não encontrar trabalho pondera ir para outro país?

Celina – Não sei.

Luís – Fez amizades com os colegas?

Celina – Sim, damo-nos todos bem.

Luís – E com os professores?

Celina – Damo-nos bem com os professores. Não tenho razões de queixa.

Luís – Já sofreu algum tipo de discriminação?

Celina – Muitas vezes. Às vezes chamam-me de preta. Não gosto disso.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Celina – (risos) Não professor.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

### **Entrevista 3**

**Identificação do sujeito entrevistado:** Zulmira

**Idade:** 59

**Data da entrevista:** 12 de junho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 40 minutos

Luís – Boa tarde Zulmira. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Zulmira – Os tempos eram outros e havia muitas dificuldade. (pequena pausa). Cresci numa zona pobre onde as pessoas viviam da pesca e da agricultura mas a pouco [pouca] chuva trazia épocas de seca e falta de alimentos.

Luís – Mas por que veio para Portugal?

Zulmira- A minha madrinha estava em Portugal e arranjou a casa de uma família portuguesa.

Luís – Porquê essa casa?

Zulmira – Vim à procura dum trabalho que desse uma vida melhor. Fui trabalhar para lá. Fazia todos os trabalhos domésticos, cuidava dos filhos dos patrões e aprendi a cozinhar pratos tradicionais portugueses.

Luís – Que idade tinha quando veio para Portugal?

Zulmira – Aos 17. Vim entre lágrimas e saudades. É verdade.

Luís – Veio sozinha para Portugal?

Zulmira – Sim. Com muito sacrifício.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Zulmira – Passei por várias patroas, inclusive um casal dinamarquês que quis levar-se [levar-me] para o país deles, mas na altura desisti desta viagem pois casei-me e tive a minha primeira filha.

Luís – E depois?

Zulmira – Mantive-me a trabalhar como doméstica durante anos e mais tarde trabalhei em escolas como auxiliar.

Luís – Como foi a sua vida escolar em Cabo Verde?

Zulmira – Fui para a escola aos sete anos. Aprendi a ler e a escrever. Era um tempo diferente, eu tinha apenas um caderno e um lápis e não havia manual escolar mas gostava muito da escola, ainda hoje lembro-me das canções que aprendi para decorar as primeiras letras.

Luís – Porque deixou a escola tão cedo?

Zulmira- Fiz o exame do quarto ano aos doze. Naquele tempo era assim. Nós eramos pobres. Não tínhamos possibilidades.

Luís – O que fez depois de deixar a escola?

Zulmira – Desde cedo ajudava a minha mãe em casa e quando terminei a escola fui para a ilha de S. Vicente trabalhar no negócio do meu irmão mais velho. Ajudava na loja dele e no trabalho doméstico.

Luís – Cá em Portugal porque decidiu voltar a estudar?

Zulmira – Inscrevi-me no centro de formação por estar desempregada e fui convocada para uma reunião onde propuseram-me fazer o curso de cabeleireira.

Luís – Fez esse curso? Qual foi a equivalência que lhe deu?

Zulmira – O 5º e o 6º.

Luís – E depois?

Zulmira – Depois fiz um curso de técnicas práticas comerciais em 2008, outro importante momento de aprendizagem que deu-me a equivalência ao 9º ano de

escolaridade. Tive oportunidade de estagiar no Jumbo e conhecer um novo ambiente de trabalho.

Luís – Gostou de fazer esses cursos?

Zulmira – Gostei. Foi através deste curso que comecei a interessar-me pelos computadores.

Luís – Qual é o curso que frequenta agora?

Zulmira – Cozinha e pastelaria.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Andreia – Porque continuo sem emprego e queria tirar o 12º ano.

Luís – Porque decidiu fazer este e não outro?

Zulmira – Inicialmente estava interessada em fazer um curso de cabeleireira pois já tenho carteira profissional de ajudante de cabeleireira e barbeiro mas como não foi possível encaminharam-me para este.

Luís – Está satisfeita com o curso?

Zulmira – Estou a gostar bastante do curso por estar a aprender matérias que desconhecia. Estou a aperfeiçoar as minhas habilidades na cozinha e adquirir novas técnicas. Tem sido um grande desafio acompanhar todos os trabalhos que o curso exige mas estou determinada a ultrapassar mais este desafio.

Luís – Como é o seu relacionamento com os colegas?

Zulmira – Eu dou-me bem com todos. Gosto de rir.

Luís – e com os professores?

Zulmira – Eu gosto dos professores. Ensinam bem.

Luís – Tem filhos?

Zulmira – tenho quatro filhas.

Luís – Estudaram?

Zulmira – As minhas filhas cresceram e estudaram mas até agora apenas uma formou-se. Tenho três netas que me dão muita alegria.

Luís – Para si é importante estudar?

Andreia – Sim, gosto muito de aprender.

Luís – Sente saudades do seu país?

Andreia – A gente tem sempre saudades do sitio onde nasceu e da família. Eu quando posso vou lá.

Luís – Como se sente em Portugal? Gosta de cá viver? Já sofreu algum tipo de discriminação?

Zulmira – Eu gosto de viver em Portugal. E já sou portuguesa porque estou cá há muitos anos. O que me chateia é a ingratidão das pessoas, principalmente familiar. Já me senti discriminada. Às vezes sinto-me como peixe fora de água.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Zulmira – Não tenho mais nada de especial. (risos).

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

## Mulheres de «Países de Leste»

### Entrevista 1

**Identificação do sujeito entrevistado:** Veronika

**Idade:** 35

**Data da entrevista:** 26 de junho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 60 minutos

Luís – Boa tarde Veronika. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Veronika – Foi uma decisão tomada por mim e pelo meu marido com apoio das nossas famílias. Quisemos melhor as vidas. E em parte conseguimos, já tenho a minha casa aqui comprada e paga.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Veronika – O primeiro, primeiro, primeiro trabalho era café, pastelaria enorme. Eu era empregada de mesa e balcão. Gostava do meu trabalho. O café era novo tinha tido uma remodelação. Tinha muita gente. Sai de lá passados cinco meses porquê. Porque patrão vendeu padaria. Foi um bom ganho, aproveitou-se. Depois as pessoas que vieram eram péssimas pessoas. Era patroa. Antes era um negócio de família, marido, mulher e filhos. O patrão tinha respeito por nós e nós por ele. Chegou a outra, zero, acabou-se. Não respeitava ninguém mandava todo o mundo. Estavam lá três empregadas todas saíram.

Luís – E depois?

Veronika – Depois de pastelaria... foi para aqui. Porque ali era em Aveiro.

Luís – Sim

Veronika – depois foi para Quinta do Conde. Trabalhava num bar. Mas não gostava havia muito fumo. Pronto café-bar. Havia Karaoke e deixavam fumar lá dentro. E para mim não agradava isso. E tinha de sair.

Luís – e depois disso?

Veronika – depois tentei abrir um café. Abri. Tratei de todos os documentos sozinha sem a ajuda de ninguém. Não estava a correr mal, pronto mas também a renda era muito cara eu pedi para baixar um bocadinho a renda. O trabalho que eu fazia quase não dava lucro. Pronto. Ele diz que não baixa. Mas à outra pessoa que veio baixou 200 euros e a mim não quis fazer esse favor.

Luís – sim...

Veronika - Vim para Setúbal. Isto era 3 anos mais atrás. Arranjei aqui trabalho na pastelaria do Bocage. Ali era escravatura porque trabalhávamos 9 horas por dia, uma folga na semana e 9 horas por dia. E pagavam-nos 500 euros. 9 horas por dia, seis dias por semana. Mas pronto estava lá porque precisava de dinheiro e depois apareceu uma oportunidade de ir para a Casa de J. H. S.

Luís – Como é que teve esse contacto?

Veronika - Havia uma nossa conhecida que trabalha lá. E disse que precisavam de pessoa para fim de semana. Porque ela era de 2ª à 6ª. Era só sábado e domingo que precisavam que alguém ficasse na casa dele e fui eu e a minha sogra. Duas pessoas. Fomos lá falámos com ele. E foi uma escolha entre mim e a minha sogra. Como tinha carta de condução, podia ir buscar alguma coisa que eles precisavam. Houve entrevista. Eles falaram um bocadinho e eles gostaram de mim. E disseram vamos tentar. Pouco a pouco fiquei na casa dele como se fosse família. Até hoje os filhos ligam para mim e cumprimentas. Parabéns pelos anos do Dinis, parabéns por isto... pelos anos. Pessoas muito simpáticas, muito inteligentes. Ah... só parte boa posso dizer delas. Fiquei lá quase dois anos.

Luís – Como foi o seu percurso escolar no seu país?

Veronika – há uma diferença enorme entre o ensino aqui e no meu país. A nível de escolaridade de lá é mais alto. Os professores tentam puxar mais pelos alunos.

Luís – São mais exigentes?

Veronika – sim, sim, sem dúvida. E acho a matéria dada mais do que a de cá. Sinceramente. Aquilo que vocês dão aqui de matemática no 7º lá eles dão no 5º. Só para comparação.

Luís – Estudou até que ano?

Veronika – Até ao 9º.

Luís – Tem filhos?

Veronika – Um com dois aninhos. O Dinis.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Veronika – Técnico de maquinação e programação.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Veronika – Eu não estava a trabalhar no momento. Estava com o meu filho já um ano e meio. Eu sentia cansada de estar em casa. Tinha de distrair, trabalhar. Surgiu oportunidade. Eu já estava inscrita no centro de formação. 12º ano. Era isso que eu precisava.

Luís – Porque decidiu fazer este curso e não outro?

Veronika - Porque neste curso vi futuro. Era uma coisa nova. Agora há muito progresso, coisas novas, computadores, o mundo não para sempre anda em frente.

Luís – Está a gostar do curso? Porquê?

Veronika – O curso é interessante. É computadorizado, com tecnologia. Acho que pode ser o meu futuro. Entrei, gostei e vou tentar seguir esta profissão. Dizem que é um curso mais para homens. Mas para mim é melhor ainda.

Luís – Como assim?

Veronika - Sem dúvida. Com os homens trabalha-se melhor. Não há tanta inveja. São mais amigos uns dos outros do que a parte feminina propriamente.

Luís - Conhece mulheres a desempenhar estas funções?

Veronika – Até hoje não. Mas em tudo. Mesmo nos sítios mais masculinos há mulheres a trabalharem e ao contrário. Há profissões mais femininas onde há homens que dominam aquilo tudo. Por exemplo, designers.

Luís – O que tenciona fazer depois de concluir o curso?

Veronika – Espero bem ir para estágio de melhor maneira como profissional. Vou tentar ser profissional. Tentar aprender o mais possível.

Luís – E quais são as expectativas para o futuro?

Veronika – Nunca se sabe. Mas espero ter um bom trabalho nesta área.

Luís – Tenciona regressar à Ucrânia?

Veronika – Não. Já não volto. A minha sogra já está cá em minha casa. E vou trazer em breve os meus pais para perto de mim. É esta a minha família. Depois lá não fica ninguém.

Luís – E se não encontrar emprego em Portugal?

Veronika - Se não conseguir arranjar um trabalho o que é que eu faria? Se há duas razões. Se tivesse algum dinheiro de parte gostava de ir para a faculdade. Estudar engenharia se possível. Se conseguisse um trabalho bom, dedicava-me só ao trabalho. Senão trabalhava e tentava estudar ao mesmo tempo.

Veronika – Pode ser. Nunca se sabe. Eu também sou ainda nova. Um dia posso ter uma proposta boa para ir para outro país trabalhar. Porque não? Mas não significa que eu não vou voltar para aqui porque eu tenho aqui casa.

Luís – Como é a relação com os colegas da turma?

Veronika – Não me dou bem com todos. É assim falo com toda a gente. Tento ser igual com toda a gente mas é impossível. O problema é que há pessoas que gostam de gozar com as outras, picar. Querem ver se a pessoa zanga-se que é para.... fazem isso. E a mim muitas vezes fazem.

Luís – E na sua opinião porque é que fazem isso?

Veronika – não sei se é por ser estrangeira. Não sei, mas fazem. E os professores dizem não liguem Veronika eles fazem de propósito para te chatear. E há inveja, sim senhor.

Luís – Inveja de quê?

Veronika – De eu tentar ser melhor. Eu tento aplicar-me, fazer as coisas bem, com gosto. Pronto. Eu prefiro fazer bem as coisas ou não fazer. Há muita gente que começa. Queres ser melhor, queres ser sempre a primeira. E depois sou prejudicada por isso.

Luís – Prejudicada como?

Veronika – À és gozada. Às vezes picada.

Luís – E como é a relação com os professores?

Veronika – Dou-me bem com os professores. Só há uma professora que eu não posso. Ela está sempre, sempre a falar e não pára. Dá cabo da minha cabeça.

Luís – Já sofreu algum tipo de discriminação?

Veronika – Óbvio. Sempre. Eu acho que qualquer país tem isto. É o seguinte: há os que vêm que és estrangeiro e tentam ajudar há outros que é aos contrário. Tentam prejudicar-te. Há os estrangeiros vêm para cá roubam o nosso trabalho. Roubam as mulheres os nossos homens e pronto. E... querem, que a gente saia daqui e são preconceituosas.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Veronika – Oh professor. Tem de perguntar!

Luís - Sim há mais uma questão que quero fazer-lhe. Está satisfeita com o facto de ter vindo para Portugal?

Veronika - Eu estou satisfeita em ter vindo para Portugal. Sim, entre aspas sim. Eu gosto. As pessoas são simpáticas, clima é bom também, sol. Praias, mar. É um país pequenino mas tem paisagens muito diferentes. É muito bom.

Luís – Tem saudades do seu país?

Veronika – Temos. Mas nosso país é muito maior que Portugal. E viagem é muito grande. Sei lá. Tens que ir 300 km para ires para a praia. E aqui 200/300 estás daqui a Lisboa ao Porto. É muito mais perto.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

## **Entrevista 2**

**Identificação do sujeito entrevistado: Ucrâniana 2 Irina**

**Idade:** 32

**Data da entrevista:** 19 de junho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 40 minutos

Luís – Boa tarde Irina. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Irina – O meu objetivo era o mesmo dos outros emigrantes que deixaram a Ucrânia e vieram para Portugal. Eu e o meu marido viemos à procura de uma vida melhor no estrangeiro.

Luís – Veio com o seu marido?

Irina – Viemos em 2005.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Irina – O meu marido na construção civil. Nos primeiros meses fiquei em casa, eu não consegui emprego. A falta de conhecimentos de Língua Portuguesa.

Luís – E depois?

Irina – Esforcei-me para aprender a língua. Passado algum tempo consegui emprego num restaurante.

Luís – E mais recentemente?

Irina – Mais recentemente trabalhei em cafés e restaurantes e em limpezas.

Luís – Como foi o seu percurso escolar no seu país?

Irina – Fiz o 12º ano na Ucrânia. Mas não tive equivalência académica aqui.

Luís – Pensou em prosseguir os estudos?

Irina – Sim pensei na Universidade, mas não podia ir.

Luís – Porquê?

Irina – Motivos pessoais.

Luís – Tem filhos?

Irina – Um.

Luís – Vive consigo?

Irina - Está na Ucrânia com a minha mãe. Tem oito anos.

Luís – Pensa em trazê-lo para Portugal?

Irina – Ele veio cá de visita e não quis ficar.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Irina – Aeronáutica.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Irina – Resolvi escolher um curso que pode permitir um bom emprego. Não quero fazer limpezas toda a vida. (risos).

Luís – Está a gostar do curso? Porquê?

Irina - Curso muito difícil e exigente. Mas na Ucrânia é mais exigente e difícil. Eu gosto mas não deveria incluir estrangeiros.

Luís – Porquê?

Irina – Estrangeiro tem muitas dificuldades em perceber tudo.

Luís – Essas dificuldades podem impedi-la de concluir o curso?

Irina – Não, não. Eu ter boas notas. Só tenho boas notas.

Luís – O que tenciona fazer depois de concluir o curso?

Irina – Depois do curso se não encontrar trabalho vou sair de Portugal.

Luís – E quais são as expectativas para o futuro?

Irina – Agora o principal é acabar o curso e depois fazer o estágio. Depois não sei ainda.

Luís – Tenciona regressar à Ucrânia?

Irina – Situação na Ucrânia não é boa. Eu tenciono ir para outro país que não a Ucrânia.

Luís – Fez amizades com os colegas da turma?

Irina – A relação com a turma não é... como posso dizer... muito boa. Mantém uma relação de afastamento porque é muito criticada nas aulas sempre que faz perguntas. E os portugueses são diferentes. Eu gosto de vestir bem para vir para as aulas. E de arranjar o cabelo. Os portugueses não são assim e olham. E se nos arranjamos olham para nós. Eu não gosto de ouvir o que dizem sobre a minha forma de vestir.

Luís – E como é a relação com os professores?

Irina – A relação é normal. Mas, acho que deviam ter mais atenção aos estrangeiros. Há professores que não se importam se percebemos ou não. Por isso, acho que não deviam aceitar estrangeiros nestes cursos.

Luís – Já sofreu algum tipo de discriminação?

Irina – Aqui não. Mas nos trabalhos às vezes. Os patrões às vezes levam muito tempo para pagar, é por sermos estrangeiras. O meu marido já trabalhou em obras e o patrão não pagou.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Irina – Não.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.

### **Entrevista 3**

**Identificação do sujeito entrevistado:** Alina

**Idade:** 27

**Data da entrevista:** 21 de junho

**Nome do entrevistador:** Luís Fonseca

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Duração:** 40 minutos

Luís – Boa tarde Alina. Obrigado por ter aceitado participar nesta entrevista. Nesta entrevista está garantido o seu anonimato.

– A primeira questão que lhe quero fazer é: Porque decidiu emigrar?

Alina – Vim ter com o meu marido. Ele veio em 2002, trabalhar nas obras e eu vim em 2006.

Luís – e porque decidiram vir para Portugal?

Alina – procura de vida melhor. Salários Baixos na Moldávia.

Luís – Como tem sido a sua vida profissional em Portugal?

Alina – Eu já trabalhei numa padaria, num café e em limpezas. O meu marido trabalha na construção civil.

Luís – Como foi o seu percurso escolar no seu país?

Alina – Fiz na Moldávia até ao 12º ano. Depois fui para a universidade. Estive no primeiro ano do curso de contabilidade e finanças na universidade, mas não completei.

Luís – Porque desistiu?

Alina – Porque não gostei.

Luís – Tem filhos?

Alina – Um.

Luís – Vive consigo?

Alina – Sim, nasceu cá.

Luís – Qual é o curso que frequenta?

Alina – Aeronáutica.

Luís – Porque decidiu fazer este curso?

Alina – Estava no desemprego e vim a uma reunião. Falaram-me em cursos e eu resolvi escolher este.

Luís – Está a gostar do curso? Porquê?

Alina – Não estou a gostar muito porque é muito difícil e exigente. E porque não percebo tudo.

Luís – Porquê?

Alina – Tenho muitas dificuldades em perceber a língua ainda.

Luís – Essas dificuldades podem impedi-la de concluir o curso?

Alina – Não. É isto que eu quero. Vou até ao fim. Eu esforço-me muito para ter boas notas.

Luís – O que tenciona fazer depois de concluir o curso?

Alina – Vou estagiar na Embraer. E quem sabe se gostam do meu trabalho. Eu esforço-me muito e trabalho bem. (risos)

Luís – E quais são as expectativas para o futuro?

Alina – Para já é fazer o curso para arranjar um bom emprego.

Luís – Tenciona regressar à Moldávia?

Alina – Só para ver a família. (risos).

Luís – E se não encontrar emprego em Portugal?

Alina – Eu e o meu marido temos de decidir.

Luís – Fez amizades com os colegas da turma?

Alina – Eu só tenho uma amiga na turma que é ucraniana. Falo com os colegas portugueses mas não muito. Sinto alguma vergonha por não falar bem. Mas os portugueses olham muito para nós por sermos estrangeiras.

Luís – e como é a relação com os professores?

Alina – Dou-me bem com os professores. Há aulas que gosto mais do que outras. Há aulas que não percebo nada. E depois em casa tenho de estudar muito.

Luís – Já sofreu algum tipo de discriminação?

Alina – Aqui ou ?

Luís – Sim aqui no centro, mas também lá fora.

Alina – Não sei se é discriminação. Mas já ouvi colega que dizia ucranianas estúpidas. Há colegas portugueses que não gostam muito de nós.

Luís – E fora do centro?

Alina – Muitos portugueses fala assim vocês roubam o nosso trabalho. Os estrangeiros vieram roubar os trabalhos aos portugueses. Mas nós trabalhamos.

Luís – Não tenho mais questões. Há mais alguma coisa que me queira contar?

Irina – Eu gosto de Portugal, nos outros países é pior com os estrangeiros.

Luís – Muito obrigado pela sua atenção.